



JOSEMAR BENITES

**Tekoha Laguna Piru-Cerrito:
memórias de um território étnico imaginado e sonhado pelos Guarani**





UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS
PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

UFGD
Universidade Federal
da Grande Dourados

JOSEMAR BENITES

**Tekoha Laguna Piru-Cerrito:
memórias de um território étnico imaginado e sonhado pelos Guarani**

Dissertação de mestrado em Geografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, da Faculdade de Ciências Humanas, da Universidade Federal da Grande Dourados – (UFGD), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Orientadora: Profa. Dra. Juliana Grasiéli Bueno Mota

Dourados, MS
2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

B465t	<p>Benites, Josemar. Tekoha Laguna Piru: memórias de um território étnico imaginado e sonhado pelos guarani. / Josemar Benites. – Dourados, MS: UFGD, 2022.</p> <p>Orientadora: Prof. Juliana Grasiéli Bueno Mota. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal da Grande Dourados.</p> <p>1. Tekoha Laguna Piru. 2. Guarani. 3. Memórias. I. Título.</p>
-------	---

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central – UFGD.

©Todos os direitos reservados. Permitido a publicação parcial desde que citada a fonte.

BANCA EXAMINADORA:

Presidente e orientadora:
Profa. Dra. Juliana Grasiéli Bueno Mota (FCH-UFGD)

Profa. Dra. Rosa Sebastiana Colman (FAIND-UFGD)

Prof. Dr. Jones Dari Goettert (FCH-UFGD)

Prof. Dr. Levi Marques Pereira (FAIND-UFGD)

Ao povo Guarani,
especialmente aos meus parentes,
que sonham com Laguna Piru.

Agradecimentos

Primeiro quero agradecer a Deus pela minha saúde que permitiu que eu pudesse chegar até aqui e conquistar meus sonhos.

Agradeço imensamente ao grande amor da minha vida, esposa e mãe dos nossos dois filhos, Simone Nering Mergens, por estar sempre ao meu lado me apoiando nas horas difíceis e boas, essa é uma conquista de toda família. É impossível não a agradecer, pois eu tive o seu apoio fundamental para me manter sempre forte na luta e para enfrentar várias barreiras até chegar aqui. Esta é mais uma etapa finalizada, onde muitas pessoas fizeram parte dessa conquista; pessoas a dividirem a vida comigo, de modo que nunca irei esquecer de todos àqueles que me ajudaram.

À minha grande família agradeço por acreditar em mim, todas energias positivas que vocês me passaram, isso me deu força muito grande para realizar mais uma vitória em minha vida, amo demais todos vocês. Fundamentalmente aos meus pais por sempre estarem comigo, são meus aconselhadores de sempre em minha vida e significam tudo o que é especial para mim. Sou muito feliz por ser o filho de vocês. Desejo sempre ao tupã que abençoe sempre suas vidas. Ainda, agradeço também aos meus sogros Garibaldi Mergens e dona Louir Nering. Os considero como meus pais e são pessoas muito especiais em minha vida.

Também agradeço, de todo o coração, à minha orientadora Juliana Mota. É uma honra tê-la como parte desse processo, você faz parte da minha vida e é uma excelente professora. Agradeço muito pela sua paciência comigo desde o início da minha formação até aqui.

Meus agradecimentos também à minha querida e amiga professora Rosa Colman e ao seu esposo Arnulfo que sempre me acolheram super bem em sua casa na cidade de Dourados-MS.

Agradeço aos colegas do grupo Geopovos-Ñandereko e a Coletiva Geografias Indígenas Gentes, Terras, em especial à minha colega Gislaine que sempre estava à disposição para me ajudar nas horas de regularização das documentações de matrículas, entre outras coisas.

Agradeço aos principais sujeitos que foram os responsáveis pelo bom andamento da pesquisa, aprendi e aprendo muito com vocês. Tenho um imenso respeito, admiração e amor. Essa grande conquista é compartilhada com Marilda Vera, Elmo Benites, Papito Samaniego, Raul Duarte (Chopin), Alexandre, João Benites (Professor), Carlos Vilharva. Foram tantos dias maravilhosos de aprendizado. Aguyjevete!

Meus últimos agradecimentos são à Secretária de Educação do Município de Eldorado-MS, pelo apoio e disponibilidade de passagens rodoviárias para que eu pudesse concluir o mestrado. Parabenizo o meu município pelo apoio na Formação Continuada dos professores indígenas da minha aldeia.

Lista de imagens

Imagem 1	19
Imagem 3 Primeira escola construída pelos indígenas da aldeia Cerrito. escola mbo'ero okara poty.	23
Imagem 4 Escola mboero okara rendy. primeira escola construída de madeira pelo órgão público municipal.	23
Imagem 5 Segunda escola construída de materiais pelo órgão público municipal escola mboero sayju – Cerrito. Fonte: Foto tirada pela liderança Elmo Benitez.	24
Imagem 6 Primeira escola de Alvenaria na aldeia Cerrito.	24
Imagem 7 Dia do Índio na Escola Indígena.	25
Imagem 8 Comemoração do Dia do Índio na casa do meu pai.	31
Imagem 9 Armadilha instalada próxima de córrego para caça de preás.	35
Imagem 10 Armadilha localizada entre os Caingúá.	36
Imagem 11 Documento escrito por Reinaldo Rodrigues a pedido de Elmo Benites, 1997.....	48
Imagem 12 Dia do Índio. Churrasco entre as famílias da aldeia Cerrito, casa do capitão Elmo Benitez. Fonte: acervo de Elmo Benites. Fotografia de 1997.	50
Imagem 13 Casa dos Padres funcionou como escola na retomada Tasukue ou Toma'í kue – Cerrito. Fonte: Acervo de Elmo Benites.	52
Imagem 14 Rufino Riquelme.	55
Imagem 15 Este mapa foi elaborado pela liderança Elmo Benites a pedido dos antropólogos americanos para registrar cada localidade das famílias da aldeia Cerrito.	57
Imagem 16	60
Imagem 17	68
Imagem 18 Carlos Vilhalva, Porto Lindo.	73
Imagem 19. Fonte: Trabalho de campo do autor, 2021.	93
Imagem 20. Fonte: Trabalho de campo do autor, 2021.	93
Imagem 21. Fonte: Trabalho de campo do autor, 2021.	95
Imagem 22. Fonte: Trabalho de campo do autor, 2021.	95
Imagem 23. Fonte: Trabalho de campo do autor, 2021.	96
Imagem 24. Fonte: Trabalho de campo do autor, 2021.	97
Imagem 25. Fonte: Trabalho de campo do autor, 2021.	98
Imagem 26. Fonte: Trabalho de campo do autor, 2021.	98
Imagem 27. Fonte: Trabalho de campo do autor, 2021.	99

Imagem 28. Fonte: Trabalho de campo do autor, 2021.	100
Imagem 29. Fonte: Trabalho de campo do autor, 2021.	101
Imagem 30. Fonte: Trabalho de campo do autor, 2021.	101
Imagem 31. Fonte: Trabalho de campo do autor, 2021.	102
Imagem 32. Fonte: Trabalho de campo do autor, 2021.	103

Painel Fotográfico

Painel fotográfico 1	91
----------------------------	----

Lista de cartografias

Cartografia 1. Famílias extensas de Cerrito.....	20
Cartografia 2 Tekoha Cerrito-Laguna Piru.	40
Cartografia 3 Aldeia Cerrito	41
Cartografia 4.....	47
Cartografia 5.....	104
Cartografia 6 Tekoha Laguna Piru. Fonte: Elaborado pelo autor, 2022.....	105
Cartografia 7. Tekoha Laguna Piru e seu entorno.	109

Lista de siglas

CAND - Colônia Agrícola Nacional de Dourados.

CAC – Compromisso de Ajustamento de Conduta

FAIND – Faculdade Intercultural Indígena

FUNAI - Fundação Nacional do Índio.

SPI - Serviço de Proteção ao índio.

SPILTN - Serviço de Proteção ao Índio e Localização de Trabalhadores Nacionais.

UFGD - Universidade Federal da Grande Dourados.

Sumário

Andanças de um guarani em campo	18
Povo Guarani	34
Primeiro capítulo	43
Companhia Matte Larangeira	44
Laguna Piru e Cerrito, os cercamentos	45
Retomada de tasukue ou Toma'í kue	51
Nascimento das fazendas	53
Segundo capítulo	58
João Benites	59
Sobre o tekoharã	62
Reinaldo Duarte da aldeia Cerrito	63
Senhor Papito Samaniego	67
Carlos Vilhalva de Porto Lindo	73
“Losa” cabeçante de turma na Laguna Piru	79
Entrevistado com Marilda Vera	82
Entrevista com Elmo Benites	83
Terceiro Capítulo	92
Lugar onde morou o senhor Toma'í	93
Primeira morada da fazenda Caseiro	95
Acampamento da igreja católica	96
Córrego Laguna Piru	98
Fazendas no território da Laguna Piru	99
Fazenda Celina	99
Fazenda Beleza Pura	101
Fazenda Jangada	102
Considerações finais	107
Referências	110

BENITES, Josemar. Tekoha Laguna Piru: memórias de um território étnico imaginado sonhado pelos guarani. 2022. 112 f. Dissertação (Mestrado em Geografia – Espaço e reprodução social: práticas e representações) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, UFCDourados – MS.

Ñe'ë mbyky'i

Ko tembiapo ha'e tekoha Laguna Piru ha Cerrito regua, ko tekoha opyta município Eldorado, Mato Grosso do Sul pe. ko arandu rupive ikatu jaikuaave tekoha Laguna Piru/Cerrito rehegua mbaeichapa raka'e yma ha koagagua, iporã namomandua ha jahechuka kuatiare ambue kuerape pe oiko akue pe tekohape. Ko tembiapo arandu jejapo rupive akuaa pe yvy ava mbaeha tee ha heta ñepytyvo, ñemongueta aguereko che parentegui ha ndahaeia che perientegui, ha che hae petei ava guarani pesquisador apegua teeva. Ko tembiapopy rupive ambaapo peicha, amoi taanga (fotos), ajapo cartografias (ta'anga jechukapy), ajapo entrevista (nemongueta ha neporandu) umi itujaveva ndive ha umi ambue kuera oikuaava ndive tekoha Laguna Piru regua. Iporã namombe'u ko tembiapo ndojehuri Mestrado ajapo javente, che mitã guive ahenduma vaekue Laguna Piru rehegua, upeagui che aikuaaseve akue ha upeagui che kyrey ajapo hagua ko tembiapo hesegua. Ko tembiapo ajapokuevo heta mbae aikuaa, heta raka'e oiko ambue kuera Laguna Piru pe, hape tekoha tuicha raka'e, upepe avei heta oi vaekue che pehengue kuera, upepe haekuera heta mbae oguereko akue. Hape tekoha ryepype heta ambue kuera oiko, ha oguatava pe tekoha tuichakue jave. Ore kuera guarani ndoropytaiva vaekue petei hendape, sapyante ova petei yvy iporãve hape, upeicha vaekue. Ore ava kuera yma rojerova sempre outro hendape (oguata), ha sapyante ambue kuera ova yvy iporã vehape, pira oive hape ha ñemarika iporã vehape, ha avei ikatu pehengue kuera oñehundi jave, ojererova outro hendape. Yma ava kuera ndoguerekoi akue kuation yvyre guare, oikominte akue. Karai kuera oquahe rire katu ndaikatuvei ojerova, ndaikatuvei oikoporã tekohape. Karai kuera ogueru cerca, divisa ha oñemomba'e yvyre ombyaty petei yvy apuape mbaretepe. Umi karai kuera ipratava fazendeiro kuera oike rire oñepyru oñemose mbaretepe ha oñepyru oiko ñorãirõ opaichagua. Heta mbae karai kuera ombotavy apupe umi ava kuerape ha oguerovapa rire petei yvy apuape sapyante ohose'y reheve ojegaraha mbaretepe oukatu oñemose jave. Upeicha ojehu raka'e ambue kuerare osemba hagua ha avei oñembokyhyjegui ha mbaeretepe osemba rakae Laguna Piru pegua.

Palavras-chave: tekoha Laguna Piru; Guarani; Memórias.

BENITES, Josemar. Tekoha Laguna Piru: memórias de um território étnico imaginado e sonhado pelos guarani. 2022. 112 f. Dissertação (Mestrado em Geografia – Espaço e reprodução social: práticas e representações) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, UFGD, Dourados – MS.

Resumo

Esta pesquisa é sobre o tekoha tradicional indígena Laguna Piru-Cerrito, localizado no município de Eldorado, Mato Grosso do Sul. Falar sobre o tekoha Laguna Piru-Cerrito é mergulhar nas histórias, memórias e cartografias das gentes que viveram e que se sentem parte desse lugar. Percebi e senti esse pertencimento a partir da pesquisa que foi construída no diálogo com parentes e não parentes, considerando que sou um pesquisador nativo guarani. Durante o trabalho de campo utilizei diversas metodologias: fotos, cartografias e entrevistas com os mais velhos e pessoas que são sabedores do tekoha Laguna Piru. Importante dizer que a pesquisa não foi feita no “tempo do mestrado”, ela antecede esse vínculo acadêmico. Passei a minha infância e juventude escutando histórias de Laguna Piru, e foi exatamente por isso que desejei e construí esta dissertação. Durante a minha vida, sobretudo durante o mestrado, aprendi que antigamente os meus parentes moravam em um imenso tekoha guasu, onde ocorriam uma intensa mobilidade de pessoas, parentes. Essa mobilidade permitia a construção de tapes (caminhos) e fazia parte do modo de vida guarani esses deslocamentos entre tekoha, que muitas vezes implicava no nascimento de um novo tekoha. Os indígenas se mudavam de um tekoha para outro conforme os recursos da natureza, como a escassez de caça e pesca; as impossibilidades de construção de roças; e eventos que impactavam as famílias, como a morte de parentes e as relações matrimoniais que quase sempre impulsionavam o “nascimento” e a “morte” do tekoha. Antigamente os indígenas eram livres. O tekoha, a terra, não era uma propriedade. Com a chegada dos não indígenas (karaí) os deslocamentos socioespaciais não foram mais possíveis. Com os karaí chegou o tempo do confinamento, de modo que fazer um novo tekoha passou a ser inviabilizado pelos cercamentos dos não indígenas, impondo aos índios deslocamentos forçados. Com a chegada dos fazendeiros, os indígenas foram expulsos de seus tekoha e sofreram as mais diversas violências: falsas promessas de uma vida melhor nas reservas, pressões, ameaças de morte e assassinatos. Essas práticas de violência propulsou a saída dos parentes que viviam em Laguna Piru, que diante de várias pressões e ameaças, tiveram que deixar seu lugar de origem.

Palavras-chave: tekoha Laguna Piru; Guarani; Memórias.

BENITES, Josemar. Tekoha Laguna Piru: memórias de um território étnico imaginado e sonhado pelos guarani. 2022. 112 f. Dissertação (Mestrado em Geografia – Espaço e reprodução social: práticas e representações) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, UFGD, Dourados – MS.

Resumen

Esta investigación trata sobre la tradicional tekoha indígena Laguna Piru-Cerrito, ubicada en el municipio de Eldorado, Mato Grosso do Sul. Estudiar sobre la Laguna Piru-Cerrito tekoha es sumergirse en las historias, memorias y cartografías de las personas que viven y se sienten parte de ese lugar. Me di cuenta y sentí que pertenecía a la investigación que se construye sin diálogo con padres y no padres, considerando que soy una investigadora indígena guaraní. En el trabajo de campo trabajamos con diferentes metodologías: fotos, cartografías y entrevistas a las personas más antiguas y conocedoras de Laguna Piru tekoha. Es importante decir que la investigación no transcurre en el “tiempo del docente”, precede a este vínculo académico. Pasé mi niñez y juventud escuchando historias de la Laguna Piru, justamente por eso quise y construí esta tesis. Durante mi vida, especialmente durante mi enseñanza, aprendí que en el pasado mis padres vivían en un enorme tekoha guasu, donde había una intensa movilidad de personas, padres. Esta movilidad permitió la construcción de cintas (carreteras). Estos cambios entre tekoha eran parte de la forma de vida guaraní, que a menudo implicaba el no nacimiento de una nueva tekoha. Los indígenas se mueven de una tekoha a otra según los recursos de la naturaleza, como la escasez de caza y pesca; las imposibilidades de construir en roca; y eventos que impactaron a las familias, como la muerte de los padres y las relaciones matrimoniales que siempre fueron impulsadas o “nacidas” y la “muerte” de tekoha. En el pasado, los indígenas eran libres. Tekoha, una tierra, no era una propiedad. Con la llegada de dos pueblos indígenas (Karaí), los desplazamientos socioespaciales ya no son posibles. Cómo llegó el karaí o la época del encierro, para que la confección de una nueva tekoha se hiciera inviable por los encierros de los dos no indígenas, imponiendo el desplazamiento forzado a los indígenas. Con la pérdida de dos campesinos, los indígenas fueron expulsados de su tekoha y sufrieron las más diversas formas de violencia: falsas promesas de una vida mejor en los resguardos, presiones, amenazas de muerte y asesinatos. Estas prácticas de violencia provocaron la salida de dos padres que vivían en Laguna Piru, quienes ante diversas presiones y amenazas decidieron abandonar su lugar de origen.

Palabras clave: Laguna Piru tekoha; Guaraní; Recuerdos.

BENITES, Josemar. Tekoha Laguna Piru: memórias de um território étnico imaginado e sonhado pelos guarani. 2022. 112 f. Dissertação (Mestrado em Geografia – Espaço e reprodução social: práticas e representações) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, UFGD, Dourados – MS.

Abstract

This is an investigation into the traditional indigenous Tekuna lagoon Piru-Cerrito Lagoon, located in the municipality of Eldorado, Mato Grosso do Sul. Study about Lagoon Piru-Cerrito tekoha es sumergirse en las historias, memorias and cartographies of the people who live and are part of this essay. I know and feel that the claim to the investigation that constitutes a dialogue with fathers and non-fathers, considering that I am an indigenous investigator. In the camp work we work with different methodologies: photos, cartography and interviews with the most anticipated and conjoined persons of Laguna Piru tekoha. It is important to note that the transcursive investigation is not at the "docent pace", it is preceded by academic academic. I have never heard the history of the Piru Lagoon, just because of this and the construction of this facility. Durante mi vida, especialmente durante mi enseñanza, aprendí que en el pasado mis padres vivían en un terreno tekoha guasu, donde había un intenso movimiento de personas, padres. It is permissible to allow the construction of roads (carreteras). These roads are included in the guarani screw shape, which implies the absence of a new tekoha. Indigenous people move from one place to another to find the resources of nature, such as the escape of hunting and fishing; the impossibilities of constructing rock; and events that affect families, such as the death of their fathers and their matrimonial relationships, which always have impulses or "nationalities" and the "death" of the time. In the past, indigenous people are free. Tekoha, una tierra, no era una propiedad. With the league of indigenous people (Karái), the socio-specific displays are not only possible. How to get rid of clutter or clutter, so that the configuration of a new thread is invisible to the clutches of those indigenous people, imposing the forced displacement on the indigenous. With the camping curtain, the indigenous fuels exploding from their tekoha and suffering the most diverse forms of violence: false promises of a major screw in the guards, pressures, threats of death and assassinations. These practices of violence provoke the departure of the people that live in the Piru Lagoon, which against various pressures and threats decide to abandon their place of origin.

Keywords: Piru Lagoon tekoha; Guarani; Memories.

Os brancos sempre escreveram sobre nós.
Agora somos nós,
que também escrevemos.

Andanças de um guarani em campo



Imagem 1

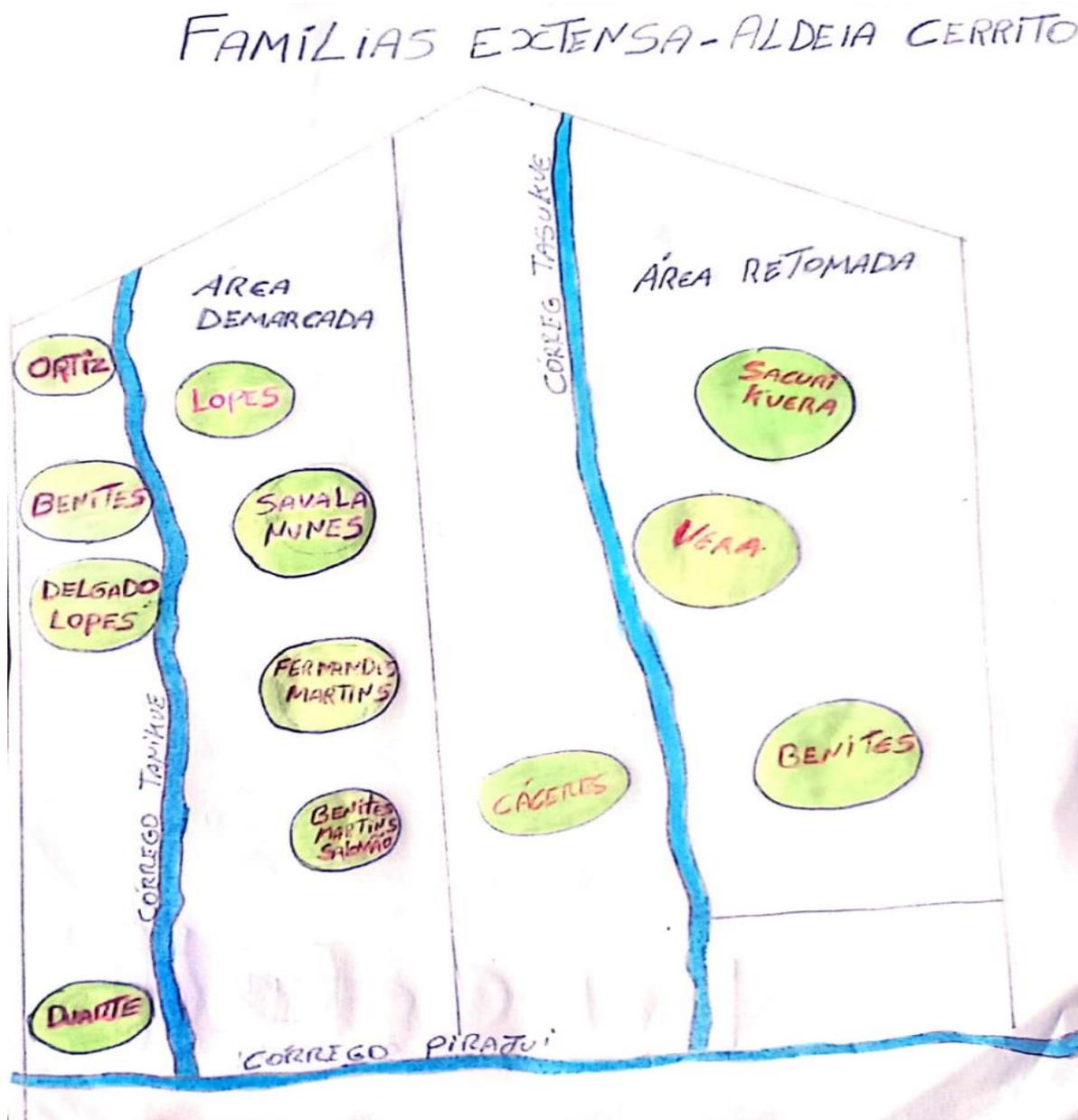
Fonte: Trabalho de campo do autor, 2021.

Andanças com meu pai Elmo Benites, irmão Eldinho Benites e cunhado Dickson Vilharva.

Sou Josemar Benites, do povo Guarani Ñandeva, nativo da terra indígena Cerrito-Laguna Piru, localizada no sul de Mato Grosso do Sul, município de Eldorado, região fronteiriça com Paraná e Paraguai. O meu lugar é uma aldeia que foi identificada como terra indígena em 1988. Todavia a sua reocupação se deu somente 1993.

A área da aldeia, território zona na lógica do Estado, já havia sido declarada terra indígena no ano de 1991, e sua homologação ocorreu em 1992. Em 2002, os índios passaram a reivindicar a terra que ficou fora do reconhecimento do Estado, retomando uma parte da área de ocupação tradicional que não foi reconhecida pelo Estado. Atualmente Cerrito-Laguna Piru conta com área de 1.950 hectares e está localizada entre os rios Pirajuí e Tanikue. A área em litígio, que se localiza próximo ao rio Tasukue ou Toma'í kue, ainda não foram demarcadas (COLMAN, 2015).

A minha aldeia tem uma população 586 pessoas (SESAI, 2014) divididas em 13 famílias extensas ou parentela, sendo elas: 1. Benites; 2. Vera; 3. Martins; 4. Fernandes; 5. Vilharva; 6. Nunes; 7. Samaniego; 8. Nering Mergen; 9. Duartes; 10. Lopes; 11. Delgado; 12. Montanias; 13. Centurion.



Cartografia 1. Famílias extensas de Cerrito. Elaborado pelo autor, 2022.

As parentelas são compostas por vários te'yi. Antigamente habitavam grandes casas comunais, ogapysy (também usa-se falar te'yi oga), que chegavam a comportar entre dez e sessenta famílias nucleares que se organizavam coletivamente no cultivo da terra (povos

agricultores), da caça e da pesca (SUSNIK apud MOTA, 2017). A construção das casas comunais dependia de seis condições básicas, e, segundo Levi Marques Pereira (2004, p. 196), correspondiam:

- a) A fertilidade do solo nas proximidades, onde possam implantar as roças; b) localização de água corrente ou nascente de água potável; c) proximidade de áreas de caça e pesca; d) o espaço a ser habitado por espíritos benéficos ou hostis ao convívio próximo das pessoas; e) relações de vizinhanças entre fogos e parentelas; f) bem como aspectos estéticos do relevo e da vegetação.

A aldeia é atualmente composta pelas etnias guarani e kaiowá falantes da língua guarani. Na aldeia também já se encontram alguns moradores não-índios e paraguaios residindo na terra indígena, porém isso não impede de a língua guarani ser valorizada, pois não se encontra nenhuma criança indígena que fale o português como primeira língua; a meu ver, isso demonstra que os pais não ensinam o português nas famílias.

Em minha aldeia é possível encontrar floresta, domínio da Mata Atlântica, apesar das grandes transformações da paisagem causadas pelos fazendeiros. No meu lugar se encontra remédios tradicionais, animais e frutas nativas. Algo muito interessante, e importante na minha aldeia, é que existem três rios (tasukue, Toma'í kue e pirajui) e eles são importantes para a vida coletiva da nossa comunidade. Nós os utilizamos para pescar, tomar banho e lavar roupas, sobretudo, as crianças adoram tomar banho nos rios e brincar. Os rios são importantes para a nossa aldeia em diversos aspectos; quero destacar que na área demarcada existe saneamento básico, mesmo que precário, existe. Todavia, nem todas as famílias possuem condições para fazer o encanamento com a intenção de ter acesso à água em suas casas e, por esse motivo, reforça-se a importância dos rios. Se na aldeia não tivessem os rios a situação de acesso à água para as pessoas da comunidade seria muito complicada; esta situação piora quando a bomba d'água estraga e, em decorrência da demora de sua manutenção, o acesso a ela pelas famílias se agrava.

A aldeia Cerrito-Laguna Piru é dividida em várias áreas. Na área de Toma'í kue, que não é demarcada, não existe saneamento básico e as famílias usam água diretamente dos rios ou das nascentes em suas casas.

Como morador da aldeia Cerrito-Laguna Piru quero contar um pouco sobre minha vida. Sou casado há doze anos com uma não-indígena, a Simone Nering Mergen, e tenho dois filhos, Maria Eduarda Mergen Benites e Jhon Lennon Mergen Benites. Isso significa que parte da minha família é da etnia guarani, compondo uma rede de parentesco que tem atualmente como base meu pai que se chama Elmo Benites, e minha mãe, Marilda Vera. Meus pais tiveram quatro

filhos e três filhas. Recentemente adotaram uma criança que se chama Julia. A outra parte da minha família vem da relação-encontro com minha esposa, que é descendente de alemães e italianos; da perversidade que o mundo não indígena se apresenta para os indígenas, o encontro com minha esposa é uma boa história-trajetória.

Quero compartilhar minha trajetória de vida para que possam compreender as minhas preocupações na construção desta dissertação de mestrado em Geografia. Sou professor indígena na escola Mbo'eháro Tava Okara Rendy. Atuo nessa escola há 10 anos. A minha formação acadêmica foi construída na Faculdade Intercultural Indígena, no Teko Arandu, na área de Ciências Humanas e durante a minha formação passei a me interessar pela Geografia.

Comecei a estudar na escola da minha aldeia, meu primeiro professor foi João Benites Riquelme, que é o segundo professor mais antigo e atua na escola há mais de 25 anos. Ele também é um dos fundadores do Movimento de Professores Guarani e Kaiowá, acompanhou profundamente a criação do Ara Vera “Magistério Indígena” e do Teko Arandu.

Havia duas escolas na aldeia quando eu comecei a estudar: uma escola era de alvenaria e outra de madeira. A primeira escola que tive acesso era de alvenaria, e as aulas eram ministradas pelo professor João Benites, e atedia da 1º à 5ª série. Aproveito para compartilhar imagens das escolas em Cerrito a seguir:



Imagem 2—Primeira escola construída pelos indígenas da aldeia Cerrito. Escola *mbo'ero okara poty*. **Fonte:** Acervo pessoal, 1990.



Imagem 3 –Escola mboero okara rendy. primeira escola construída de madeira pelo órgão público municipal.
Fonte: Foto tirada pela liderança Elmo Benitez.



Imagem 4 –Segunda escola construída de materiais pelo órgão público municipal escola mboero sayju – Cerrito.
Fonte: Foto tirada pela liderança Elmo Benitez.



Imagem 5 – Primeira escola de Alvenaria na aldeia Cerrito.
Fonte: Acervo pessoal.



Imagem 6 – Dia do Índio na Escola Indígena.
Fonte: Prefeitura de Eldorado, 2018.

Na escola onde eu estudava havia somente uma sala de aula, dois banheiros, uma sala de biblioteca, uma sala de dispensa e uma sala de cozinha. A sua eletricidade era fornecida por uma placa solar com bateria acoplada. Naquela época a prefeitura municipal de Eldorado não fornecia transporte escolar para os alunos da aldeia que tinham que se deslocar de sua casa a pé até a escola. Enfrentei várias dificuldades e diversas situações delicadas quando comecei a estudar.

A minha mochila era um pacote de arroz e eu a adorava, na maioria da turma era assim, porque boa parte dos pais quase não tinham dinheiro para comprar o material escolar. E toda vez que acabava o arroz do pacote eu chegava a brigar com os meus irmãos para ver com quem ficaria o novo pacote para carregar os livros e os cadernos.

A minha casa ficava a mais de 3 quilômetros da escola, às vezes pegávamos chuva na estrada, o que molhava todo nosso material; eu conversava com os colegas sobre a possibilidade de a chuva estragar o nosso material escolar, mas não sobre o que aprendemos na escola. À época, a vida da comunidade era muito mais difícil do que é hoje, sobretudo ao acesso à educação e à saúde.

Quando ingressei no ensino fundamental e no ensino médio, em escolas que estavam situadas na cidade, foi um momento de grandes desafios que enfrentei. Tive de me adaptar aos ambientes, às diferenças de pensamentos, visões, convivências, regras e normas totalmente diferentes da realidade e dos conhecimentos indígenas. Desde minha infância sonhava em ser

um grande educador na minha comunidade, por isso nunca desisti de estudar para realizar este sonho.

Hoje, como professor indígena formado na licenciatura Teko Arandu, afirmo que é um privilégio trabalhar como professor na minha comunidade. Comecei como professor substituto na escola mboero tava okara rendy, um grande passo para seguir a carreira como educador. A experiência me proporcionou um grande avanço para ser aprovado no vestibular específico para os povos Guarani e Kaiowá no estado de Mato Grosso do sul em uma universidade pública federal, a UFGD (Universidade Federal da Grande Dourados). Cursei o nível superior na área de Ciências Humanas na Licenciatura Intercultural Indígena – Teko Arandu.

Como educador adquiri muitas experiências na escola, na comunidade, no diálogo e na parceria com as lideranças indígenas. Na universidade vivi uma experiência muito significativa com os demais acadêmicos indígenas, e as pessoas mais velhas, os rezadores, que também são professores. Uma das experiências é que o professor não precisa dar aula somente em sala de aula, precisa ir além, buscar alternativas de ensino-aprendizagem fora da sala de aula. As lideranças, os rezadores, as comunidades têm visto com esperança a educação escolar indígena, compreendida como uma ferramenta importante para melhorar a vida da comunidade, do povo Guarani. Os professores são considerados como porta-vozes da comunidade e precisam ter suas práticas para defender os direitos constitucionais pelo território e pela educação.

Na atualidade, a Aldeia Cerrito vive situações em que a comunidade não se fortalece e não valoriza, como antigamente, os costumes tradicionais. Devido a chegada das igrejas evangélicas, em 2002 na aldeia, aos poucos enfraquece e impacta a comunidade, já que, de modo geral, houve grandes mudanças na vida social em relação à crença e aos costumes tradicionais, bem como sobre os conhecimentos tradicionais após este contato. Tal situação é um grande desafio para as lideranças indígenas, professores, escolas, rezadores, entre outros, pois precisamos lidar com muita sabedoria e equilíbrio para alcançarmos o bem-estar social entre as comunidades indígenas. Hodiernamente, na aldeia Cerrito, existe apenas uma ou duas rezadoras tradicionais que ainda praticam o jerokey, cito-as: a dona Martina Martins, esposa do rezador Roberto Martins (falecido); e a dona Marina, uma grande conhecedora dos saberes tradicionais do povo Guarani, da minha comunidade. A dona Marina sabe batizar as crianças de acordo com a nossa cultura.

Algumas pessoas da comunidade vivem um momento conturbado dentro da religião não indígena, algumas pessoas da minha família entraram e saíram da religião não indígena, e no meu ponto de vista isso pode ser muito ruim para a manutenção do avá reko (no jeito de ser

guarani), que é modo de se relacionar entre si, com a natureza e os mais diversos deuses que habitam o mundo.

A chegada da religião não indígena pode ser percebida pelos cinco ministérios evangélicos que atualmente existem na minha aldeia. Percebo que o objetivo desses ministérios é integrar os indígenas à sociedade não indígena, assim como sempre foi o objetivo da chegada da religião nas terras dos índios, desde que o branco invadiu nossa terra e se colocou como o “descobridor” do Brasil. Nesse aspecto é muito interessante a reflexão de Boaventura de Souza Santos (1993, p.06-.07) sobre o que seria o descobrimento:

[...] existe uma diferença radical entre descobrir uma coisa e descobrir um ser humano: descobrir um ser humano explica reciprocidade. Quem descobre é descoberto. Ser por qualquer razão essa reciprocidade é negada ou ocultada, o acto de descobrir, sem deixar de o ser, torna-se simultaneamente um acto de encobrir. A negação ou ocultação da reciprocidade assenta sempre no poder de negar ou ocultar a humanidade de quem é descoberto. Só assim é possível descobrir sem se descobrir, pôr a nu sem se pôr a nu, identificar sem se identificar, encontrar sem se encontrar, ver sem se ver. A modernidade é uma vasta teia de reciprocidades negadas: entre o sujeito e objeto, entre a natureza e o homem, entre o civilizado e o selvagem, entre o sagrado e o profano, entre o indivíduo e o Estado, entre o patrão e o operário, entre o homem e a mulher, entre jovens e velhos. Os descobrimentos de (mais de) quinhentos são como que a metáfora fundadora da negação moderna de reciprocidade. São, pois, tão decisivos como descobrimentos quanto como encobrimentos.

A ideia de “descobrimento” habita as práticas das igrejas nas terras indígenas, sua principal função é transformar os indígenas em não indígenas, o que impacta o nosso modo de viver. Muitas famílias abandonam a religiosidade guarani para participar da religião não indígena. Isso provoca um esquecimento da memória coletiva guarani, seja sobre seu modo de vida, seja sobre seus lugares de origem. É nesse aspecto que a formação de professores e pesquisadores guarani se torna imprescindível para os povos indígenas, uma vez que esses professores-pesquisadores estão reconstruindo a história dos índios, uma história elaborada pelos próprios índios.

Esta pesquisa foi escrita por mim, que sou um indígena guarani, com o desejo de cartografar as geografias afetivas do meu povo em relação ao tekoha étnico Laguna Piru-Cerrito. Ser pesquisador guarani é ser conhecedor da minha própria história ancestral, de modo que minha pesquisa é de extrema importância para minha comunidade e para as futuras gerações. A nossa história, assim como a nossa geografia, não pode ser esquecida. A pesquisa, nesse sentido, tem esse papel importante, registrar o que não poderá ser esquecido e perdido, sobretudo quando estamos falando do nosso lugar de origem, nosso *tekoha*.

Na caminhada de pesquisa e escrita desta dissertação tive que ter determinação e coragem para enfrentar os trajetos que me permitiram chegar até aqui. Quero dizer que ser pesquisador guarani é possuir uma função muito importante dentro da comunidade. Nós somos responsáveis em registrar os acontecimentos dos antepassados para que nossa história não se perca, pois a nossa maior importância é escrever uma história e uma geografia que siga viva na memória do povo Guarani.

Tive uma experiência muito grande sobre como fazer trabalho de campo, mas, sobretudo, como construir uma pesquisa com procedimentos metodológicos que pudesse reconstruir as histórias e geografias de Laguna Piru-Cerrito. Sempre escutei as histórias do meu povo, desde pequeno ao redor do fogo, tomando mate, ou em uma roda de conversa tomando tereré. Não obstante, é importante destacar que a educação indígena começa na beira do fogo, lugar privilegiado para os pais aconselharem e ensinarem aos seus filhos. Os conselhos e ensinamentos têm como objetivo a manutenção de um modo de vida que precisa ser bom, tranquilo, sem conflitos, o que a gente chama de teko porã. Sentar-se à beira do fogo é muito importante para as crianças, uma vez que faz parte de sua formação. Quando eu era criança, era piá, sempre lembro desse momento junto aos meus pais e junto aos meus avós.

As pessoas mais velhas da nossa comunidade contavam sobre o modo de vida indígena antes da chegada dos não indígenas (*karai*). Era um modo de ser muito diferente do que é hoje. Na construção dessa dissertação foi importante escutar essas histórias com um olhar de pesquisador-nativo. Aprendi muito sobre o nosso modo de vida. Fazer pesquisa é uma outra forma de estar com as pessoas, de estar com os parentes, de escutar os mais velhos, para mim foi uma experiência muito interessante. O que mais me emocionou foi aprender que eu poderia fazer muito mais do que escutar sobre a vida do meu povo, foi compreender que eu poderia produzir junto com eles (e como parte deles) fotografias, entrevistas e cartografias, inclusive selecionar imagens e narrativas a partir do diálogo com as pessoas.

Como pesquisador-nativo também aprendi que é possível ser pesquisador sem deixar de ser indígena. E ser pesquisador é uma oportunidade para valorizar o mundo guarani. Mesmo sendo indígena guarani, falante da língua guarani, foi um desafio a construção desta dissertação. Primeiro precisei interagir e dialogar com os parentes e não parentes sobre Laguna Piru-Cerrito, que entendo como um tekoha sonhado e imaginado pelo povo Guarani. Fazer pesquisa exige muita organização, sistematização e uma relação com as pessoas que às vezes não é tão simples, estar na aldeia, na condição de pesquisador, é um grande desafio. Muitas pessoas estão acostumadas com os não indígenas na aldeia, sobretudo com os antropólogos. Às vezes é difícil

que os parentes reconheçam a gente como um pesquisador, mas, ao mesmo tempo, percebi o orgulho da minha família e amigos ao me verem fazendo pesquisa e ter escolhido Laguna Piru como “objeto” de análise.

Na condição de pesquisador, seja indígena ou não indígena, foi imprescindível a confiança, sobretudo em “passar” para a dissertação o que foi me dito na língua guarani e depois o desafio de traduzir para o português. Nessa dissertação as entrevistas estão em guarani com tradução para a língua portuguesa. Quero compartilhar também que mesmo sendo um pesquisador-nativo, e ter acesso fácil aos meus parentes na aldeia Cerrito, fazer pesquisa é interferir na vida cotidiana da aldeia, que passa a ser regida também pela curiosidade de um pesquisador guarani.

Durante a realização deste trabalho aprendi que é preciso ter paciência e que se leva alguns dias para se sentir confiante diante de um gravador. Uma coisa é conversar com as pessoas na roda de tereré, sem a condição de pesquisador, sem gravador. Percebi que as pessoas ficam envergonhadas quando ligo o gravador do celular. Nos trabalhos de campo sempre fui recebido com muita alegria pelas pessoas entrevistadas. No diálogo aprendi que é preciso respeitar as memórias que estão vivas nas pessoas porque, em determinados momentos, elas possuem uma memória árdua, feliz ou de tristeza, e, na condição de pesquisador, não temos controle sobre como irão lidar com nossas perguntas em relação à pesquisa. Quero dizer que não foi fácil encontrar as famílias que conheciam a história de Laguna Piru; muitas delas já faleceram ou moram em outras aldeias e até mesmo em outro estado. Chegar até essas pessoas foi um desafio pela minha condição financeira, como professor indígena eu não tinha tempo para me deslocar para tão longe e quando tinha tempo, não tinha dinheiro. A dificuldade que surgiu para o bom andamento da pesquisa foi a parte financeira, não recebi bolsa de pesquisa do governo federal e, por isso, não tive recurso suficiente para me deslocar da minha aldeia para outras aldeias.

Outro desafio importante foi a pandemia da COVID-19. Parte do meu mestrado eu estive envolvido com a construção das barreiras sanitárias na minha comunidade. Essas barreiras foram importantes para “barrar” a chegada do coronavírus, de modo a evitar os trânsitos entre os moradores e visitantes dentro de Cerrito, as barreiras e a sua manutenção cotidiana passaram a fazer parte do cotidiano dos professores. As aulas ficaram suspensas por um tempo a fim de impossibilitar a contaminação, assim como os limites da aldeia foram fortemente vigiados para não permitir a entrada de pessoas, seja indígena (de outras aldeias) e não indígenas.

No percurso da pesquisa aprendi que os guaranis têm em sua memória uma geografia afetiva que está presente na paisagem, ainda que muito distinta da existente hoje, com suas múltiplas transformações, permanece viva na memória das pessoas. Fazer campo com meu pai Elmo Benites, cartografando e fotografando lugares-paisagens, e escutando suas histórias e geografias, percebi a presença do tempo de os antigos tornar-se vivo a cada explicação sobre o mundo guarani. Caminhamos pelas divisas da aldeia Cerrito-Laguna Piru que fica entre a fazenda Candeia. Foi nessa caminhada-passeio que meu pai foi me relatando e me ensinando sobre os lugares mais importantes da aldeia Cerrito.

Nessa conversa meu pai lembrou de uma fotografia (imagem a seguir), que representa um momento importante para ele, um acontecimento que ocorreu na década de 1990, quando ainda era capitão. Naquela época meu pai era uma importante liderança, e é essa capacidade de liderar fez dele capitão durante muitos anos, possivelmente por quase trinta anos.



Imagem 7—Comemoração do Dia do Índio na casa do meu pai.

Fonte: Acervo pessoal de meu pai, década de 1990.

Durante o passeio meu pai foi relatando sobre as áreas que foram desmatadas em meados do século XX pelos fazendeiros, e relembrando os momentos históricos sobre a vida de Laguna Piru, os processos de expulsão das famílias e o início do processo de demarcação de terra na aldeia Cerrito. E no proveito desse passeio meu pai dizia, insistentemente, sobre a importância de preservar as florestas, as águas, as minas, as nascentes e as plantas medicinais. Para isso elaboramos uma descrição do território em torno da Terra Indígena Laguna Piru no período

anterior a ocupação dos não indígenas, que consta no terceiro capítulo desta dissertação. A maioria das famílias que conheceram ou moraram no tekoha Laguna Piru são falecidos, segundo relatos dos meus interlocutores. Após a chegada dos fazendeiros, respectivamente, a transformação de Laguna Piru foi se dando por meio das plantações de algodão e da criação de gado, que tiveram uma relação direta com a expulsão das famílias.

Por meio desta pesquisa procurei entender melhor como era a vida das famílias e o porquê do nome de Laguna Piru. Meu desejo é que as pessoas saibam sobre o início da invasão do nosso território pelos não-índios e sobre as transformações na vida comunitária, na reprodução social, nos lugares sagrados e nas paisagens naturais da região. Houve uma transformação muito grande da paisagem e na vida das pessoas, na vida dos meus parentes.

Atualmente, menos da metade do nosso território está ocupado pelos indígenas, o restante ainda é ocupado por fazendas e usinas. O nosso território era uma imensa floresta fechada com muita água cristalina. Existia grande número de diversidade de animais antes da exploração causadas pelos fazendeiros e a chegada da igreja católica. As famílias praticavam fortemente a sua cultura, costumes e suas crenças, não havia muita preocupação com a falta dos alimentos porque a natureza era rica em sustentabilidade (por exemplo a roça, a caça e a pesca). Era um tempo de muita fartura.

Atualmente muitos alimentos tradicionais estão sendo esquecidos porque deixaram de fazer parte da dieta cotidiana, e isso tem sido uma preocupação enorme para a manutenção do nosso avareko. Algumas famílias ainda preservam alguns costumes ancestrais, mas a cada dia se torna mais difícil porque a escassez de mata e de terra, e ainda da impossibilidade de construir tekoha, coloca em risco o nosso modo de viver, assim como a forma como alimentamos o nosso corpo e a nossa alma.

Sentar-se para escutar as histórias tomando mate ou tereré é escutar sobre modos de fazer e comer dos antigos. Comidas como: “jopara (feito de milho branco); jety mbichy (batata assada na brasa do fogo); pirekai (mandioca assada); kumanda (feijão), se coloca de baixo de cinzas de fogo para assar); chipá (feito de milho verde), primeiro o milho é ralado e depois é colocado no fogo); Chipá Mbaipy (caldo de milho), é feito de milho verde; Pirekai (mandioca assada), é preparado no mesmo modo do preparo do jety mbichy, primeiro o milho é ralado e se cozinha com algumas carnes de caça como tatu ou com carnes compradas; Mbeju, é feito de um derivado da mandioca através da fécula, amido extraído da raiz, também chamado de polvilho; O mel é extraído do mato e serve como açúcar nas bebidas tradicionais como chicha. Entendo como importante dizer que algumas famílias plantam para consumo próprio e outras

vendem os produtos fora da aldeia como, por exemplo, a mandioca na fecularia. Atualmente, a dificuldade é a exigência de DAP (Declaração de Aptidão do Pronaf), um documento fiscal para comercializar produtos fora da aldeia.

Todas essas práticas de saber preparar os alimentos são ensinados pelos mais velhos às crianças. Primeiro pela observação e, depois, fazendo junto. Aprender a cozinhar é parte da educação guarani, da cultura guarani. Nos dias de hoje é cada vez mais frequente o consumo de alimentos industrializados na comunidade. Este consumo de alimentos processados e ultraprocessados são ricos em sódio e açúcar que impactam a vida das pessoas. As bebidas alcoólicas também têm gerado um grande risco à saúde da minha comunidade.

Durante a pesquisa escutei muito sobre as danças e cantos, como: jeroky, guahu, guaxiré. Esses cantos e danças compõem uma tríade indissociável: dançar-rezar-cantar. É por meio da dança-reza-canto que se batiza as crianças a partir do costume tradicional da nossa aldeia. Permite que aos xamãs, ñandesy e ñanderu, possam se comunicar e se encontrar com as divindades, com os criadores ancestrais. É pela dança-reza-canto que o futuro da existência guarani, da Terra, será possível. Isso ocorre porque os ñanderu e as ñandesy são os guardiões do conhecimento, da possibilidade de diálogo com outros patamares celestes, como tem demonstrado as pesquisas de Eliel Benites (2020).

O jeroky é feito por xamãs com o uso da maracá, taqua. Isso ocorre quando xamãs realizam encontros, uma grande festa, para cantar-dançar-rezar. Nessa festa vem junto o guahu e guaxiré, ambos são festas da alegria. O guahu é mais kaiowá, o guaxiré é mais guarani. Esse momento era o tempo da fartura, o tempo das festas. No jeroky, a festa de batismo do milho e das crianças, era um momento de muita fartura de comida, de danças e de rezas, o que já é difícil de acontecer nas comunidades indígenas.

Deisy Lucy Oliveira Montardo (2002, p. 12-13), em uma densa pesquisa sobre música para o povo Guarani, faz uma importante constatação a partir do que aprendeu em trabalho de campo, sobretudo com a ñandesy kaiowá Odúlia Mendes.

Para os Guarani, a música em seu ritual cotidiano é um caminho a percorrer ao encontro dos deuses. Este caminho não está isento de perigos e obstáculos, o que aparece nas coreografias de lutas, nas quais realizam movimentos de ataque e defesa. Os Guarani pretendem, neste caminho realizado no ritual, embelezar e fortalecer os corpos, dotando-os de força e de alegria, combatendo a tristeza. É de sua responsabilidade essa espécie de treinamento e preparação para a vida, o que garante a sobrevivência do grupo e a manutenção da própria terra, numa ação análogo à desenvolvida pelos deuses.

Povo Guarani

Os Guarani Ñandeva ou Ñandeva se reconhecem como Guarani no estado de Mato Grosso do Sul e integram o grande povo Guarani, sendo eles os Guarani Ñandeva, Guarani Kaiowá e Guarani M'bya, falantes da língua guarani, da família linguística Tupi-Guarani.

Os Kaiowá e Guarani ocupavam, historicamente, no Mato Grosso do Sul, um território amplo, situado entre o Rio Apa, Serra de Maracaju, Rio Brilhante, Rio Ivinhema, Rio Paraná e fronteira com o Paraguai. Agrupavam-se, nesse território, especialmente em áreas de mata e ao longo dos córregos e rios, em pequenos núcleos populacionais integrados por uma, duas ou mais famílias extensas, que mantinham entre si inúmeras relações de casamento, tendo à frente os chefes de família mais velhos, denominados de tekoaruvicha (chefes de aldeia) ou ñanderu (nosso pai). A autoridade desses líderes estava apoiada, principalmente, em seu prestígio decorrente de sua capacidade em atender as demandas da aldeia onde a sua parentela constituía significativa parcela da população. Os diversos núcleos familiares eram relativamente autônomos (BRAND, 1993; 1997; PEREIRA, 2004; MOTA, 2011; 2015).

O tekoha Laguna Piru-Cerrito compõe-se de muitas aldeias que foram removidas pelas frentes não-indígenas que ocuparam o território tradicional e exploraram a mão de obra indígena no trabalho com a erva-mate. À medida que as terras foram sendo negociadas com novos compradores pelos herdeiros da Companhia Matte Laranjeira (1902-1952), os índios foram sendo removidos das aldeias tradicionais e confinados (BRAND, 1993; 1997) em pequenas áreas, como confirmam as pesquisas acadêmicas.

A existência da Terra Indígena Cerrito, localizada no município de Eldorado-MS, faz parte do contexto de esbulho dos territórios étnicos dos povos Guarani, de modo que as pessoas que viviam nesse tekoha foram obrigadas a ir para as Reservas. Muitas famílias Guarani não aceitaram a condição de Reserva e passaram a elaborar um movimento de retorno ao tekoha Cerrito, e, como estratégia de muitas famílias, aliaram-se à família originária de Cerrito. Foi nesse contexto de muita luta que conseguiram a demarcação dessa aldeia.

É importante ressaltar que Cerrito tem 80% da sua vegetação preservada, o que possibilita a manutenção de várias atividades étnico-culturais dos povos Guarani e Kaiowá. A comunidade pratica vários costumes tradicionais como a agricultura de coivara, a caça e a pesca, como as armadilhas monde e arapuka.

O monde é uma armadilha que exige muita eficiência e sabedoria para fazer e capturar animais pequenos, médios e grandes. Esta armadilha é o meio mais utilizado pelos mais velhos,

entretanto, esta prática aos poucos foi se desvalorizando e as famílias estão deixando de ensiná-la aos seus filhos. A arapuka é uma espécie de armadilha para animais de pequeno porte, diferente do monde. Nessa armadilha é possível pegar inanbu (perdigão), pomba. A constituição desta armadilha poderá ser vista na imagem a seguir:



Imagem 8—Armadilha instalada próxima de córrego para caça de preás.
Fonte: Landa, 2005, p. 311.

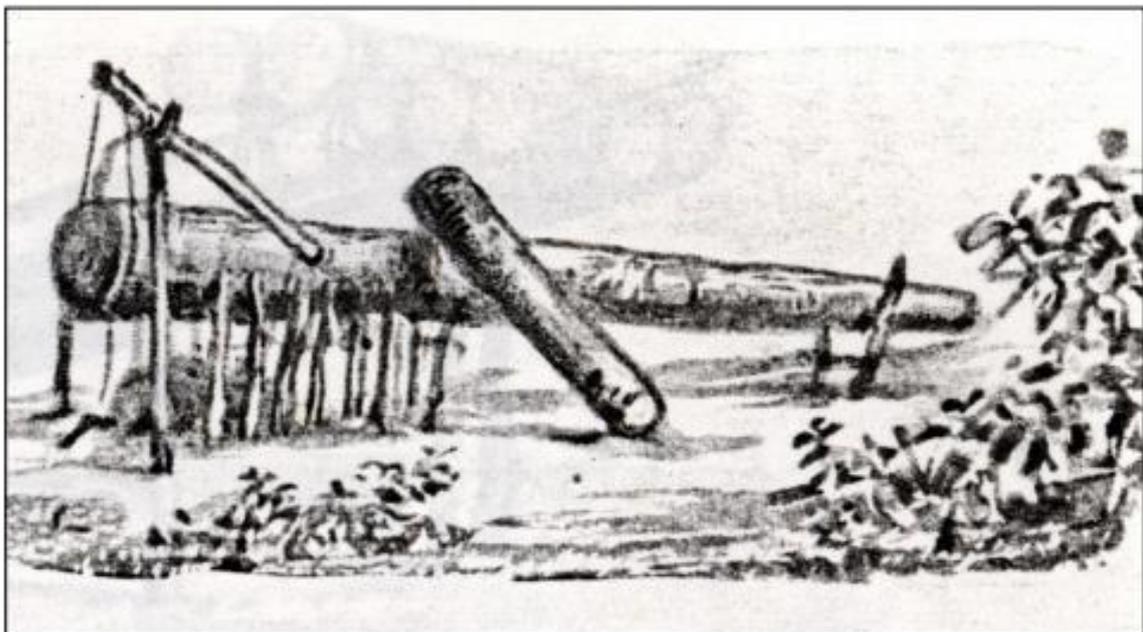


Imagem 9—Armadilha localizada entre os Cainguá.
Fonte: Vignati, 1953, lâmina VIII *apud* Landa, 2005. p.311.

Uma alternativa verificada para sustentar as famílias é o trabalho nas fazendas, muitos inclusive trabalham na Usina Usaçucar, dentro do tekoha Laguna Piru (ver a localização da usina na Cartografia 1). Apenas de alguns funcionários serem registrados, outros só trabalham na modalidade de diaristas e em situações extremamente precarizadas. Durante estes trabalhos temporários, algumas famílias indígenas optam em mudar-se para as fazendas, e ressaltam que na aldeia é difícil encontrar emprego com salário fixo para sustentar as suas famílias. São recorrentes as famílias que abandonam temporariamente a aldeia em busca de emprego e mais conforto para sua família fora dela.

Apesar desses tantos de desafios para os povos indígenas, percebe-se diversas formas de resistências das famílias que vivem em Cerrito e que, sobretudo, demonstram que esse território de retomada é imprescindível para manter o teko Guarani. Diferente da situação das Reservas demarcadas pelo SPI, Cerrito é um território cuja história das famílias que ali vivem é marcada por um movimento de luta e resistência para reaverem seus territórios étnicos. Todavia é importante esclarecer que nem todo mundo que vive em Cerrito é de Cerrito, pois são originários de outros tekoha, com os quais ainda preservam vínculos simbólico-afetivos. As redes de parentesco preservam suas memórias com os territórios que foram obrigados a deixar, como é o caso do tekoha Laguna Piru. Para uma melhor compreensão desta situação é importante considerar que a região da aldeia Cerrito tem quatros cantos: ao norte está o rio Pirajui, a leste Japaro, a oeste são Pyentepe e ao sul fica Laguna Piru, no momento não ocupado pela população da aldeia.

Segundo o entrevistado João Benites, de acordo com as memórias historicamente contadas pelos mais velhos, há muitos tekoha na aldeia Cerrito dos quais os índios foram removidos, como Laguna Piru e Ysypo. Regiões que, segundo ele, ainda pertencem à aldeia Cerrito. Dentre as famílias que estão em Cerrito, e não são originárias a esta aldeia, temos como exemplo as famílias Samanego e Benites, que mesmo vivendo em Cerrito continuam a estabelecer vínculos afetivos com outros tekoha dos quais foram expulsos e são impedidos de retornarem, como é o caso do tekoha Laguna Piru, e esse tekoha é um lugar que tem muita água, já que ao seu redor há lagoas. A comunidade explica que o seu nome foi dado pelo espanhol Mário Melé, fiscal da erva mate laranjeira, à qual pôde demonstrar as relações entre os índios com os não índios durante a exploração da erva mate. Estes foram indícios sobre as transformações dos territórios étnicos Guarani após a chegada da Companhia Matte Laranjeira concomitante ao trabalho indígena nessa atividade.

A importância de Laguna Piru para os Guarani está no sentido da palavra tekoha. Tekoha para os Guarani é assim, o lugar físico, terra, campo, mato, animais, águas, plantas, remédios. É tudo que é importante para os seres humanos e os mais diversos deuses que fazem parte do universo Guarani, do tekoha. O tekoha é o universo, o mundo Guarani. Tekoha é onde se realiza o teko, o “modo de ser” Guarani. Teko é o estado de espírito dos indígenas e das relações sociais das redes de parentesco que dão sentido e forma ao tekoha, o modo em que vivem e se relacionam em um espaço físico, como mostra os trabalhos de Pereira (2004) e Mota (2011, 2015). No tekoha tem os espaços de mata, o ka’aguy (mato), elemento apreciado e de grande importância na vida guarani. O ka’aguy é considerado como fonte de coleta de alimentos e da vida, nesse aspecto de Laguna Piru é importante para a comunidade, é um lugar onde existe ka’aguy. O mato, o ka’aguy, é imprescindível para a construção e manutenção da cosmologia Guarani, ka’aguy é um espaço onde existem vários espíritos.

Na cosmologia Guarani cada espaço vivido pelos indígenas é um espaço vivenciado pelos deuses, os jará - donos de tudo. Estes jarás precisam ser consultados para retirar algo do seu lugar, como é o caso do dono do mato, o ka’aguy jará. Os Guarani têm uma ligação muito forte com o mato, pois o mato é imprescindível para a existência do tekoha. Sem o tekoha, que é o lugar onde também deve existir mato, não há nada que possa se reproduzir, existir. Por isso é importante entender que os Guarani existem porque tem tekoha, mesmo não vivendo neles e sendo impedidos de retornarem aos seus territórios étnicos. Os Guarani sonham e imaginam o tekoha que está guardado na sua alma - *ayhu*, por isso os Guarani existem.

A existência Guarani tem sido construída em nunca deixar de imaginar e sonhar com o tekoha que foram forçados a abandonar pela ação da erva mate, dos fazendeiros e dos padres, um explícito deslocamento forçado pelos não indígenas compactuado pela ação do Estado, inclusive com a participação do Serviço de Proteção ao Índio (SPI) e Fundação Nacional do Índio (FUNAI).

Minha família conta que famílias inteiras eram compulsoriamente obrigadas a saírem do tekoha e irem para a reserva de Porto Lindo. Essa é uma história muito triste sobre as famílias de Laguna Piru. Deixar o seu lugar foi uma grande violência, essencialmente, porque o tekoha é o lugar onde o índio “planta o umbigo dele”. Ele está preso naquele lugar.

O tekoha é um espaço sagrado, de modo que sem o tekoha não há vida, não há cultura, o que coloca a existência Guarani em risco. Portanto, é o lugar da existência guarani, que apesar de hoje ser uma fazenda é o lugar onde está “amarrado o umbigo do índio”. O umbigo do índio permite que pessoas, famílias, não se desvinculem do modo de vida dos antigos. Esse umbigo

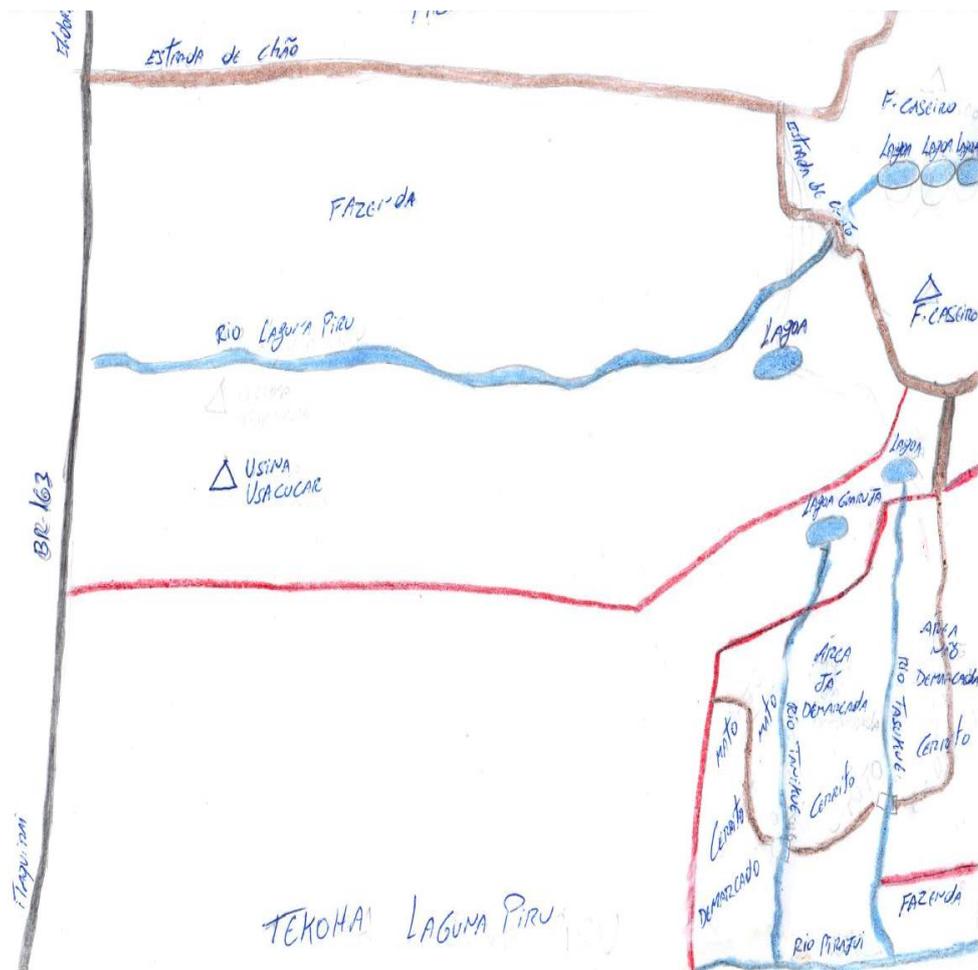
torna vivo Laguna Piru nas memórias dos antigos e permite a recomposição de uma outra paisagem, de um outro modo de viver, uma vida livre e feliz. É o “umbigo do índio” que está plantado no tekoha que permite reavivar o espaço-tempo dos antigos (ymaguare) pelas memórias dos guardiões e sabedores xamãs, os ñanderu e as ñandesy que a cada canto-dança-reza reconstitui Laguna Piru.

As famílias Samanego e Benites, que vivem no tekoha Cerrito, imaginam (no sentido de imaginar seu território antes de serem expulsos pelos brancos) e sonham com a possibilidade de retomarem o tekoha Laguna Piru que virou fazenda, tomado por monocultivo de cana de açúcar. Os fazendeiros e os padres viabilizaram formas de expulsar os indígenas de seu tekoha. Essa é uma história triste que os guardiões da memória carregam no seu coração.

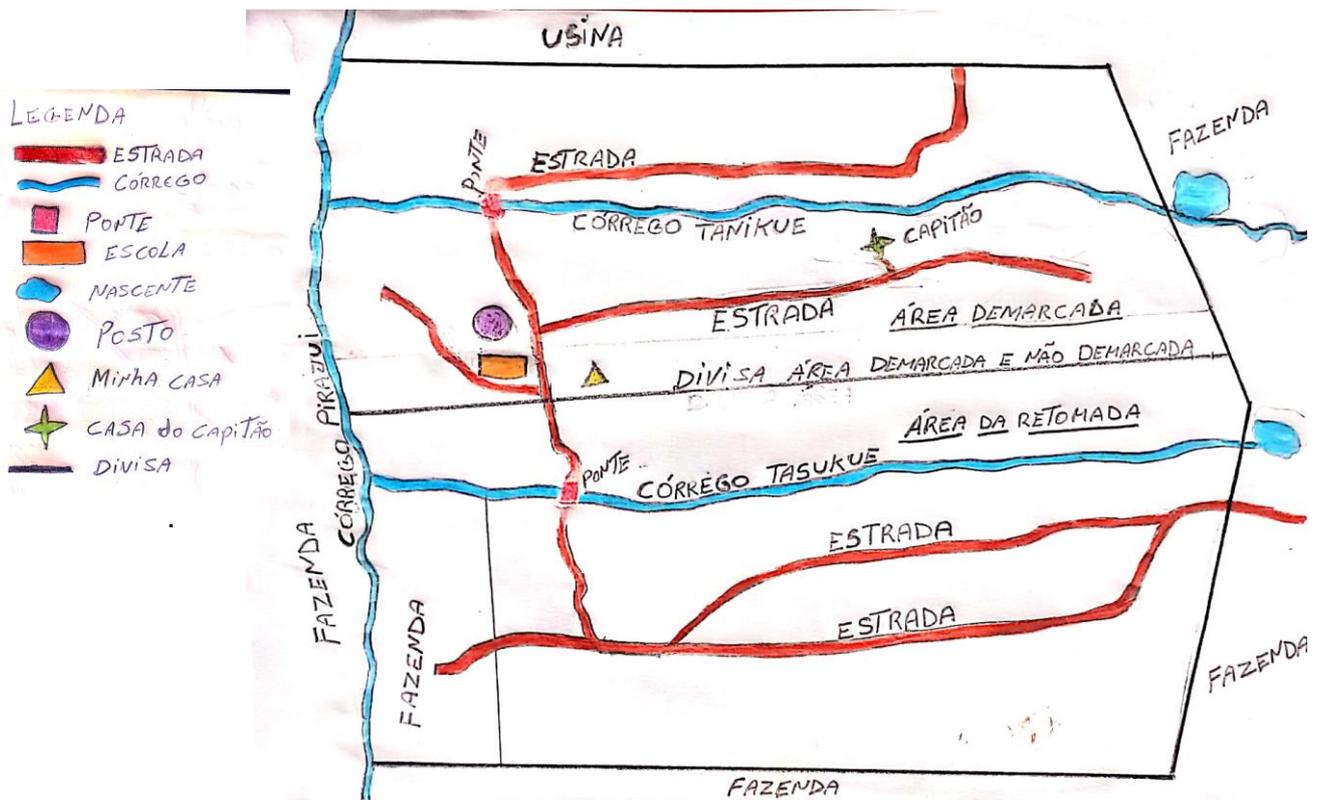
Os antigos contam que o território Laguna Piru era uma imensidão de floresta fechada e que tinha muita água cristalina, existia uma diversidade de fauna e flora que hoje não existe mais, apesar de ainda ter bastante mato. Relatam que a paisagem se transformou após a chegada dos brancos, desde a exploração da erva mate e, posteriormente, com a chegada de fazendeiros e da igreja católica. Antes da aproximação da Matte Laranjeira e dos fazendeiros, os antigos contam que as famílias praticavam fortemente a sua cultura, costumes e crenças, não havia muita preocupação com os alimentos porque a natureza lhe oferecia tudo que precisava. Laguna Piru está presente nas memórias das famílias que vivem em Cerrito, ao observarem seu lugar de origem reelaboram outras formas de imaginar seus territórios étnicos. Território que já não são marcados pelo tempo da fartura, de muito mato, comida, festas, rezas, já que estão marcados pelo tempo do capital, como demonstra a Cartografia 1 e 2.

Mota (2015) esclarece, em seu trabalho de doutorado sobre o desafio em imaginar o tekoha para além do que é perceptível no campo da visão, que a maioria não enxerga para além de uma paisagem homogênea, com a cana-de-açúcar, os caminhos estreitos que os índios, os Guarani, faziam no meio do mato, toda a cosmogeografia (Mota, 2015) que constitua o tekoha Laguna Piru. Por tudo isso, há a importância da memória coletiva e do seu registro na educação escolar indígena para fortalecimento de identidade coletiva das famílias que estabelecem laços com seus territórios étnicos, e que foram obrigadas a deixá-los logo após as apropriações pelos não indígenas.

Nas cartografias 1 e 2 percebemos que o córrego Tanikue fica localizado na área demarcada e o córrego Tasukue fica na área retomada.



Cartografia 2–Tekoha Cerrito-Laguna Piru.
Fonte: Elaborado pelo autor, 2019.



Cartografia 3—Aldeia Cerrito.
Fonte: Elaborado pelo autor, 2022.

No decorrer da pesquisa a metodologia constituiu no estudo, no registro e na descrição da narrativa oral das famílias que moravam na região feita por lideranças, professores, familiares e os guardiões da memória, os xamãs – ñanderu e ñandesy. O registro com uso de várias técnicas de pesquisa: entrevistas não estruturadas, todas feitas na língua guarani, o que exigiu a sua tradução para o português; fotografias e cartografias guaranis. Essas pessoas conheceram e/ou viveram ou aprenderam histórias sobre o tekoha Laguna Piru. Em diálogo com esses indivíduos registramos as memórias do passado e do presente, e por meio de suas narrativas, e junto à elas, também produzimos cartografias guarani que ajudam na construção do pensar as transformações do tekoha e dos modos de viver dos guaranis.

Uma lembrança que me marcou muito durante o trabalho de campo foi a minha entrevista com o senhor Papito Samaniego, que mora na aldeia de Porto Lindo, município de Japorã. Encontrei o senhor Papito muito emocionado e fui recebido com muita alegria. Seu Papito tem oitenta anos de idade, não enxerga e nem escuta com facilidade. Mesmo com todos esses desafios compartilhou suas memórias; ele me contou que saiu de Laguna Piru com doze anos de idade junto à sua família, sendo eles os últimos moradores de Laguna Piru. Durante o

nosso encontro mostrei algumas fotos que fotografei da região de Laguna Piru, baseado por meio das fotografias, por mim registradas, o senhor Papito me falava da localização de um cemitério antigo onde atualmente existe um acampamento da igreja católica de Eldorado. Foi emocionante escutar sobre as histórias, os parentes e os amigos que viveram em Laguna Piru.

Durante a realização da pesquisa dialogamos muito com as pessoas mais velhas que conhecem bem o tekoha, e percebemos uma ligação muito forte por parte das lideranças locais familiares com o tekoha Laguna Piru. Segundos as famílias entrevistadas, o era um lugar com uma extensa floresta, existia muitas faunas e floras e as famílias viviam conforme sua cultura e costumes. Realizavam seus cantos e danças tradicionais. Para o bom andamento da pesquisa procurei as lideranças locais e a minha família para conversar e dialogar sobre como os antigos viviam nesse tekoha e os motivos que os levaram a sair.

PRIMEIRO CAPÍTULO

TEKOHA LAGUNA PIRU E CERRITO

Na década de 1990 a historiografia mato-grossense (hoje sul-mato-grossense) foi revolucionada com o inovador trabalho do pesquisador e indigenista Antonio Jacó Brand (1993;1997). O brilhantismo deu estudo está também em denunciar o processo de confinamento vivenciado pelos kaiowá e guarani e, sobretudo, com o importante levantamento construído junto aos indígenas em relação às aldeias-tekoha guarani e kaiowá, na região do Cone-Sul, Mato Grosso do Sul.

As aldeias guaranis que constam no levantamento de Brand serão citadas a seguir: Ypo´i e Triunfo, Espadim, Garcete Kuê, Potrerito, Potrero Guassu, Tapesu´aty, Bocajá (Mbokajá), Alpére ou Laranjaty (Naranjaty), Potreirito e Arroyo´i, Sombrerito, Vito´i Kue e Laguna Piru (BRAND, 1997, p. 333-338)¹.

As informações que Brand (1997) trouxe para a sua tese de doutorado tem sido um importante documento para a recuperação dos tekoha. Isso demonstra que na década de 1990, um importante historiador falava do tekoha Laguna Piru. É muito emocionante ler o trabalho desse historiador, pois ele conseguiu registrar a história do meu povo, os lugares sagrados que são nosso cemitério e sobre a história de esparramo dos guaranis.

As informações que Brand deixou registradas em sua tese teve como informante Paulina Nunes, que relatou o seguinte:

Laguna Piru: Localize-se perto da aldeia Cerrito, na atual fazenda de José Caseiro. Segundo os informantes, tinha uma casa grande e várias casas nucleares. O capitão era Francisco Portilho, Tomas Nunes era o rezador de Laguna Peru, sendo que em Cerrito era Antonio Guavirá. A esposa de Tomas Nunes, Paulina Nunes, esta hoje em Porto Lindo e participou do encontro coletivo de informantes. Dois filhos estão enterrados na aldeia, junto com o marido. Três filhos seus moram em Porto Lindo (Hilario, Seafina e Vitória) e um outro em Amambaí (Cornélio Nunes). Onde Tomas Nunes morava, tinha cemitério, que foi transformado em açude pelo proprietário da fazenda. “Sairam porque o fazendeiro mandou”, disse a esosa de Tomas. No entanto, esta saída coincidiu com a morte de seu marido, Tomas. Não Foi possível precisar a data desta saída. No entanto, todos os filhos de Tomas e Paulisna Nunes nasceram lá, sendo que a segunda filha mais nova (a mais nova morreu em Laguna Piru) tem hoje aproximadamente 40 anos (BRAND, 1997, p. 338).

¹ Apesar de todo rigor metológico, Brand sempre deixou explicito que o levantamento possuía lacunas e necessitava de pesquisas complementares.

A partir dessa descrição feita por Brand, considerando que sua tese foi defendida em 2017, a saída das famílias de Laguna Piru ocorreu na década de 1950. As informações, confidenciais por Paulina Nunes, demonstram que a chegada dos fazendeiros implicou na desarticulação das famílias extensas e em seu deslocamento compulsório. Destaque importante também é que o início desse deslocamento se descobriu anterior e impulsionado pelas relações de trabalho e exploração da erva matte nos territórios guaranis, cuja experiência das famílias de Laguna Piru e Cerrito não são diferentes, pois foram diretamente impactadas por essa atividade econômica.

Companhia Matte Larangeira

Em 1882, o Governo Federal arrendou o território étnico ancestral kaiowá e Guarani à Companhia Matte Larangeira com a finalidade de exploração da erva-mate, sendo uma planta cultivada milenarmente pelo povo Guarani e utilizou, para isso, mão de obra indígena. Ainda em pleno domínio desta Companhia, o SPI (Serviço de Proteção aos Índios) demarcou, de 1915 até 1928, oito áreas de terra, denominadas de Reservas, totalizando 18.297 ha, destinados a receberem as famílias indígenas que viviam em toda a região acima indicada. Inicia-se, então, com o apoio direto dos órgãos oficiais, um processo sistemático de confinamento da população indígena dentro dessas terras demarcadas pelo SPI.

A expropriação das terras indígenas, os estudos históricos constatam que, a partir da penúltima década do século XIX, as comunidades guarani foram sendo gradativamente expropriadas das terras que até ocupavam com exclusividade, de acordo com seus usos, costumes e tradições.

Na conjuntura jurídica e política que precedeu a atual Constituição Federal (1988), as lideranças kaiowa e guarani pouco puderam fazer para reivindicar seus direitos étnicos e territoriais. Faltava-lhes direito a voz e instrumentos legais aos quais pudessem recorrer para defenderem seus direitos fundamentais. Assim, em geral tiveram de ser resignar a desenvolver estratégias para construção de soluções locais de sobrevivência física e cultural no interior das reservas, fazendas ou núcleos urbanos da região. Necessariamente isto implicou muitas concessões por parte dos indígenas, dada a conjuntura política que lhes era francamente desfavorável (PEREIRA, 2010, p. 05).

As aldeias Cerrito e a Laguna Piru sofreram significativas transformações na forma tradicional de organização de seus modos de vida com a chegada da matte larangeira. As narrativas que escutei ao longo de toda a minha vida, sobretudo, dos guardiões da memória da minha comunidade, é que nós sofremos muito no tempo da erva matte. Grande parte as famílias envolveram-se nessa atividade, afastando-se de outras atividades e atribuições no âmbito de suas famílias e locais de moradia. Além disso, muitas famílias-extensas foram deslocadas de

forma maliciosa de seus locais tradicionais em função da dinâmica da exploração da erva-mate em certas regiões, que envolvia a circulação de muitas pessoas e o estabelecimento de acampamentos ervateiros.

A entrada significativa de trabalhadores também contribuiu para a disseminação de doenças entre as populações indígenas. De qualquer forma, é importante dizer que os empreendimentos ligados à exploração de erva-mate na região promoveram o deslocamento de comunidades indígenas de acordo com seus interesses, alterando os processos de territorialização dos Guarani. O ciclo da erva-mate influenciou de forma significativa a mobilidade dos Guarani entre o Brasil e o Paraguai, e os Guarani sempre circularam entre os dois países. As famílias da aldeia Cerrito sempre se deslocavam para o Paraguai com objetivo de trabalhar na erva-mate e ficava mais ou menos de um a dois meses trabalhando no país vizinho.

Laguna Piru e Cerrito, os cercamentos

O tekoha Laguna Piru e Cerrito são territórios étnicos ancestrais do povo Guarani Ñandeva, cuja situação geográfica corresponde ao tekoha guasu Iguatemi Pegua², cujos rios dessa localidade são banhados pela Bacia hidrográfica do Rio Paraná. Pegua pode ser entendido como origem da pessoa, ou seja, a origem das pessoas que viviam em um tekoha. Quando falamos Laguna Piru pegua estamos reivindicando a pessoa ou a família que tem a origem naquele lugar, a pessoa que nasceu em Laguna Piru, que tem o seu “umbigo plantado naquele lugar”.

A identificação das terras tradicionalmente ocupadas foi elaborada a partir de discussões sociológicas, antropológicas, históricas e jurídicas no que tange a territorialidade guarani e kaiowá. Essa territorialidade articula bacias hidrográficas correspondentes aos mais diversos deslocamentos desses povos na região do centro-sul do Mato Grosso do Sul, divisa com o Paraguai.

² Portarias da FUNAI n. 788; 799; 790; 791; 792; 793, de 10 de julho de 2008. Tais portarias foram publicadas no Diário Oficial da União e 14 de julho de 2008 para estudos de identificação e delimitação das terras indígenas tradicionalmente ocupadas pelos povos Guarani Ñandeva e Kaiowá, na região das bacias denominadas de Amambaipegua, Ñandevapigua, Dourados-Amambaipegua, Iguatemipegua, Brilhantepegua e Apapegua, situados no estado de Mato Grosso do Sul. Em relação aos tekoha guasu consultar o CAC (Compromisso de Conduta, 2017).

Existia, e ainda existe, uma intensa mobilidade entre famílias extensas nesse amplo tekoha guasu, que compreende também Porto Lindo-Yvy Katu³. Beatriz dos Santos Landa (2005, p.326) destaca em sua tese que várias famílias habitantes de Cerrito foram para Porto Lindo (também como mostra Brand (1997)) e, não obstante, por diversos contextos socioespaciais se deslocam para Cerrito.

Em um nível mais amplo, este constante deslocar-se também é identificado em relação a outras áreas indígenas próximas como é o caso da Terra Indígena Cerrito, onde as visitas podem durar dias, semanas ou meses. A mesma situação ocorre ao inverso, onde são encontradas muitas pessoas de lá que vem até a Porto Lindo para visitar os parentes que estão nesta área. Esta é uma das áreas novas reconquistadas na década de 1990, tendo sido homologada 1992, com 2040 ha, apresenta uma população em torno de 650 pessoas, e situa-se no município de Eldorado. A distância entre as duas áreas é de aproximadamente 30 km. A grande maioria dos residentes nesta área são originários ou tem algum parentesco com os da área estudada.

Existe uma grande mobilidade entre esses tekoha, muitas famílias de Porto Lindo ainda costumam vir a Cerrito para caçar e coletar ervas medicinais. Antigamente os dois tekoha, Cerrito e Laguna Piru, eram os mais conhecidos da região, hoje correspondente à Iguatemi Pegua. A composição étnico-família fortalecia esses dois tekoha e entre eles havia uma relação muito intensa. A maioria das pessoas que ali viveram eram da mesma família, extensa ou de parentela, cujos os membros regularmente se visitavam, faziam festas, encontros espirituais, danças, cantos, rezas e batismos.

³ Reserva Indígena Porto Lindo, criada pelo Serviço de Proteção ao Índio. Criada com 2.000 ha pelo decreto estadual 825/1928. Por meio da Portaria Declaratória nº 1289, de 30 de junho de 2005, o ministro da justiça integrou a RI Porto Lindo à TI Yvy-Katu com área total de 9494 ha. Atualmente, a TI se encontra em processo de homologação presidencial. Por alegado cerceamento de defesa, o Superior Tribunal de Justiça anulou o processo administrativo no que diz respeito à Fazenda Remanso Guasu, em 2012 a FUNAI constituiu novo GT para refazer a identificação apenas da área da Fazenda Remanso Guasu, enquanto isso o processo principal está paralisado (CAVALCANTE, 2013, p. 97).



Cartografia 4

Fonte: Aldeia Indígena Cerrito, Geoprocessamento Neppi/UCDB.

Com a chegada dos karáí muitas famílias foram expulsas do tekoha Laguna Piru e foram viver em outras aldeias, como o tekoha Cerrito. O que antes era território guarani virou fazenda e/ou usinas de plantações da monocultura, transformando a paisagem e a vida dos coletivos indígenas. Os indígenas haviam deixado o lugar em razão das construções de cercas e das derrubadas das matas praticadas pelos fazendeiros, e tal comportamento invasivo estava alimentado pela apropriação ilegal dos territórios indígenas por estes homens. As famílias e filhos de Toma'í, habitantes antigos de Laguna Piru, decidiram sair do local e partiram para outra aldeia, e isso ajudou para que os latifundiários se apropriassem rapidamente do território Laguna Piru. Nesse período, as famílias não conheciam o papel - que é um jeito branco de se comunicar, e esse material passou a ser apropriado pelos indígenas para melhor se relacionar com o mundo do branco.

O papel passou a ser uma ferramenta de mediação entre o mundo do branco e o mundo do índio. O documento que meu pai escreveu para o fazendeiro que tomou os territórios do guarani é exemplo dessa nova forma de produzir a cultura e reivindicar os nossos direitos.

Sr. Proprietario da faz. Comdeia

nós comunidade ocupantes do pedaço de terra
pertencente a Aldeia.

Vimos, respeitadamente solicitar o Sr. a liberar dois boi
para comunidade somos 86. famílias estamos em necessidade.
no momento não temos apoio por nenhuma autoridade
pedimos a sua colaboração justificamos que o Sr está
alugando e pagando a o falso dono, sendo que a terra
é nossa. Reconhecemos que o Sr apenas arrendatário
e a gente não pensa em forma de prejudicar muito
o Sr. confessamos sinceramente aquele seu boi que foi
abatido não alcançou ao todos.

Agradecemos o Sr se compreender a nossa situação
e atender o nosso pedido.

Assim Subscrevemos - nos.

XXXXXXXXXX.

ASS. do Repensalpe.

[Handwritten signature]

Imagem 10 –Documento escrito por Reinaldo Rodrigues a pedido de Elmo Benites, 1997.
Fonte: arquivo pessoal e Elmo Benites, 1997.

O documento foi escrito pelo professor Reinaldo Rodrigues, falecido em 1997, a pedido da liderança Elmo Benites e da comunidade da área tanikue. À época já demarcada para o

proprietário da fazenda Candeia, licitando uma contribuição citado no documento acima para o dia 19 de abril, ironicamente no dia do índio.

O documento tem sido guardado pela minha família por ser de extrema importância para a história da nossa aldeia. Em relação ao comprovativo, fiz uma entrevista com o professor João Benites sobre a importância do papel, no qual relatou o seguinte:

Nandekuera avape ovaleveva nande nee, nemogueta, aty upeala nande avakuerape ovaleve ha karai kuerape ovaleveva hae kuation, kuation hae kuera ogueroiave ha kuationre karai ndogueroivai mbaeve. Ha upeicha rupi koaga kuation mante ovale karai kuerape, teikoteve rapykueri jaikoro ikatune jahai kuation nande rembikoteve karai kuerape. Ha avei karai kuera ombokuatia civilpa avakuerape upeala ombovale hikuai, ha kuation funai ndovaleveima koaga. Ha upeicha rupi ore rohai kuation rojerure pytyvore karai fazendeirope. Ko documento ojejapo akue 1997 pe ha upe tiempope neira gueteri oiko retomada Toma'i kuepe ou Tasukue ha padre kuera oajenda outro fazendeiro kuerape upe ava yvy kuera tee. Ha heta oi vaekue ava kuera apeguava ombaapova padre kuerape, cerca jejapope, kaaguy jeitype ha heta mbaepe.

Para nós indígenas o que vale é a oralidade, a palavra “diálogo”, e encontro coletivo, a união, assim nós valorizamos mais a oralidade. Porém, os não-indígenas ocidentais valorizam mais a escrita, documentos e todas as coisas que existem se não comprovada no papel e escrito não significa nada para os karai. Atualmente, essa modalidade de escrita possui uma grande importância para nós indígenas, tivemos que nos adaptarmos à essa norma padrão na sociedade majoritária. Hoje em dia, a maioria os povos indígenas possuem as documentações civis, passamos a ter igual os documentos dos brancos, o primeiro documento feito pela Funai já não se utiliza mais nos bancos, e nas instituições. Por isso sempre elaboramos o nosso pedido em documento escrito para o fazendeiro. Na época não existia ainda a retomada Toma'i kue e as terras eram comandadas pelos padres que alugavam as terras para outros fazendeiros. Esse documento foi escrito por volta de 1997, nessa época havia muito trabalhadores indígenas da aldeia Cerrito trabalhando para os padres na construção de cercas, na derrubada de matas, roçando os pastos e entre outros serviços braçais (ENTREVISTA ORAL, 2020).

Um dos momentos mais importantes da apropriação do papel pelos indígenas diz respeito à carta que foi escrita por Elmo Benites ao fazendeiro, solicitando uma novilha para doação.



Imagem 11– Dia do Índio. Churrasco entre as famílias da aldeia Cerrito, casa do capitão Elmo Benitez.
Fonte: arquivo de Elmo Benites, 1997.

Em relação a imagem nove, meu pai contou que cada família recebia um ou dois espetos de carne assada para saborear com seus filhos. Cada família já vinha com algum prato para acompanhar o churrasco, como: mandioca, batata assada ou cozida, entre outros proventos. Durante o churrasco as mulheres prepararam a chicha de milho ou de cana de açúcar, que é uma bebida típica dos guarani nandeva. A chicha era servida durante o jero ky e guachire e kotyhu a noite toda, o canto e as danças só acabavam ao amanhecer. Esses momentos de encontro, de dançar-rezar-cantar passou a ocorrer no dia dos índios.

A liderança Elmo Benites relata que o mês de abril, sobretudo o dia dezenove, sempre foi um dia de muita festa. Na imagem anterior, era fácil reunir as pessoas, na época só existiam apenas quarenta famílias na aldeia Cerrito e o principal local de encontros e festas era a casa da liderança. Ainda era bastante comum atividades esportivas na comunidade, como corrida, corrida a cavalo, yvyra syi (madeira com sebo).

Elmo Benitez relatou que para conseguir ajuda por parte dos não indígenas, contribuição para o dia do índio a cada ano, a comunidade elaborava um documento pedindo uma doação de novilha, entres outras coisas, para os fazendeiros que se apropriaram de suas terras tradicionais. A comunidade solicitava essa doação porque entendia que os fazendeiros estavam alugando a propriedade dos padres, mesmo sabendo que as terras pertenciam aos indígenas da aldeia

Cerrito e da Laguna Piru. Segundo Elmo, há muitos anos, os fazendeiros e os padres se apropriaram das nossas terras tradicionais, houve grandes mudanças nas paisagens naturais e no espaço diante dos cercamentos, da formação das fazendas, do desmatamento das matas, a destruição das minas de água e de suas nascentes.

Destaco que Estado brasileiro sempre oprimiu os indígenas, não respeitam os direitos e territórios indígenas e pensam que a vida dos indígenas é viver na reserva. O Estado brasileiro sempre violou os direitos indígenas e o direito às suas terras tradicionais, muitas vezes os indígenas são forçados a viver e a conviver em um pequeno espaço. Há cinco séculos os povos indígenas têm lutado pela sua existência no planeta, sobre o direito à vida mais humana, sofrendo discriminação e preconceito. E todos exigem mais políticas públicas voltadas à questão indígena.

Retomada de tasukue ou Toma'í kue

A área retomada se localiza no córrego Tasukue, Aldeia Cerrito do Município de Eldorado – MS, e equivale a 1.480 hectares. Essa área pertence as famílias da aldeia Cerrito. A comunidade indígena da aldeia Cerrito reuniu-se na casa da liderança Elmo Benites, no ano de 2001, para reaver parte do território da aldeia que estaria ameaçada pela invasão dos sem-terra. As famílias decidiram entrar na área para retomar seu território tradicional após comentários ocorridos durante a participação de um jogo de torneio de futebol na Fazenda Laguna Peru em um sábado.

Na época existia um grande assentamento de Sem-Terra na rodovia BR-163, localizado em frente da fazenda Laguna Piru. Uma pessoa do assentamento comentou com as famílias da aldeia que eles iriam ocupar uma das áreas perto da aldeia. Essa pessoa se referia a área localizada do rio Tasukue ou Toma'í kue, uma área tradicional da aldeia Cerrito. As famílias do assentamento já estavam preparadas para entrarem na área na segunda-feira seguinte. A comunidade se mobilizou e no dia 14 de novembro de 2011 decidiu ocupar sua terra tradicional antes dos sem-terra se apossarem no território. As famílias ocuparam as terras sem violência e confronto com os proprietários. Interditaram a entrada da fazenda e não aceitaram que ninguém entrasse ou saísse dela. Após a ocupação, os indígenas ordenaram para que todos os funcionários se retirassem do local porque os indígenas estavam reocupando o seu território.

No dia da ocupação do território do rio Tasukue, compareceram o antropólogo da Fundação Nacional do Índio (FUNAI) e Ministério Público Federal (MPF). A espera da

demarcação desta terra já dura dezenove anos, segundo a FUNAI, o processo de demarcação ainda está em andamento. As famílias que ocuparam a área do Rio Tasukue ou Toma'í kue são: Vicentes de Oliveira (falecido), Joao de Oliveira, Elmo Benites, Iraci Borvao, Rosalino Garcete, Assunção Vera, Rosa Delgado, Esmael Cáceres, Francisco Fernandes (falecido), Antonio Martins, Martins Cavalheiro, Rufino Diquelme e João Benites Riquelme.



Imagem 12 – Casa dos Padres funcionou como escola na retomada Tasukue ou Toma'í kue – Cerrito.
Fonte: Acervo de Elmo Benites.

Antigamente, essa casa era dos padres e após a retomada pelos indígenas Guarani Ñandeva ela foi ativada para funcionar como uma escola. Essa demanda foi encaminhada pela liderança Elmo Benites e pela comunidade da aldeia Cerrito para que os órgãos públicos procurassem meios de centralizar uma escola na área de retomada entre os anos de 2001 e 2011. Na área demarcada, correspondente à aldeia Cerrito, havia duas escolas, porém estavam desativadas. O órgão público municipal de Eldorado centralizou essa escola na área da retomada, e ela foi batizada pelo rezador Roberto Martins com o nome de Mbo'ero Tava Okara Rendy. Ela funcionou do pré-infantil, 1º aos 5º anos e de 6º aos 9º anos, a maioria dos professores eram indígenas: duas professoras não indígenas, uma diretora não indígena e uma secretária também não indígena. Durante esse período, a comunidade havia conquistado uma construção de uma nova escola pelo Governo Federal, construída em cima da área demarcada, na divisa da área

retomada Toma'í kue. Atualmente essa escola funciona como Polo de educação na aldeia Cerrito, todavia a escola ainda não foi inaugurada pelos órgãos públicos.

Nascimento das fazendas

As comunidades indígenas Guaraní Ñandeva que habitaram o tekoha de Laguna Piru o nomearam dessa forma por existir um córrego estreito nesse lugar que desce ao Rio Paraná, chamado de “ysyry”. Esse córrego, que compõem a bacia do Rio Paraná, com a falta de chuva ficava quase seco, e no tempo chuvoso fica cheio.

As famílias do Toma'í, que habitaram nas margens desse rio, praticavam muita pesca e caça na região. Segundo os dados levantados, existia uma grande extensão de floresta e muitas lagoas para pescar, os indígenas caçavam e pescavam e não faltavam alimentos no tekoha; para as famílias era uma das fontes de sustentabilidade e havia muita fartura da própria natureza. O tekoha Laguna Piru era um lugar sagrado para os indígenas, os lugares sagrados e a forma de identificar o território tradicional, as famílias viviam de forma independente, porque a natureza lhes oferecia a qualidade de vida para manter suas famílias e comunidade. Portanto, as famílias colocaram por nome de Laguna Piru, conforme o costume indígena de colocar um nome tradicional de cada parte do tekoha à qual pertence, isso ajuda, segundo os indígenas, identificar os seus territórios e de certa forma mostra algumas famílias que foram removidas ou que saíram por alguns outros motivos de seus tekoha tradicionais há muitos anos.

No momento atual, existe uma fazenda que se chama Laguna Piru que fica a pouco mais de vinte quilômetros da Aldeia Cerrito. O nome dessa fazenda acredito que foi copiado dos indígenas que já moravam nessa região há muitos anos, antes mesmo das pessoas transformarem-na em fazenda. Atualmente, algumas pessoas da comunidade trabalham na função de diarista, esta é uma das alternativas de renda das famílias. A fazenda, que tem o nome de Laguna Piru, já fica próxima da rodovia BR-163, nesse lugar não tem registro narrado se os indígenas já moravam nesse local antes de se transformarem-na em fazenda, mas o córrego Laguna Piru atravessa este local. Esse nome foi colocado pelos mais velhos, conforme os costumes tradicionais dos Guaraní Ñandeva que habitaram nesse tekoha, à qual, de alguma forma, foram retomando os seus lugares tradicionais. A maioria das famílias que moravam, e que conheceram o tekoha, já são falecidas e foram enterradas nos tekoha Laguna Piru e Cerrito.

Esse é o caso do guaraní Rufino Riquelme, não se sabe exatamente a sua idade, que atualmente reside na Aldeia Cerrito. Rufino nasceu em uma fazenda na região de Iguatemi, na

época Iguatemi não era um município, era uma pequena vila, não tinha estradas e nem rodovias. Os pais de Rufino trabalhavam na fazenda, mas ele não lembra o nome da fazenda, e nem o nome de seu proprietário. Quando ainda criança, os pais e outras famílias foram trabalhar na região de Itaquiraí comandado por um paraguaio (Gato-fiscal) conhecido por Mogênio, o pai de Rufino já trabalhava com o fiscal. Logo que era criança se mudou com os pais para a região de Itaquiraí-MS, e havia outras famílias não-indígenas e paraguaias que também vieram juntos no caminhão de mudança para trabalhar com os pais de Rufino. Naquela época ocorria a formação das fazendas e os indígenas faziam “josazo”, que significa “Ka’aguy Kopi ou Ka’aguy jeity”, “derrubar as matas”. Essa derrubada era comandada pelo paraguaio Mogênio. Conta Rufino que assim que chegaram na região de Itaquiraí-MS, estabeleceram-se dentro de uma fazenda chamada Espadilha, todas as famílias que vieram para trabalhar construíram barracas de lonas provisórias às margens de rios juntos com outras famílias, nota-se que eles moraram em uma condição muito precária. Na Fazenda Espadilha existia uma linda mata que foi praticamente toda derrubada para criação de gado. Depois que terminaram as derrubadas de matas nessa fazenda, os pais do Rufino decidiram morar na aldeia Cerrito, onde foram recebidos por Thomaí e a sua esposa Paula. Até hoje residem em Cerrito, e seus pais, já falecidos, estão enterrados nessa aldeia.



Imagem 13–Rufino Riquelme.
Fonte: Acervo do autor, 2021.

Segundo Rufino, quando ainda era jovem, forte e já sabia trabalhar, logo após o retorno para aldeia Cerrito, foi procurado pelo administrador paraguaio chamado Aleixo para uma changa (mão de obra), também para derrubar as matas e para fazer cercas após derrubada da floresta. Foi nesse contexto que os não indígenas foram entrando em Cerrito, sem que as famílias percebessem que a aldeia estava sendo apropriada por um fazendeiro chamado Mario Mele, e que Alexo era o braço direito dele. Quando as famílias da aldeia se deram conta da gravidade do ocorrido, que estavam perdendo suas terras, já era tarde, a aldeia estava cercada e foram obrigados a irem morar em uma pequena área chamada de Japaro.

O espaço que é conhecido por nome Japaro era um lugar onde os indígenas da aldeia Cerrito foram confinados pelo fazendeiro Mario Mele e pelo seu administrador Alexo, nessa época havia sete famílias e todas elas foram confinadas nesse espaço. O nome Japaro foi nomeado pelos indígenas conforme os costumes tradicionais, essa área localiza-se ao norte da aldeia Cerrito.

O administrador Alexo não queria que os indígenas se mobilizassem para recuperar as terras que foram cercadas, por isso, ele oferecia a changa (trabalho) para os indígenas. Para o fazendeiro era uma forma de evitar que as famílias não tivessem tempo para pensar e se organizar, assim retomar seus territórios tradicionais.

Segundo Rufino, após o término do trabalho da derrubada de mata e de fazer cerca no Cerrito, receberam a proposta de um paraguaio Gonçale (Gato-fiscal) para ir trabalhar na Laguna Piru, com o mesmo propósito, a derrubada das matas e para plantarem algodão. Em Laguna Piru foram recebidos pelo Liver Kururu (filho do Toami) da etnia guarani, que morava ali com sua família. As famílias que moravam na Laguna Piru eram: Liver Kururu, Jusario filho do Liver, Maximo, Merce outros filhos do Liver Kururu, todas essas famílias formavam um parentesco com Toma'i; ainda haviam outras famílias que moravam na Laguna Piru.

A matas que existiam em Laguna Piru foram quase que integralmente derrubadas para plantação de algodão. Com o passar do tempo, o líder Liver Kururu faleceu e foi enterrado em Laguna Piru. Após o falecimento do Líder Kururu, os filhos decidiram ir embora para morar em outras aldeias ou saíram a procura de outros locais onde houvesse a possibilidade para construção de tekoha.

Na atualidade não existe mais a plantação de algodão, hoje são tomadas pela criação de gado, soja e parte do território é arrendado para usina USACUCAR-PR. Atualmente, as fazendas que se localizam em cima desse tekoha, são as respectivas: Fazenda Beleza Pura, Fazenda Jangadas, Fazenda Celina, entre outras; também existe um acampamento da Igreja

Católica Romana e a usina Usacucar-PR. Ainda sobre os cercamentos, a liderança Elmo Benites, meu pai, relatou conhecer pouco sobre o espaço da Laguna Piru, mas que seus pais sempre contavam histórias sobre esse tekoha.

Para Elmo Benites, antes mesmo da exploração de erva mate, já havia moradores em Laguna Piru. Naquela época não existia não indígenas e Toma'í Nunes, Felica'í, Felix e Irineo Benites eram os antigos que habitavam aquele lugar. Meu pai contou que desde jovem começou a participar de reuniões e de encontros sobre a questão da perda da terra. Um morador chamado Toma'í exercia uma função de liderança na comunidade, e já participava de alguns encontros com lideranças de outras regiões. Segundo meu pai, Elmo Benites, esse Toma'í é um morador nativo do território indígena Laguna Piru, e os filhos do Toma'í são do tekoha Laguna Piru porque nasceram lá. Toma'í era também muito amigo do meu avô, Irineu Benites, e eles sempre mantinham contato. O senhor Irineu Benites morava na aldeia Cerrito e Toma'í na aldeia Laguna Piru.

Meu pai sempre contou que a partir dos seus dezoito anos, ainda muito jovem, foi escolhido pela comunidade para exercer a função de capitão, assumiu a função de liderança após do Adolfo Martins desistir da função em 1989. A FUNAI, desde então, criou uma portaria para Elmo Benites para ser reconhecido regionalmente como o líder maior da comunidade. Meu pai narra que não sabe informar sobre o tamanho da área de Laguna Piru, mas, pela história contada pelos meus avôs, era uma área imensa, atualmente ocupada pelo Usina Usaçucar e algumas fazendas. Ainda vale considerar o acampamento da igreja católica.

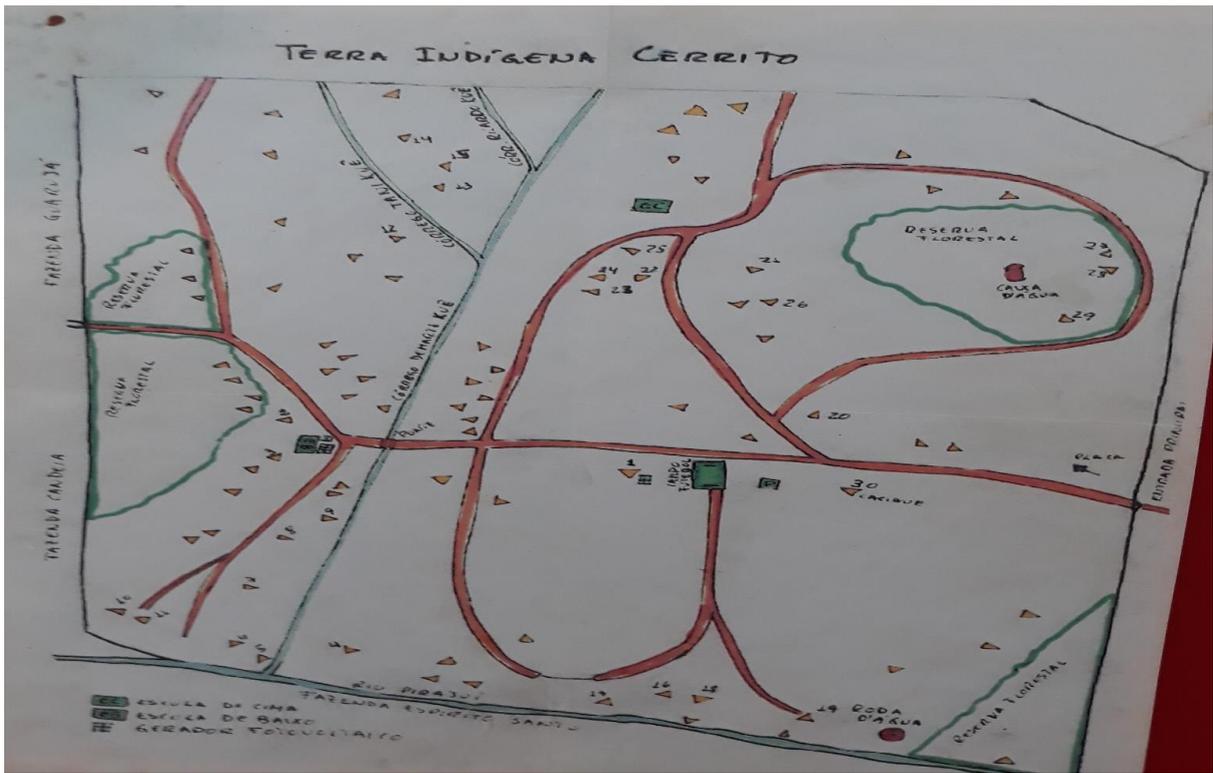


Imagem 14 – Este mapa foi elaborado pela liderança Elmo Benites a pedido dos antropólogos americanos para registrar cada localidade das famílias da aldeia Cerrito.

SEGUNDO CAPÍTULO

MEMÓRIAS DE GENTES DE LAGUNA PIRU E CERRITO

A memória é um cabedal infinito de recordações. A lembrança é a sobrevivência do passado. O passado, conservando-se no espírito de cada ser humano, aflora à consciência na forma de imagens-lembrança. A sua forma pura seria a imagem presente nos sonhos e nos devaneios.

A veracidade do narrador não nos preocupou: com certeza seus erros e lapsos são menos graves em suas consequências que as omissões da história oficial. Nosso interesse está no que foi lembrado, no que foi escolhido para perpetuarse na história de sua vida.

Por muito que deva a memória coletiva, é o indivíduo que recorda [...]. Cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva.

Ecléa Bosi, [1994] 2012, p.37; 53; 411.

Conversas e andanças durante o trabalho de campo foram construídas por uma multiplicidade de encontros: entre as gentes que são de Cerrito e Laguna Piru; com os nossos antepassados. O presente de cada história, memória, das gentes de Laguna Piru e Cerrito, permitiram-me saber mais sobre meu lugar, sobre as minhas origens. Escutar cada pessoa foi perceber que cada memória afetiva, sobre o lugar onde está plantado o umbigo do índio, nosso tekoha, é singular, mesmo compondo e correspondendo às memórias coletivas do nosso povo. Cada um e cada uma construíram memórias sobre Laguna Piru a partir do meu estar com eles, dos encontros plausíveis que me foi possível construir durante o mestrado.

João Benites



Imagem 15—Entrevista com o professor João Benites.

Fonte: trabalho de campo do autor, 2020.

Amombe'uta um pouco ajea che aikuaami haicha mba'e he'ise Tekoha nande guarani ou tanto kaiowá nandeko jareko petei tekoha ja'e nande pero pe tekohape nande jaiko ha jareko teko ha tekora ha tekoha ha'e petei lugar upepe nande nanerenoi hague nande upepe he'iva jacria família jareko nande aguelo, jaguereko nande sy ha nande ru. Ha upepe ha'ekuera onehundypa ha upepe ha'ekuera opa, nandereja ha upeala he'ise tekoha.

Tekoha ndaha'ei nande jaha aguy otrohendape upea ndahaei nanderekoha, nanderekohaite, tekohaite nande ja'eara pe jaikohague pe nanerenoi hague peala hei'se tekoha. Ha nanderekuera pe guarani ha kaiowa pe nandeve namanaro hetaiterei jareko tekoha soque tekoha ndaha'ei nande mba'e tea sapyante pe nandemba'e teeape ja'eta pe nanerenoi hague pe nande nanase hague upeala nande rekoha tee ha upeala tekoteve nande guarani ha kaiowa kuera heta oi arguno ndoikuaairi ha upeicha rupi tekoteve pe tekohara nande tekoteve professor

mbo'ehara kuera tekoteve oikuaa mbaepa heise tekoha, nande ndaijakuaairo tekoha, nanderekoha tee mbaeicha nande jajuta namombe'u nande mita kuera pe, petei mbo'erope ja'ehavako cheko apegua ha che aikuaapaite ja'ehagua nandejaputa ha upeicha rupi nande tekoteve jaikuaara nanderekoha tee namombe'u hagua.

Pe tekoha ndaha'ei petei tekohante jareko opaichagua rei tekoha jareko ha tekoha nande ja'eta tekohavoi pe nande mba'ea pe nande nanerenoi hague pe nande aguelo umia onase hague upeala nande tekoha tee oi, itonse upepe nande namopu'a teko, upepe nande namopu'a tekora nande familia kuera omopu'a ha'e kuera hekora ha upeicha mante umi mimita kuera oikuaara mba'eichaguatepa hekoha upepela ha'ekuera ja'etaro, eretaro nde familia kuerape, ndera'y kuerape eretaro koa nande tekohatee ja'eta, ndaha'eiro nande jaharo otro hendape pea ndaha'ei nanderekoha upea nande jaha otro tekohape itonse che upea amombe'u ndeve, che upeichala atende tekoha ja'etaro tekoha tee nande jaikuaara, nande petei jarekoara marandeko, marandeiko mba'e he'ise jaikuara ejehistoria mba'eichapa inepyrú, mba'eichapa oi mbyte ha mba'eichapa hu'a upeala he'ise tekoha.

Tradução para o português

“Vou contar um pouco a partir dos meus conhecimentos sobre o significado do tekoha para nós guaranis e kaiowás, nós falamos de um tekoha e vivemos dentro de um tekoha e nele temos o “teko e tekoha”. Tekoha é um lugar onde nossos anciões moravam e ali criamos nossas famílias, lugar dos nossos avós e de nossos pais; ali eles viveram e faleceram o modo de vida dos antigos.

Não chamamos tekoha se nós vivemos nos deslocando para outras aldeias, isso não significa seu tekoha fixo, o nosso tekoha devemos chamá-lo onde nossos avós moram, moraram e faleceram. Para nós guaranis, existe muito tekoha, às vezes existem lugares que não pertence a nós. O nosso tekoha, devemos chamá-lo sobre o lugar onde nascemos, nós guaranis e kaiowás às vezes não sabemos sobre o significado desta palavra, e é importante que os professores saibam sobre o significado do tekoha. Se nós indígenas não sabemos sobre o tekoha e nanderekoha fica difícil ensinar as nossas crianças, na escola é importante que os professores tenham conhecimento sobre o seu tekoha para facilitar a aprendizagem das crianças.

Para nós indígenas não existe só um tekoha, existem vários tekohas tradicionais. Em nosso lugar tradicional construímos lares para as nossas famílias e devemos contar para nossos filhos sobre o nosso tekoha tradicional, à qual eles pertencem, se mudamos para outras aldeias esse tekoha já não pertence a nós. Assim termino a minha fala e o conhecimento sobre o tekoha

tradicional. Devemos ter conhecimento sobre o marandeko, esse marandeko significa que nós precisamos saber sobre o processo histórica do tekoha do início, do meio e do fim.”

Sobre o tekoharã

Tekoharã nande ñeipyругuie nande pe nandereko arã nande jaikuaa nandesygui, ñanderugui, nande aguelogui entero ha'ekuera omombe'u nandeve tekoharã mbaeichapa jaiko hagua, mbaeichapa nande tekoteve jaiko ko yvy ari peala tekoharã. Pe tekoharã nande ndajaikuaairo jaiko hagua, nande ndajaikuaai nande hae petei lomimo ryguasucha jaiko ndajaikuaai mooto lau pa jahata ha jaikuaarõ pe tekoharã nande jaikuaa mbaeicha rupi nande naime hina upepe mba'epa nande jaipota ha mba'epa jahupytyse upeala tekoharã.

Tekoharã nande teikoteve jaikuaarã moopa ñaguahese ha mba'epa jahupytyse, nande ndajaikuaairõ moopa jahata nande itonse ndajaikuaai mba'epa he'ise teko ha tekorã itonse upearela nande hatã ñanatendearã porque jaikuaa hagua tekoharã nande tekoteve jahupyty pe teko peape je'e hina teko marandeko he'ise oi arguno teko marane'y he'i, pe marane'y che atende lajama pe marane'y ohoma ñaradua teeare opuraheiare itonse pe opuraheia nande ikatune nande guentekuera oi oguerekoa umia ha nande ndajahupytyi umi ha'ekuera oguerekoa nande apena ñahendu pee, pero ha'ekuera oguereko arandu he'iva hagua itonse pe tekoharã upea nande oi upea jajapo nandehogui tekoharã porque jajecria ha nande tekoteve namombe'u nande ra'y kuera pe, nande rajy pe namombe'u chupekuera oikokuaa hagua upeala izia tekoharã ha'ekuera tekoharõ oikoarã ha'ekuera itujaveove itonse upeala he'ise tekoharã. Ha tekoha namombarete hagua upepela he'i tekoteve nande jajohaihu arã, upepela tekoteve ikatu jaipuru pe teko joja, teko joja jarekorõ namombarete nanderekoha ha nande ndajarekoirõ pe teko joja nande nañamombarete moai nande ñapyruha ko nande tekoha. Teko joja rupi jahupyty namombarete pe nanderekoha, petei pyape naimearã ikatu hagua namomaberete pe nanderekoha.

Tradução em português

“Tekoharã devemos saber desde o início, a partir dos nossos pais e dos avós, porque eles possuem memórias vivas e contam como devemos construir o tekoharã para viver no mundo. Se não sabemos o tekoharã vivemos igual uma galinha sem rumo, no caminho incerto, se adquirirmos conhecimentos sobre o tekoharã andaremos no rumo certo, caminharemos com

esperança e lutaremos pelos direitos de conseguir algumas coisas na vida. É importante que todos saibam o significado do tekoharã, pois ele nos leva a um patamar de autonomia e decisão sobre os nossos futuros, sobre alcançar os nossos objetivos. Para existir um tekoharã devemos alcançar o teko marandeko outros povos o chamam de marané'y.

Esse termo marané'y, para mim, já é um rezador que conhece de verdade as práticas das rezas tradicionais, o nhembo'e; é alguém que pratica rezas espirituais, portanto, nós não possuímos os conhecimentos que os rezadores possuem, por esta razão nos resta apenas ouvi-los. Nós construímos um tekoharã, e para o bem-viver devemos ensinar, contar e compartilhá-lo com os nossos filhos para que também aprendam a como andar no mundo. Os nossos filhos precisam saber caminhar nos trilhos, e eles quando ficarem mais velhos precisarão aprender e a conhecer para construir um tekoharã para suas famílias futuras. Para existir o bem viver no tekoha precisamos amar uns aos outros e fortalecer e valorizar o teko joja. É importante manter o teko joja porque é isso que fortalece o nanderekoha. Através do teko joja conseguiremos alcançar todos nossos objetivos e devemos ficar unidos para fortalecer o nanderekoha.”

Reinaldo Duarte, da aldeia Cerrito



O território Laguna Piru foi nomeado por esse nome pelos indígenas por causa de um córrego que existe nesse espaço, perto desse córrego existe, atualmente, um acampamento de uma igreja católica, ali moravam parte da família do Toma'i e outras famílias do senhor Lorenço'i e senhor papito Samaniego.

Imagem16 – Entrevista com Reinaldo Duarte.

Fonte: trabalho de campo do autor, 2020.

Che aikuaa oi Laguna Pirupe heta oiko va'ekue nane parente kuera ha upepe ha'ekuera opa onenongatupa upepe oi, ha karai kuera nanenominte oipotagui yvy imbaera kuerarã upeicha rupi naimanduai nanderehe kuera ha ndeimoai pe lugar indigenaha. Pe Laguna Piru pegua che aikuaa josariope isype ha ituape, finado cornelho ha itayra kuerape ha upepe onenongatupa vaekue upe lugarpe petei ila'í jata'í type upepe oi akue cimenterio che ahecha akue onenotyro guare. Oi petei karai papito heta vese ou vaekue ronogueta ha operandu jipi cheve ha hae resarai imima vaekue ha che ndaseresarai, ha pe cimenteriope onenongatu akue josario sy ha itua, Josario sy onehenoí vaekue dona Paula ha onehundi paramo isy ha itua, Josario ha familia osemba ha oho vaekue tekoha Porto Lindo pe.

Haekuera ose vaekue omano rirema isy ha itua ha avei ndovya veigui Laguna Pirupe ha che koaga ndaikuaaveima Josario oikovepa otapa nahani ymama ndahechavei chupekuera. Haekuera ombaapo akue fazendare oivakue petei empreteiro herava senhor gonzale però ha herava senhor Dito paraguay umia la patron akue koarupi, ha umi ava kuera omba'apo vaekue kaaguy jeity pe ojepuru ferramenta hacha, foice ojekopi hagua lugar. Ha karai kuera oity akue kaaguy onoty ha maconha umi caseiro kuera upe tiempo haekuera imboiraihu ndoreguerekoi nipetei kajo vaekue ha karai kuera ojapo picaza onoty hagua maconha upeagui oity heta kaaguy. Onoty ha ovendepa rire pe maconha umi caseiro kuera opyta akue diko, uperire onepyrú ojogua fazenda ha oipea yvy ohovo hikuai, heta ava yvy oipea karai kuera omopua cerca ava avy ari. Ha umi caseiro kuera familia oiko vaekue ava apytepe imboraihu roguare, ha finado Toma'í planta tygue entero ocercapa vaekue karai kuera.

Laguna Piru onehenoí vaekue oigui petei ajojoi poimi upeagui onehenoí Laguna Piru, oi petei ilai mamó koaga tupao oiva upepete oiko akue heta parente kuera, upepe oiko akue senhor loreçoí familia kuera ha ysy ha itua ha avei papito samaniego kuera. Pe Laguna Pirupe omano akue Lorenço sy upe lugarpe onoty vaekue ysype ha aikuaa avei Cornelho pe upepe avei omora vaekue che mita guive aikuaa chupekuera aha jipi hoga kuera rupi aguata, ysy ha itua kuera omanomba rire cornelho kuera osemba upe tekohagui ha ova tekoha Porto Lindo pe.

Osembarire Cornelho kuera familia pe tekohagui karai kuera onepyrú ojapo cerca oipea ohovo ava kuera yvy umi caseiro kuera. Oi petei lugar herava Ysypo upea avei opertenece Laguna Pirupe umi caseiro kuera avei oipea upe lugar. Nande tekohape Cerrito ha Laguna Pirupe ndoikoiva norairo yvyre solo pe tekoha Laguna Piru karai kuera oipeapaite.

Che aikuaa akue finado Toma'í pe hae oiko akue Laguna Pirupe ha aikuaa mootepa oiko akue. Che ray rembireko dona Antonia Nunes aguelo pe finado Toma'í ha hae mburuivicha guasu petei tuicha liderança upe tiempo ha hae comanda Cerrito ha Laguna Pirupe. Antonia

Nunes sy ha itua finado Cremente haekuera Laguna Piru pegua teeva ha itia Dona Vitoria koaga pee oikove gueteri ha Vitoria koaga oiko tekoha Guaira-PR pe.

Laguna Piru pe oiko akue Toma'í Nunes ha hambireko dona Paula ha itayra Cornelho, Cremente, Ilario Nunes, Lampi ha senhor Varga e sua esposa Dona Vitoria irmã do Toma'í . Che akuaa oikovea gueteri Ilario Nunes oiko koaga porto lindo pe ha Vitoria oiko guaira pe. Nande cultura imabarete akue, oi ojerokya Toma'í ha hambireko dona Paula ha senhor Varga, upe tiempo oiko gueteri mita karai, guachire, kotyhu, jero ky takua.

Tradução em português

“Eu conheço bem a história sobre a Laguna Piru. Nesse lugar moravam os nossos parentes e alguns faleceram e foram enterrados nesse lugar. Os karai escondem a verdade sobre o território que pertencem aos indígenas, eles se apropriaram das terras indígenas, nunca vão dizer que aqueles territórios nos pertencem. Conheci as famílias da Laguna Piru quando o senhor Josario e os pais deles, o finado Cornelho e todas suas famílias (e partes dela), foram enterradas numa pequena ilhazinha onde existia o cemitério. Eu participei dos enterros daqueles que faleceram nesse lugar.

Meu finado amigo Papito sempre me visitava na minha casa, todas as vezes conversávamos muitos sobre o passado, e ele já não lembrava muito sobre o território e das famílias que moravam na Laguna Piru, mas eu não me esqueci das famílias da Laguna Piru. E nesse cemitério foram enterrados os pais do Josario, o pai Toma'í e mãe dona Paula. Após o falecimento dos pais, o senhor Josario e sua família decidiram sair da Laguna Piru e se mudaram para aldeia Porto Lindo, no Município de Japorã, MS. O sentimento muito profundo, causado pela perda dos pais, fez com que o senhor Josario e toda sua família decidissem viver em outro lugar. Atualmente não tenho conhecimento se o senhor Josario ainda é vivo, pois depois que saíram da Laguna Piru não o vejo desde então. Todas as famílias do Toma'í, e seus filhos, trabalhavam nas fazendas vizinhas e, à época, havia um empreiteiro que se chamava de Gonzale Perõ, bem como o senhor Dito Paraguai, eles eram os únicos que contratavam os indígenas na aldeia da região para trabalhar nas fazendas. Eles contratavam os indígenas também para derrubar as matas com o uso de ferramenta como machado e foice.

A famílias da fazenda Caseiro derrubaram as matas com objetivo de plantar maconha no meio do mato, entre aldeia Cerrito e Laguna Piru. A família da Fazenda Caseiro era muito pobre, não tinha nada, nem carro. Eles mandavam abrir uma picada para exportar os produtos

e depois das plantações de maconha ficaram muito ricos as famílias do Caseiro, por isso derrubaram muitas matas para plantá-la. Após a sua venda, ganharam muito dinheiro, começaram a comprar fazendas e começaram a cercar as terras indígenas sem autorização, apropriaram-se lentamente dos territórios indígena da Laguna Piru e cercaram até o lugar do senhor Toma'í morava.

O território Laguna Piru foi nomeado por esse nome pelos indígenas por causa de um córrego que existe nesse espaço, perto desse córrego existe atualmente um acampamento de uma igreja católica. Nesse território moravam parte da família do Toma'í e outras famílias do senhor Lourenço'í e do senhor Papito Samaniego. Os pais do senhor Lourenço'í foram enterrados nesse espaço onde moravam e nesse lugar também conheci o senhor Cornelho, filho do Toma'í. Eu o conheci e convivi com todas essas famílias desde criança. As famílias do senhor Cornelho começaram se mudar após o falecimento dos pais, e seguiram para aldeia de Porto Lindo, município de Japorã. Após as famílias deixarem o seu lugar tradicional, o caseiro da fazenda e o fazendeiro foram construindo cercas, apropriando-se das terras indígenas onde moravam. Havia um lugar que se chamava Ysypo, pertencente à Laguna Piru, que também foi tomada pelos fazendeiros.

Aqui na aldeia Cerrito e na Laguna Piru, não teve conflito e nem violência contra os indígenas, mas o tekoha Laguna Piru foi totalmente tomado pelos fazendeiros. Eu conhecia bem o senhor Toma'í, ele morava na Laguna Piru e era a primeira grande liderança dos dois lugares, Cerrito e Laguna Piru.

A minha nora Antonia Nunes é neta do mburuvicha Toma'í. Eles são legítimos do tekoha Laguna Piru, e uma das netas do Toma'í vive na aldeia Cerrito. Conheci também a tia da Antonia, a dona Vitoria e o finado Vargas, pai da Antonia e a dona Vitoria que ainda é viva, e atualmente moram numas aldeias de Guaira-PR. As famílias que moravam na Laguna Piru são: do líder Toma'í e de sua esposa dona Paula (falecida), do Cremente (falecido), do Cornelho (falecido), do Ilario Nunes, do Lampi (falecido), do senhor Varga (falecido) e da dona Vitoria.

Na época a nossa cultura era bem fortalecida, o finado Toma'í era líder e rezador e sua esposa, dona Paula, era rezadora. Havia outro rezador, o senhor Varga e sua esposa, nessa época praticavam e valorizavam o batismo de crianças, guachire, kotyhu e jeroxy takua.”

Senhor Papito Samaniego



Papito Samaniego, nascido em Laguna Piru. Atualmente moro na aldeia Porto Lindo. Saí de Laguna Piru com 12 anos de idade, meados de 1952. Fomos a última família que deixou essa aldeia. Atualmente tenho uma filha morando na aldeia Cerrito.

Imagem 16—*Senhor Papito Samaniego.*

Fonte: Acervo do autor, 2021.

Upepe che anasce em 1940 pe Laguna Pirupe, ha primeiro fundador hae Arniseto Losa ha Estake Samaniego ha Agostinha Sanches chesy. Haekuerala primeiro funadador da Laguna Piru, itonse che anase upepe Laguna Pirupe 1940 pe ha ore 1952 oremosemba akue upegui 12 ano arekope rosemba akue upegui. Oho peteiziape pe “Ze caseiro” fazendeiro itonse oho pe roikohape hei karai Arniseto Losa pe ha Estake Samaniego pe, koagaitepeve ndacheresairi heiakue cherupe hei peicha:

He´i karai Arniseto Losa pe ha Estake Samaniego pe, che aju penerendape koako lugar chembae hei fazendeiro Ze caseiro, che ajogua koako lugar ha itonse ko peihava chembae he´i. Ha che aipota pejetira agui koako lugargui he´i chupekuera.

Ha ava ymaguareko na´iñemoiri fazendeiro he´imia ojapo, ha upeguive ore rosemba´akue 1952 upea, roñemose akue upegui heta roguereko akue hikuai animar ovecha, kure, kavara, kavaju, ryguasu guive roguereko akue. Ha roñemosemaro rovendepa fazendeiro Mario Mele pe upero guare hae oiko Cerritope.

Uperoguaré Cerritope oiko akue Toma Nunes pe Ilario Nunes ru, ha´ela capitao Cerritope ha Laguna Pirupe ha´e omanda akue Cerritore ha Laguna Pirure. Haupei ore rosembarire heta nande paisano kuera karai Tañi efinado orendive oiko akue ko Laguna Pirupe. Haupei

haekuera ohopa ceritore toma nune oihape, Laguna Pirugui ova hikauí Cerritope ronemosembagui. Ha fazendeiro pe Ze caseiro oíke akue Laguna Piru ha onemojaramavoi akue, ajogua heingo oreve.

Ore orereta akue Laguna Pirupe nande paisano heta oiko akue upepe, haupei rosarambipa upegui 1952 ore rosemba akue upegui. Ore roiko akue pe ajojo Laguna Piru kotare pe kaveseraitepe roikoakue, ore roipuru ajojo Laguna Piru guíve akue. Cheru apema onehundi ko porto lindope rosembarirema nachemanduai mbovy anopepa. Ore ronemoserire roho porto morumbipe upepe Arniseto Losa ojoguala oga ojogua tres datas porto morumbipe upepe rohopa ore chereindy kuera, mama rohopa porto morumbipe. Uperirema che 20 anos arekope aike akue ape porto lindope, mama umia ndouiakue ape gueteri haekuera o/guereko akuela data porto morumbipe. Che anase akue Laguna Pirupe, chirivy kuera aveia pe che ermano Epifano Losa karai Arniseto Losa ray akue ha´e ha Arniseto Losa ha´e cheruangante akue ha cheru tee hae Estake Samaniego. Cheteoila samaniego pe aimeva ha umi chirivy kuera atu hae kuera Losa memete ijapelizo.

Ha rose ymbovyve 1948 pe oíke Jaco Oliveira pe Ze caseiro ourire oíke hae, ojogua 50 alquere yvy caseirogui pe Cerrito livisaitere pe karai Creto oihaguíve hae hina. Uperire jeyma ovende akue Jose Bailarinope uperõ oiakue seminario pe Cerritope, pai jeyma upea uperõguare Mario Mele osema upegui otrega pa´ípe upe yvy Cerrito akue. Ha livisa Laguna Piru ojapo hina umi fazenda celina, umi fazenda jangada umiala livisa hina entre Laguna Piru. Ha amoto fazenda santa odila pe guaruja jaeha upeala livisa hina alamitã caseiro ndive ha upea Laguna Piru memete akue.

Ha pe mario mele hoga akue pe Cerrito kaveseraitepe hae oiko akue tapekotaitepe pe ikavesera oi, upepe haekuera hoiuakue. Ha cemitrio indigena oíkie pe açude oiango pe cemiterio oi Hague hina, pe açude vajope oi ilami umia cemiterio kue hina. Upepe Cerrito ygua, Laguna Piru ygua opaichaguarei tuicha cemiterio upepe akue, upeicha akue umia.

Ha Laguna Pirupe oiakue cemiterio pe ilaipe koaga oi heta ogai upepe, upepete oi akue cemiterio indigena. Oiakue petei ndahaeiva nandekuera uperoguaré eldorado onepyramo aje, hae petei baino ajea, oho kavaju ari hikuai oguáhe Laguna Piru pe ojerure lugar re Arniseto Losa pe, ha omee chupela lugarmi. Ha hae ikaraima vaekue ha hambireko ikunakaraima avei vaekue upea anoitela oiakue upepe ha upeguiveguava katu nandekuera memete ha upe casalmi upepe ojeserputa akue.

Ha Ze caseiro tiempope pe seminario ypye oiakue cerraria ygui ofunciona akue, omba´apo akue. Itonse oula Lucio porto morumbigui oaluga ze caseirogui icejaria. Pe ze caseiro

fazenda kaagui akue, parmital ty akue, upetiempope pe oiakuela cejaria. Che chamandua tres ano hae onoty ha ombaapo akue maconhare upepe pe ze caseiro voi onotyuka akue upepe. Ha upei oikovaila Lucio ndive pe ze caseiro ha ojuka moavoi chupe pe ze caseiro, ha upeagui okany oho porto morumbipe. Ha upeala oyty akue caseiro pe maconhare, Dercindo Batista upero hae delagado porto morumbipe oimene omombeu chupe haupei hae rerechoite ou ze caseiro upero tape oima ape iguatemipe ohova. Uperireguive nofuncionavei akue 10 ano rupi opyta akue ndaikatuiiri mbaevetere omeche porkausa pe maconha aje.

Ha Laguna Piru kaaguy akue ore kueramintevoi roiko akue, ore upepe rojeheka hagua roho akue kavaju ari iguatemime, kavaju ari mante roju upetienpope upegui. Rojeheka rojogua hagua jukymi, feijaomi upepete akueoi iguatemi mante rojuarã rojeheka umiare upeicha akue upepe roikoha tienpope ha eldorado upero onepyruramo.

Upepeoi pe ze carlo vilharva ru pe Feli aguara pente onehenoi akue, upeala haela nanderu akue upepe ojerokyva. Ha haekuera ojapo peicha mita karai umia ha Varga atu Cerritope upe Toma Nune dierno akue haekuerala oiko akue ojerokyva. Ha feli aguara oiko akue Laguna Pirupe ha Varga oiko Cerritope. Ore ronombiyaty akue Toma rogape ha sapyante haekuera oho ore lao Laguna Pirupe ojerokyha hagua hikuai upeicha akue oiko. Ore upepe memete ronase akue Laguna Pirupe ore sei roiko mbohapy kuna ha mbohapy kuimba'e, che 1940 peguare ha doze anos arekope ronemose akue lahguna pirugui. Ore ndahaei rosesegui akue rose, caseirola oremosemba akue upegui.

Tradução para o português

“Eu nasci em 1940 na Laguna Piru, um dos primeiros fundadores são Arniseto Losa, Estake Samaniego e minha mãe Agostinha Sanches. Eles foram os primeiros fundadores da Laguna Piru. Nasci em 1940, e fomos expulsos em 1952 quando tinha doze anos, saímos forçados da Laguna Piru. Teve um dia que o fazendeiro Zé caseiro chegou até o lugar em que morávamos e disse para o senhor Arniseto Losa e para Estake Samaniego. Até hoje não esqueci o que ele disse para eles naquele momento. Disse isso para o Arniseto Losa e para Estake Samaniego: ‘vim aqui hoje para comunicar a todos vocês que esse lugar que vocês estão morando eu comprei, agora essa terra pertence a mim. Preciso que vocês todos desocupem essa terra imediatamente porque agora é minha propriedade’. Assim disse o fazendeiro.

Os indígenas mais antigos aqui não entraram em confronto com o fazendeiro, foi por isso que nós saímos em 1952. Fomos expulsos do nosso tekoha, tínhamos muitos animais como

ovelhas, porcos, carneiros, cavalos, galinhas, em nosso nosso tekoha. Depois fomos pelo Zé caseiro, vendemos tudo que nós tínhamos de animais para o senhor Mario Mel, nessa época ele morava no Cerrito.

Na época, o senhor Toma'i Nunes, pai do Ilario Nunes, era capitão e comandava na Laguna Piru e no Cerrito. Depois que saímos forçados da Laguna Piru outros patrícios, como o senhor Tañi, vieram morar no Cerrito onde o senhor Toma'i Nunes já morava. Esse fazendeiro disse que comprou e depois disso todos os patrícios se esparramaram em outras aldeias.

Havia muitos patrícios indígenas que moravam na Laguna Piru e, depois que fomos expulsos em 1952, esparramaram-se para outros lugares. Nós morávamos bem ali, na cabeceira do córrego Laguna Piru, e outras famílias também. O meu pai faleceu na aldeia Porto Lindo, depois que saiu da Laguna Piru, e não me lembro em que ano ele faleceu. Depois que fomos expulsos o nosso destino era para o Porto Morumbi, o Arniseto Losa comprou mais ou menos três datas no Porto Morumbi. Depois dos vinte anos eu fui morar na aldeia Porto Lindo, os meus pais não vieram, ficaram ainda morando no Morumbi.

Eu nasci na Laguna Piru e todos meus irmãos e irmãs, e o Arniseto Losa já tinha um filho grande antes de se casar com a minha mãe, ele era meu padrasto. O meu pai verdadeiro era o senhor Estake Samaniego, só eu tenho o sobrenome de Samaniego, os outros meus irmãos têm sobrenome de Losa.

Antes de nós sairmos, em 1948, veio o Jaco de Oliveira e comprou mais ou menos cinquenta alqueires de terra do Ze caseiro, que fazia divisa com a aldeia Cerrito, onde morava o rezador Creto. Alguns anos depois, o Jaco Oliveira vendeu para o Bailarino, na época sempre existia seminário no Cerrito no comando dos padres, o Mario Mele já havia saído do Cerrito. A divisa da Laguna Piru era com fazenda Celina e Jangada, essas fazendas fazem parte da divisa. E a divisa chega até a fazenda Odila, mais conhecido pelo nome de Guaruja, a metade dessa fazenda é da fazenda Caseiro, e todas essas terras pertencem a Laguna Piru.

A casa do Mario Mele ficava bem na cabeceira do córrego do Cerrito e as estrada velhas passavam bem perto da casa dele. No cemitério indígena, antigamente localizado numa ilhazinha de mata bem perto da cabeceira do Cerrito, ali as pessoas eram enterradas. Nesse cemitério eram enterradas as pessoas quando faleciam, tanto da Laguna Piru quanto do Cerrito, até mesmo as pessoas de fora eram sepultadas nesse cemitério. O cemitério da Laguna Piru ficava localizado numa ilhazinha de mata, hoje existe muita casinha nesse lugar e o acampamento dos padres. Havia um casal que não era indígena na época, da cidade de Eldorado, estava no seu início, não era cidade ainda. Esse casal chegou a cavalo na Laguna Piru e pediu

para Arniseto Losa por moradia e Arniseto arrumou um lugar para eles. Era um casal idoso e apenas eles eram um casal não indígena que moravam juntos com os indígenas. Os dois faleceram na Laguna Piru e foram sepultados nesse cemitério.

Já no comando do Zé Caseiro existia perto do local onde acontecia seminário uma construção de serralheria que funcionavam dentro da água. A pessoa que alugou essa serralheria do Ze Caseiro era Lucio, ele veio do Porto Morumbi. Nesse tempo, essa terra era cheia de mata, lugar de palmital, depois de serralheria começaram a desmatar a floresta. Eu me recordo bem quando eles começaram trabalhar e a plantar maconha por três anos na fazenda. Tempos depois começaram brigar entre eles com Lucio, e ele foi embora para o Porto Morumbi por medo. Na época a delegacia ficava no Porto Morumbi, o delegado era Dercindo Batista, dias depois ele veio acompanhado pelos policiais aqui na fazenda investigando essa plantação de maconha.

Na Laguna Piru havia uma grande extensão de floresta, só havia os indígenas primeiro, nós antigamente íamos a cavalo até Sakaron-Iguatemi pela estrada velha. Nós íamos para Iguatemi para comprar sal, feijão, óleo; assim nós vivíamos na época. A cidade de Eldorado ainda não existia.

Os rezadores era o pai do Carlos Vilharva e Feliz Aguará, estes eram seus nomes, eles eram os principais rezadores e faziam batismo de crianças, entre outras coisas. O senhor Varga ele era rezador do Cerrito, genro do senhor Tomá'i Nunes. Eles são os ñanderu antigamente. E Feliz morava na Laguna Piru, realizavam encontros na casa do senhor Tomá'i Nunes, as vezes se encontravam na Laguna Piru ou no Cerrito, assim nós vivíamos nessa época.

Nós nascemos na Laguna Piru, eu e todos meus irmãos. Nós éramos três irmãos e três irmãs. Eu nasci em 1940. Quando tinha doze anos fomos expulsos da Laguna Piru. Nós não saímos por vontade própria, nós fomos expulsos do nosso lugar, foi o Ze Caseiro que nos expulsou.”

Carlos Vilhalva, de Porto Lindo



Eu nasci na Aldeia Cerrito, meu nome é Carlos Vilharva, tenho oitenta anos. Fiquei trinta e nove anos de capitão da aldeia Porto Lindo. Todos os meus filhos já nasceram na aldeia Porto Lindo. Eu saí com doze anos da aldeia Cerrito para Porto Lindo. Os meus pais chamavam Felix Vilharva e Vicente Duarte.

Imagem 17 - Carlos Vilhalva, Porto Lindo.
Fonte: Acervo do autor, 2021.

Ape ko Cerrito pe primeiro oiakue Tomai Nunes ha haela capitão, ha hae onehundi apeoi ha ifamilia kuera ha ijerno Oride. Ha oiakue iñiru ha ipolicia herava felicai pente onehenoi hae apente avei hoga amoite pirajuy kotaitepe ha haekuerala ombaapo onondive. Ha koapeguava Cerritope vecino Laguna Piru ndive, oi herava che mita guive aikuaa vaekue karai johelholá herava ha hae tomái vecinoa akue, ipariente kuera oi gueteri amo porto lindo pe gueteri, haekuera ndoikuaa moai umia imita gueteri. Outro ivecino kueravango ore koape cheru hera Felix Vilharva, che anenandurõ haekuera apemavoi oi, outro avei ivecino kuera Carlito Duarte upea che tio che sy guiolau ha otro herava Jamo Tarave ojeentaakue chupe itayrare oigueteri amo porto lindo petei francisco hera chico pente onehenoi. Joke umiango Tomai oirirema haekuera oukue omenda ifamilia kuerare Joke Martins,

Poi , Tomai kuera familiare, cinco rupi oiko akue onoermano umi outro omanomba iguatemi pe mbokaja jeehape.

Laguna Piru peatu oi akuela principal omorava hae ndahaei jepe encarregado pohaela kavesante peicha ombaapo hagua upea paraguajo “Losa” pente onehenoi akue ijapelio ndaikuaairi, upea hina papito ruanga, haengo itayra ranga aje. Ha oi petei inermana herava Maria petei kuna, otro

morador upepe oi akue “Liberato”pente onehenoi hae petei ava guarani ha hae onehundi upepei.

Laguna Piru pe oiko avei akue Tani Gomes, hae petei tuja morador tuja upepe pegua, Liberato rayrengo Josario pe onehenoi akue, hae onehundi amoite porto lindo pe.

Josario reindy hianche oikove gueteri morumbipe hae Julipi pente onehenoi akue, umi mokointe Leberato oguereko akuela família. Ha oiko avei akue petei viuvami Julia pe onehenoi, upepei onehundi Laguna Piru pe. Liver (Liberato) upepei onenoty hae ha hambireko, oivoi upepe cemeterio tuja, oi petei ajojoi amoguiolau oguejya upea rokazaitepe oi, petei ceniterionte oi upepe pero hetai upepe onenoty.

Che aikuaa laja peteinte cemeterio oi Laguna Piru, pero ko Cerrito pela quatro oi cemeterio peteila enatingovevoi. Che Cerrito pe oi anase koape voi, che rera Carlo Vilharva areko 80 año koaga ha 39 ano de capitão che ray kuera enterevoveva onasepa porto lindo pe. Che 12 ano pe aha akue porto lindo pe, cheru hae Felix Vilharva ha chesy Vicente Duarte. Travajo hape aha akue ipahape ndajuivei apytaite upeoto koagaite peve, upei cheare upeoto lao 6 ou 7 ano pe aju araha mama umiape.

Primeiro koare che oiakue acuiza akue ko coloniarare, heta dificuldade ahasa akue koare, po roconsegula Cerrito rã. Cerrito jeengo amoite oiva kaaguyipe ymarupi ndojeei sejo, “ila ojee” ha outro atu hei cejito ha upeicha pela ava kuera ombohera Cerrito pe.

Nande kuera ava voi ombohera umi mokoi tekoha Laguna Piru ha Cerrito, Laguna Piru ombohera hikuai por causa ke upepe oi laguna hypa jipi vaerã, seca jave hyparã. Cerrito ha Laguna Piru ojeheapa kaaguy parana peve oho, koa hekopete jahataro ipukula historia.

Ha “Losa” ouraka´e upepe oguejy ha oikavesa, travagazo hapela haé ou ha opyta upepe. Ojapo picaza, ojapo cerca ha kaa ñekytype ha upekuevo ha´e opyta arupi ha ñandekuera oimoiru chupe ombaapo. Ha´e outema akue upepe Laguna Pirupe, ha ha´e ndaha´ei upepegua, ha´e ndaha´ei ava, ojekuaa porã terei hese ndahaeiha ava. Ha ko yvyngo ojehe´avoi kuri ymave Cerrito ha Laguna Piru, ha´ekueratema odividila yvy. Che ahecha akue chemitame picaza ajapo roguare amoite cantoitegui oñepyrú ombohasa ape caserorã rupi apolauté pe toma´i roga kuerupi ombohasa hikuai ahechavoi mbaeichapa oho hikuai. Upepe oimoiru akue chupe Joke Martins, Cornelho Nunes, Ilario Nunes umiala ojapo picaza pe karaipe peicha omezi hagua.

Masomeno che nachemanduaporãi anõ pero, amalicia 1946 kuera rupila karai oguejy ape oikyti ramo hina koarã, upekuevola koa omboja'õ Cerrito apo ha Laguna Piru amoto.

Laguna Piru ojapo parte kora'ikueguive, oi petei herava persona herava Kola'í upeaguila oñembohera upe lugar. Ha ha'e upepeoi omano, upe luhar opyta amo kaveserai jahava pe afalto lao oi pyentei upepe, upea apolaula ojapola Laguna Piru, pea haela livisa, pe ysyry oho morumbilao. Upeagui aporela Laguna Piru ojehe'a Cerritore pirajuy peve enterevoveva ojapo masomeno 60 mil hectaria ha koa ojehe'a pe semana santakue guive upeguivela livisa. Upeare mavea naimandu'ai, mavea ndojequeriri, ndoikuaamiri, ha mboruvicha ourõ tekoteve jaikuaa jajekuri hagua umia ha ndajakuaairo ijetu'u opytata.

Ha Toma Nunes ha'ela capitão primeiro ha che mitã guive aikuaa chupe, 6 ou 7 ano arekope aikuaama chupe, ha ha'e apeguamoi haela ocomanda Cerrito ha Laguna Piru entero. Upetiempope oiraka'e herava mbopyente oñehenoí oikova pyelitope, upea ndivela omba'apo raka'e ha'e. Ha caseiro kuera oikeriremala oñemose raka'e umi ava oikova Laguna Pirugui. Hape Losape haupei ha'e oho raka'e morumbioto ha upeoto hae oñehundi ha hambirekokuera oñehundi rakae naviraioto.

Ha ape Cerrito Mele'í rae ou rakae ape ha upeima oukue outro eñermano Mario Mele mokoi oiko akue hikuai, peteziape opika chupe mboi rae ha omano upetienpope ndaiporila carro ndegueraha hagua ha ou oñehundi, uperirema ou Mario Mele ha'e Mele'í ryke'y.

Ha ityvyra omanoriremala Mario Mele ou ape ha ha'e ojajala yvy, ha ha'e fazenda ohauri haguala ou, upero mbaeve ndojeauriri ape livisa nimbaeve. Ha pe Mele'í oimene masomeno ouhague 1945 rupi ape, ha haekuera oikyty kaa arupi umi ava kuera ndive ombaapo upeicha oiko hikuai. Ha Toma'í mbytetepe oiakue nandekuera avaoi ombokuaape ha umi engenheiro kuera atu omezi ou, hape hoga rendaguemi upepe ndaipori mbaeve akue, ha umi engenheiro kuera ouriremala oikyty chugui upeichape ha'e ypota akue livisaitere entre Cerrito ha Laguna Piru tiempo rirema. Ha hae onehundi rirema opyta umi ifamilia kuera upepe, upeitema osarambipa hikuai, ha Tomai apeoi oñeñoty ha hambireko atu oñehundi guairape.

Ha Toma'í rire opyta peicha oñatendei mimi hagua koarupi opytra iñeto Adolfo Martins, upeala opyta ha che amechemaramo ko Cerritore, che oingo ameche, ndaiporila oñatende arã ajea, heta apensa mbaeichapala ajapota. Amogui che ajuhagua ndaikatumoai heta apensa rirema anemoguenta hendive ndaikatuipa ou pelomeno oasegura hagua, ha ou hae porque nasizo apeguaoi, opyta ifamilia kuera ndive ape Cerritope ndaikuaai porai mbovy ano pevopa raka'e hae. Ha upemaramo ponola opyta kavesante yre ape, che añemoguenta Ermo ndive opyta hagua ape.

Che 1960 guive añepyrũ akue aluta akue yvyrehehape upeima ou akue umi Funai, yma tienpope chenõ terei ambaapo akue, ndaiporila cheiru che acompanha hagua. Upeaguila cheño apreitea aju ha atopa umi povo ndoguerekoila garantia, uperamo che añetremete jahechapa ndoguerekoipa ha kuera ijyvyrã upepe ha aconsegui chupekuera. Che ajujeirõ roguare ape Cerrito, umi fazendeiro oguerapama rake umi ava kuerape amoite pirajui kotare chupekuera ha apolau fazendero mante oi umi ava oihaguepe.

Tape tujava oi ohasava ymave ojee kue campo seko uperupi ojehasami vaakue ymaverupi, koagui jahavo oi lugar herava Tamborakue ojee upepe, yvau ajojo apolau upepela tamborakue hina. Upepe oiko akue petei ava herava “tambora” upeaguila hera upe lugar tamborakue, ha ifamilia kuerare oiko gueteri ape porto lindo pe, kokuehete omano tayrare herava “Arsenil”.

Elmo Benites, upeangola carlo heiva tape rakae antigo Sakaronpe osehagua oñepyrũ rakae agui Leongui ohasa Cerrito, Laguna Piru, tamborakue, taruma, semana santa kue ha yvau ose sakaronpe oho, upeichala primeiro tape ojejapo ojehasa hagua.

Omombeu porãbveta peeme mbaeguipa umi ava kuera ose rakae pe Laguna Pirugui, upea hae papito samaniego mante hae upepe guare hina. Papito hae Losa ray ranga, hae como itayrare oikuaata tanteoi, porque nande mita guive jakakuaa haguepe ñande lugar jaikuaa mbaeichapa rakae yma.

Ha papito umiala opyta akue urtimo jeponsale pe Laguna Pirure, che naporndauí ha haekuera avei ndoporandui cheve mbaichapa oi rakae upepe hikuai. Ha peteizíape ou advogado funai kuera ou cherendape, ha hei cheve ikatupa nde acompañami jajapo hagua levantamento Laguna Pirure hei cheve. Ha upemaramo aju hendive kuera, roho amoite uperoguardela ajapo meio masomeno porãla ajapo porque che kuri hae chupekuerala Cerrito ha Laguna Piru ojaja koaguive hae chupekuera yvau peve. Upeguive ajapouka akue levantamento ha hae ogravapavoi umi karai kuera ikatu haguaicha ogueraha upea Laguna Pirure akue entre Cerrito reheve. Ha ahe umi karaikuerape peango oreminte rombohera akue mbaeichapa lugarmi, moopa roikoha akue hae chupekuera, iporã hei cheve pee pembohera akuela ovale hei ndahaei umi fazenda ombohera akue hei.

Opyta kuri upeicha, upei haekuera ocaucula ojavola osoma hikuai osetahala 60 mil hectariala yvy Cerrito ha Laguna Piru. Haupei che aju ndapaapoveila upeicha ajea, pero che sempre ajapysaka lomita kuerare ha papito umiala opytaarã kurila oikavesarãmo’ã kuri pero che ndaikuaari maberepa nopenai hikuai. Ha che arahaoi umi karaikuerape amoite pirajui pe

itaquirai lao upepeve araha, ore roiko hagueoi hae chupe, ko karai ajojo apore jey ha haekuera ose amoto lau hae chupe karaikuerape, upeichape ograva hikuai ha entrevista hikuai.

Umi levantamento ojejapo akue oimene umi antrpologo kuera oguereko hina, umia oirõ justiça ñahenduta mbaepala oikota. Hape antropologo ou akue Cuiabágui upepela opytata akue ha umi federal kuera ore acompaha akue porque ipelioso akue, ojejapo roguare umia fazenda omarcapa vaekue livisa ha oima vaekue asfalto umia. Pe fazenda guaruja ha pe usina oiva upea Laguna Piru paiteoi, koaga oi petei herava fazneda laguna peru upea ava yvy ari memete oi.

Ape ojerokyveva chemanduava Jamo Taravepe onehenoi haela ojerokya, Toma ojerokyai haekuera oñepytyvuarã mita karai ojejapo hagua. Ymavengo onembovyia akue ojeu chicha ajea, ojavola vya, kotyhu jae nembovyia hagua umiala diversion ojejapoa. Jeroky ojejapoarã Cerrito ha Laguna Piru, onohenoimbara hikuai ojejapo jave, upeicha oiko akue. Uperonguare ndaipori gueteri mbaraka ndajahechai akue solo upeantela faja jae nande upeicha onembovyia entero lomita kuera, upeaguila tuichavove oaprende ha ohecha ha koagagua ndohechaila mbaechala opilhata ajea, ha umia hasya oporuhacia mantela omboguera.

Tradução em português

“Eu nasci na aldeia Cerrito, meu nome é Carlos Vilharva tenho oitenta anos. Fiquei trinta e nove anos de capitão da aldeia, todos os meus filhos já nasceram na aldeia Porto Lindo. Eu saí com doze anos de idade da aldeia Cerrito para Porto Lindo, os meus pais se chamavam Felix Vilharva e Vicente Duarte. Eu saí para trabalhar naquela época, mas fiquei indo em Cerrito, como faço até hoje. Depois de seis ou sete anos fui levar os meus pais para morar junto comigo em Porto Lindo.

Eu fui o primeiro a cuidar do Cerrito, passei por várias dificuldades durante o processo de demarcação da aldeia Cerrito. Existe um morrinho bem no centro da mata, por isso foi chamado de Cerrito pelos indígenas. O primeiro morador nativo do tekoha Cerrito foi Toma’i Nunes, ele era capitão. Faleceu ali mesmo, junto à alguns entes queridos, bem como o seu genro Oride. Ele tinha um parceiro e segurança dele que se chamava Felicai, morava bem nas margens do rio Pirajui, consideravam-se parceiros de trabalho.

Os moradores da aldeia Cerrito eram vizinhos com a Laguna Piru, conheciam-se desde pequeno. Ali tinha o Johelho que era vizinho do senhor Toma’i. Os parentes desse Johelho, pelo que eu saiba, moravam na aldeia Porto Lindo, mas não devem conhecer sua parentela porque eles são muitos novos. Outros vizinhos eram os meus pais Felix Vilharva, desde que comecei a entender as coisas eles já estavam aqui. Outros vizinhos eram Carlitos Duarte, ele é meu tio por

parte da minha mãe, e outro vizinho era Jamo Tarave, assim ele se chamava, um dos filhos dele mora na aldeia Porto Lindo. O nome desse filho é Francisco, mais conhecido como “chico”. Depois apareceram a famílias do senhor Joke Martins, que se familiarizou com a família do senhor Toma’i Nunes, eles eram em cinco irmãos, alguns irmãos do Joke Martins faleceram num tekoha que se chama Mbokaja, na região de Iguatemi.

Na Laguna Piru morava um paraguaio que se chamava por Losa, ele era encarregado pelas turmas que trabalhava. Ele se chamava por Losa, eu não sabia como era o nome completo dele, ele era padraço do Papito Samaniego. Também conheci a irmã do senhor Liberato (Liver), a dona Maria, ela era nativa e faleceu ali mesmo na Laguna Piru. Também morava na Laguna Piru o senhor Tani Gomes, e ele também é nativo nesse tekoha, e Josario, que é filho do senhor Liberato, ele morreu na aldeia Porto Lindo. Conheci o senhor Josario aqui na Cerrito, tive oportunidade de conhecer as famílias dele aqui.

A irmã do Josario talvez ainda esteja viva no Morumbi, ela se chamava pelo sobrenome Julipi. O senhor Liberato só tinha esses dois filhos. O senhor Liver (Liberato) e sua esposa foram enterrados ali mesmo, ali existe um cemitério bem antigo, perto de um córrego, onde muitas pessoas foram enterradas. Pelo que eu sei existe só um cemitério na Laguna Piru, mas aqui na Cerrito existem quatro cemitérios.

Eu nasci na aldeia Cerrito, meu nome é Carlos Vilharva, tenho oitenta anos de idade e fiquei trinta e nove anos de capitão da aldeia. Todos os meus filhos já nasceram na aldeia Porto Lindo. Eu saí de Cerrito com doze anos de idade para Porto Lindo. Os meus pais se chamavam Felix Vilharva e Vicente Duarte. Eu saí para trabalhar naquela época, mas ficaram por lá mesmo até hoje, depois de seis ou sete anos depois fui levar os meus pais para morar junto comigo em Porto Lindo.

Eu fui o primeiro a cuidar do território do Cerrito, passei por várias dificuldades durante o processo de demarcação da aldeia Cerrito. Existe um morrinho bem no centro da mata, por isso foi chamado de Cerrito pelos indígenas. Foram nós indígenas que colocamos para esses dois tekoha o nome de Cerrito e Laguna Piru. Eles chamaram de Laguna Piru porque lá existe um pequeno córrego, conforme o tempo de verão, o córrego quase fica seco, por isso foi chamado de Laguna Piru.”

“Losa” cabeçante de turma na Laguna Piru

O senhor “Losa” veio para esse lugar como cabeçante de turma para trabalhar, mas ficou por aqui mesmo. Ele abria picadas e trabalhavam no corte de ervas. Foi assim que ele ficou morando nesse lugar. Os indígenas que já moravam ali trabalhavam com ele também. Ele só entrou na Laguna Piru, ele não é legítimo dali e não era indígena, dava para perceber.

O Cerrito e Laguna Piru fazia parte de um território só, não havia divisa, foram os não-indígenas que começaram a dividir o nosso território. Eu via quando era adolescente, eu fazia as picadas bem no canto da aldeia, essa abertura de estrada saiu bem ali perto da fazenda Caseiro, e bem perto da casa do senhor Toma Nunes, assim eles iam abrindo a primeira estrada.

As pessoas que o ajudaram a fazer abertura de estrada foram os senhores Joke Martins, Cornelho Nunes e Ilario Nunes. Foram essas pessoas que abriram as picadas para eles, e os não indígenas a iam medindo. Isso foi mais ou menos por volta de 1946. Os não indígenas começaram a chegar e com essa abertura da primeira estrada, começaram a dividir a aldeia Cerrito e Laguna Piru.

A Laguna Piru faz parte do lugar que se chamava por nome de Kora’i. Nesse lugar morava um indígena que se chamava Kola’i, por isso, foi chamado assim esse lugar. E esse senhor faleceu ali mesmo, esse lugar Kora’i ficava localizado bem na cabeceira do correjo Morumbi e o córrego a fazia divisa da Laguna Piru.

Desde o córrego do Morumbi para cá, até o Cerrito e Pirajui são territórios indígenas, no total de área pode chegar mais sessenta mil hectares, também fazem a divisa até o lugar que se chama Semana Santakue. Desses lugares ninguém lembra e ninguém se movimenta para recuperá-los. A maioria das pessoas indígenas não sabem que esses lugares são indígenas, e devemos conhecer os nossos lugares tradicionais para mostrar para as autoridades quando as encontramos. Se nós não procurarmos para saber sobre os nossos lugares, fica complicado para todos nós.

O senhor Tomaí Nunes ele foi o primeiro capitão, eu na idade de seis ou sete anos já o conhecia, pois ele é morador antigo desse tekoha e comandava entre Laguna Piru e Cerrito. Nessa época havia uma pessoa que morava no tekoha Pyelito que se chamava Mbopi, essa pessoa trabalhava e ajudavam o senhor Toma Nunes. Depois da chegada da fazenda Caseiro ou fazenda São Francisco.

Os indígenas foram pressionados e expulsos do seu território da Laguna Piru. Depois que Caseiro expulsou o senhor Losa e sua família da Laguna Piru eles foram para Porto Morumbi e por lá ele faleceu, e a esposa ouvi dizer que faleceu em Naviraí.

A primeira pessoa que veio aqui na Cerrito foi o Mele'i, irmão mais novo do senhor Mario Mele, eram dois irmãos, mas um dia o Mele'i foi picado por uma cobra, não aguentou e faleceu por falta de assistência. Não havia carro para levá-lo ao hospital, portanto o Mario Mele veio depois do falecimento do irmão mais novo para cuidar e continuar com os trabalhos que estava sendo feito aqui.

Depois do falecimento do seu irmão, o Mario Mele veio para continuar com os trabalhos, fazendo divisa para sua fazenda. Antigamente não existia divisa por aqui, ele construía cercas para marcar seu território.

Essa pessoa Mele'i veio por volta de 1945 aqui na Cerrito, eles trabalhavam no corte de ervas juntos com os indígenas, assim eles viviam. E o senhor Toma'i Nunes estava no meio trabalhando, depois que eles abriam as picadas os engenheiros vinham para medir a marcação. Foi assim que começou a dividir o território entre aldeia Cerrito e Laguna Piru. O Toma'i ficou morando bem na divisa. Depois que o senhor Toma'i Nunes faleceu, as famílias dele continuaram morando lá, depois de um tempo eles começaram a se esparramar em outros lugares, e o Toma'i foi sepultado aqui mesmo, e sua esposa faleceu em Guair, no Paraná.

Depois do falecimento do senhor Toma'i Nunes, o Cerrito ficou sem liderança por algum tempo, e para cuidar do território conversei com o senhor Adolfo Martins, que é neto do Toma'i Nunes. Pensei muito antes de colocá-lo como capitão, mas também precisava com urgência porque o processo de demarcação estava em andamento e precisava de alguém para cuidar daqui.

Para eu vir de longe, para cuidar do território todos os dias não dava, por isso conversei bem com Adolfo Martins e ele aceitou o meu pedido e vieram morar com sua família aqui na Cerrito. Não lembro bem até que ano ele ficou de liderança, penso que ele ficou pelo menos dois anos e depois decidiram voltar para aldeia Porto Lindo novamente. E para não ficar sem liderança na aldeia Cerrito conversei com Elmo Benites para ficar de liderança no lugar do Adolfo Martins.

Eu comecei a lutar pelo território no início de 1960, depois vieram a FUNAI. Eu trabalhava muito sozinho, não tinha pessoas para me acompanhar diariamente. Eu batalhei pelo povo, pelo território para nós indígenas. Antigamente nós não tínhamos uma segurança que garantisse o nosso território, por isso lutei pelo meu povo e pela garantia de território que ali estava. Depois de alguns anos que voltei para aldeia Cerrito, os indígenas já haviam sido confinados pelos padres no fundo da aldeia, às margens de Pirajui.

A estrada mais velha passava dentro da aldeia Cerrito, pelo campo seco, era por ali que antigamente as pessoas atravessavam diariamente. Quando saímos daqui da aldeia Cerrito

encontramos logo a frente um lugar que se chamava Tamborakue, atualmente é tudo fazenda. Esse lugar Tamborakue fica localizada próximo ao rio Yvau, esse lugar foi chamado por causa que ali moravam uma pessoa que chamava por nome Tambora por isso esse lugar ficou como Tamborakue. As famílias desse senhor ainda moram na aldeia Porto Lindo. Faz pouco tempo que faleceu um dos filhos dele, chamava-se Arsenil e morava aqui na aldeia Porto Lindo.

Essa estrada se chama Leonkue, passa pelo Cerrito e Laguna Piru, amborakue, Taruma, Semana Santakue e Yvau assim atravessa esses lugares até chegar ao Sakarõ (Iguatemi), assim foi construída a primeira estrada da região.”

Entrevistado com Marilda Vera

Che rera Marilda Vera che hae etnia guarani ha chesy hera Matilde Martins ha cheru Abelino Vera, mokoive onehundima ha koape Cerritope onenotymba. Che chememby 3 kuna ha 4 kuimbae ha petei adotadova, che anase ape Cerritopeoi chememby kuera apepaite oi onasepa, ikariaypa. Che cinco areko che kyvy ha mokoi kunaminte roiko che ha marina, ore enteroveva ndoroguerkoi estudo, yma ndaipori vaekue escola upeagui ore ndorotuziari. Ore primeiro roiko akue area demarcadape ha koaga che aiko area retomada Toma´i kuepe. Ore roikoha tujape jevy roju, ymave fazendeiro orerova vaekue huguare ha cheiru sy ha itua apeguaui ha roiko haguetepe jevy koaga roime. Ore apegua tujavoi ore ndorojui move hendagui.

Cerrito onehenoi oigui petei sejo kaaguy mbytepe, ava kuera oi ohenoi upeicha, Cerrito kaaguymeme akue, karai oike rire oity umi kaaguy, ha ojapo hikau campo. Ha família kuera mombyry oiko ojohegui ndahetai akue, ape oiko akue Jamo, Felicai, Elena, Mario ha Esmael herava.

Che chemandua akue padre Paulo hei oreve rosemba hagua orelugargui ha oreguerahapa pirajui kotare, umi padre hei oreve ozetocapata ore rekoha tuja onoty hagua kapii upeicha ojapo vaekue orerehe umi padre kuera. Uperoguar padre kuera ome michimi yvy cada família pe onemity hagua upe lugarpe, upeichape rohejapa ore yvy tee vaekue. Upetiempo umi avakuera jevy ombaapo fazenda pe oity kaagui, ojapo cerca ha onoty kapii padre kuera pe.

Upe rovahaguepe upepe onezamarca yvy primeira aldeia ara, haupei roju jevy hagua koape roiko haguepe roikuaa oikeseha umi karai kuera padre paulo omano rire. Ha padre omano rire ore roikejevy roiko haguepe.

Ymave ko Cerrito hae varvakuakue karai kuera ojapo kaa, ombopiru ko lugar kaa tygue vaekue uperoguar ndojeityi kaaguy solo kaa nerenohe, kaa ojapoite akue hera vaekue Oride

upeapela Mario Mele o japouka kaa umi ava kuera ndive ha cheru guive ombaapo akue. Heta o jejapo vaekue varvakua kaa onembopiruha caminhao pe onerehenhe kaa picaza o jejapo vaekue rupi

Tradução em português

“Meu nome é Marilda Vera, sou da etnia guarani. O nome da minha mãe é Matilde Martins e de meu pai Abelino Vera, os dois já faleceram e foram enterrados aqui mesmo na aldeia Cerrito. Tenho filhos três meninas, uma é adotiva e quatro meninos. Eu nasci na aldeia Cerrito e todos meus filhos nasceram e cresceram aqui. Eu tenho cinco irmãos e somos em duas irmãs, eu a Marina. Nós todos não temos estudos, naquele tempo não existia escola, por isso não estudamos. Nós primeiro moramos na área demarcada, e agora eu moro na área retomada Toma’i kue. Voltamos na nossa área tradicional mesmo. No passado o fazendeiro nos mandou para o fundo da aldeia, mas os pais do meu esposo já moravam aqui, e nós estamos agora onde eles já moravam bem antes. Nós somos nativos daqui da aldeia, nós não viemos de outros lugares para cá.

O Cerrito foi batizado com esse nome porque existe um pequeno morro bem no centro no mato, foram os indígenas que chamaram assim. Antigamente o Cerrito era tudo mato, depois da chegada dos brancos foram destruídos para fazer pasto. As famílias não moravam perto, e lembro das famílias que moravam aqui. Elas eram: Jamo, Felicai, Elena, Mario e Esmael.

Me lembro quando o padre Paulo disse para nós sairmos do nosso lugar, e levaram-nos para as margens de Pirajui. O padre nos disse que ia destocar e derrubar as matas para plantar capins para os gados, assim os padres fizeram conosco. Naquela época, o padre deu um pequeno espaço para cada família fazer roça, assim nós deixamos a nosso território verdadeiro. E na época também os indígenas trabalhavam na fazenda derrubando as matas, construindo e plantando capins para os padres.

No Cerrito foram construídos muitos varvakua antigamente, o lugar onde os não indígenas faziam manejos de ervas para secar. Nessa época não derrubavam ainda as matas, somente o corte de ervas, e se exportavam as ervas na região, a pessoa que trabalhava muito no manejo e preparação para exportá-la era o tal de Oride, ele era fiscal do Senhor Mario Mele. Esse fiscal trabalhava junto com os indígenas. Até o meu pai trabalhou no corte de ervas. Existia muito varvakua onde as ervas passavam por um processo de secagem e era transportado pelos caminhões.”

Entrevista com Elmo Benites



koape Cerritope heta gueteri oi poha nana, vicho kaaguy, y, mina, yva aju (guavira), Cerrito hae poha renda, heta gueteri oi kaaguy. Koagagua ambue kuera ndoikuaaveima poha nana, tua ha sy kuera nomboevei ifamilia kuerape.

Cerrito ojekuaa rakae em 1921 hae ojekuaa rakae 22.450 hectaria solo Cerrito, historiape ojekuaa tuichakue rakae Cerrito, ha 1991 pe odiminui tuicha solo 1950 hectaria ozemarca ha restante opytapa umi odividipa fazenda. Ha 1921 me umi cheru, chesy che aguelo ha che aguela umi outro morador oiva, oima rakae ko Cerritorame haekuera oima rakae koape.

Ha Mario Mele oike rakae 1927 pe ko Cerritora pe, onembojararã rakae Cerritore ha 1927 pe hae ou rakae ha che ndaikuai porai mbaeichagua tetãnguipa ou ha hae ourakae como fiscal mate laranjeirape haela petei fiscal geral, hae ipatrao jey ndoroikuaai mavapa, haela petei fiscal geral rakae pe mate laranjeira tiempope, umi ava ha umi paraguajo como fronteira ape ha hae ou ombaapo ojevajakea, ombaapo umi ava ndive otransporta madeira, otransporta hikuai kaa upeicha ombaapo hae.

Ha upei hae ou ojekuri kela ko Cerrito koa ndaijarai, ndoguerekoi mavapa oipala la ijara tee rakae, upemaramo hae onemombae hese rakae, ha upeapela hei terra devoluta hei. Haupei katu hae ojere onorairo umi hapicha karai kuera ndive, umi ivecino, oguerekoa umi otrokuera fazenda, fazendeiro ijpyrupi oiva umia ndive oikovai hikuai yvyre.

Ha upeichape ou hae arvese oipae yvy hapichagui ha arvese operzeai yvy umi hapicha kuera fazenderope, ha upeichape hae idiminui oho Cerrito ha evendeai ha omeeai.

Ape fundope ko 60 alquere oia che anenanduma upetiempope amalicia areko rakae 8 ou 9 ano, upetiempope ore cheru aje, cheru ape otravesa koako regiãope oho okopi hagua umi gato heingo umi ymaguare, gato upeicha ojaja empreitaza kaagui aje, ha upetiempope ore roikoma hendive ha itonse heia arvese umi fazenda imimi umia ndahaei ovende rakae mario omeentae rakae, omeenta rakae umi hapichape ome haguere favor, ha itonse upeichape hae onemombae ha ombohera otro ha upeichape Cerrito michi oho aje.

Ha 1921 me che ahendu haekuera umi che aguelo, umi morador apeguava haekuera onemoguenta jevy hikuai omombeu hikuai aje, pe finado Toma'í ajea, hae petei jasa guarani rakae, guarani eteoi itonse ajevero ko Cerrito guaraniete mabeoi ko Cerrito, ndaipori jae hagua otro nacion ou akue ape aje, Cerrito guaraniete mbaeoi. Itonse finado Toma'í haela principal cacique ko regio iguatemí, eldorado koaga hei hikuai morumbi, mundo novo, japora, itaquirai, navirai, amambai oia regio oiaguive umi ava oiaguive hae rakae umi karai kuera okonsidera rakae chupe como hae cacique principal.

Arvese arguno umi tapichape uperupi ojayvereva umi fazendahare ojaja ogueru otrega chupe hikuai Toma'í me, ha Toma'í ojeservinteai ha ogueru ombohoga peicha ojapo petei colonia upeagui hikuai umi avagui, ha itonse Toma'í hae livisaitepe rakae omora hae, tanto Cerrito ha Laguna Piru aje, Cerrito ha Laguna Piru tera rakae nanderekoha reraiteoi upea Laguna Piru ha Cerrito.

Ha Laguna Piru oiai umi nande indigena kuera oiai upepe morador aje, ha umiaja heta ai oi, heia kokuehete lento onehundi umia soque umia miitua ejaguelo kuera, umia ndohoi move apepaite ojeserputa, omanoguive koapepaite ha upea ai cementerio koape Cerrito mbytepete onemoi rakae, hape cementeriope qualquer ava omanoa perupi mita, kakuaava omanoa ogueru hikuai Toma'í me ha Toma'í oserputala cementeriope umi omanoa indigena aje.

Upeicha rakae yma tiempo, soque upea che ndaikuaai mbae anoepa aje, Toma'í la ojejohu rakae koape principal umi nande aguelo kuera, che aguelo kuera ndie jey rakae haekuera ape oiko Toma'í, joke, irineo benites, clemente, koarai, pasu, dicarlo, heta oi rakae tera nachemanduapairi, umiala Cerrito pegua antigoí aje, umiala apeguavoi, ha itonse upeicha onepyrú rakae Cerrito.

Haupei atu pe Laguna Piru umi morador ojejtirapa pe Laguna Pirugui porque em 1947 pe, ou rakae aipo casero herava hae ou rakae transportar hagua solo madeira, ogueraha, ojapo acejaria, ojapo taula, umia okaryga ogueraha, ate sinarkue hetaiterei oi ape, ype funciona rakae hikuai acejaria ha pe acejariape oaceja madeira, ha upegui haekuera ogueraha. Ha pe casero ou rakae cidade presente prudente gui ko ijivyrame ko Laguna Piru retamela ou rakae hae aje.

Ajeve koape nande rentãoi namombeutaro hera, umi antigo hei onepyrú agui oho Cerrito, Laguna Piru, Ysypo, tamborakue, taruma, semana santakue, yvau, viuvakue, ha upeicha oho ose amo sacarõ heingo iguatemi yma tiempo aje, sacarõte onembohera, sacarõto oho rakae, oivoi petei tape antigo oseva upeoto koarupi Cerrito mbytere ohasa rakae tape ojaja oho ha yma tiempo ndaipori caminhao, umi oguatava oho yvyrupi, kavaju ari.

Ha upeiatsu che chemanduava gueteri ahecha jepe akue oiakue ojerokyha, mita mongaraiha, oga pysy, oga jekutungo nande guarani jaipuru ha oga pysy outra etniama oipuru aje, oga jekutula nande jaipuru upea nande guarani mbaevoi upea. Itonse upe tiempo che arupi oiko akue final Tani, oikoma akue felicai, umia heia antigo apeguamavoi, soque che ahecharõ ragua itujapa mavai hikuai, che ndaikuari mbae tiempopepa onehundipa upe tiempo ore mitã aje, onehundipa hikau opyta tayrare kuera jey, ineto kuera, ionse umia opyta jey ajea.

Ha upei ko Cerrito aje em 1968 pe ou rakae Vailarin herava ou rakae administrar hagua mario mele fazenda aje, hae ou como petei campero aje, onatende hagua animal re ha hembireko oimene ijeituzo rakae, hae opyta umi gente kuerape ape umi mita kuerape como profesora aje, che anepyrú aike upe equelape em 1977 pe, yma tiempope sete ano pe renematrícula ndahaei koaga guaicha. Ha apena petei equelante oi ha pe equela entero umi cerritenio, umi fazenda regua entero oupa ape equelape ha ore profesora pe karai hembireko herava Maria de Lurde Bailerini ha upei 1977 onepyrú roike equelape.

Ha 1988 e 89 pe, onepyrú ojejapo petei levatamento rohendu ore ru heiro oundaje funai avare onantedea outa hei hikuai oikota reuniao hei joa hikuai. Ha upe tiempo koare mavoi roiko, koare roikopa koa ko ajojo Cerrito Toma'í kue hina koa hera, koareoi che anase, koapevoi rokakuaapa ha koaguila equelape ore roike. Ha itonse upeicha ou aje, ha upei ombyatypa umi oreru kuerape umi funai ha hei ojaipotaha petei demarcação. Ha upemaramo 1986 pe pa'í oike Mario Mele pe ijara Cerrito jara, onembojara akue hese hei upero ore rohenduma mbaepa hei oreru kuerape haekuera okopi ha travajo ndofartai chupekuera ombaapo chupe hikuai ha upei peteizia oheniukapaite chupekuera amoite petei oga yvatepe, petei oga tres adarpe pe iguype sala pora upela hae hoga Mario Mele.

Ha upepe ombyaty paite enepregado kuera guive, entero ombaapova guive ombyaty paite upepe, ha upepe Mario como hae petei onee lento guaranime ha ore rohendu mbaepa hei chupekuera oreru kuerape, hei Mario chengo asenta koako che yvygui, che ajapota petei tratamiento che nacherensaivei, cherembireko avei nahesaivei ore rasy. Ha orengo ndoroguerkoi nipetei família roheja hagua onatende hagua pederehe kuera, orengo oreano roiko, ore ndoroguerkoi nipetei mita rombokakuaakue, ndoroguerkoi nipetei família hei ore

apena oreno roiko. Ha itonse ndaipotai pee pejuhuvai rose haguere pohejapa rei haguere oreru kuerape ha hei pepyta pee, pepyta tranquilo, mavea agui napenemosei moai hei ha soke oita outro onatendea penderehe kuera, outa hina koape pa'í hei ha pe pa'í outava hina hae hera Ernesto ha upeaoi ou, hae primeiro pa'í opyru akue koape ko Cerrito pe 1986 upea.

Ha upegui pa'ipope opyta rirema funai ou ozermarcar 1991 me, ozemarca koa ko Cerritorã ha 1950 hectariante ozermaca aje, ha upei oukue ojejapo jey outro levantamento, ojejapoakue pericia aipo levantamento cemiterioguiolau hei ha umi pericia pegua ou ojapoa levantamento ou ojohu hikau kela quatro cemiterio opyta fora da demarcação, ha mesmo kela onezermarcapa ara rakae upea entero ha nonezemarcai, itonse opyta fora umi cemiterio aje.

Ha itonse ymaguare ko cerrito hae petei territorio indigena guarani, guarani voi tekoha jara, koape ndaipori outro hendagui ouakue, apegua nativo ko Cerrito oiva, ndahaei ouva okagui, ndahaei invardigui, ndahaei oikente, ndahaei oikereinte outro hendagui, Cerrito nunca ndohoi despejo, Cerrito desde ke nandepykue heingo ymaguare inepyrumbyguive koapegua tuja ha apeguaointe Cerrito peguaointe umia. Upei onezemarca rirema Cerrito uperirema oguahemimi akue outro coloniagui, outro família omenda apeguare ha apegua omenda outro familiare upepeguare ha upeicha ou aje.

Ha pee nascimento como cerritenio voi, enterovete pee família, ore roimeva nascido apeguavavoi, pee ndapejui move hendagui. Che ndapoguerui outro hendagui, apeoi pe nasce, apeoi pendekariaypa, ape peneformamba, ape pendefamilia jey ha upeichala nande ypykueai oiko aje. Nande pykue heia yma che aguelo, che aguela omanoma ha oiko itayrare rae ha itayrare onemofamilia como che aiko hagua aje, ha che koaga cheru omano, chesy omanoma ha pee peiko como cherayro aje, ha pee cheray jey che apyta jey como aguelo pende família kuerape aje, ha koaga che anehundi haora pee pepyta como tua principal aje.

Pa'í oikerire opyta meio diferente ore lugar, pe roimeha, pe roimeha tujamihape soke hae ndaorerahai outro hendape, mesmo petei território oihaguente orerova peape lugargui outro hendapente peala ojapo orerehe pa'í. Ha upea hae ojapo rae porque funai outaha ozemarca petei parte, itonse haekuera orembyatyma rakae petei hendape ikatuha haguaicha onezemarvove upepentema roimba hagua aje, ha haekuera oipuru jey haguaicha petei parte yvy, upeichala haekuera ojapo.

Koa kaaguy akue ndojeityi akue move hendape kaaguy, pa'íla ozetokapa akue yvy opyta haguaicha capiity, colonialty pa'íla oity akue kaaguy. Ha 1986, pa'í kuera oike ha 1990 pee haekuera oity kaaguy, ogeru hikuai maquinario ombyaioi kaaguy hikuai. pa'í kuerala ombyaipa akue kaagui, ha pe primeiro guare onembojara akue mario mele mabeve ndojapoi

akue ape apena hae solo kaa, umi avyra iporãvevante oguenohe agui. Ha mario mele oguenohe akue apena umi hepya, umi leiva como angico, yvy pytã, peroba, oikue yvyra marfin, oikue seyro ha sai oheja umi yvyra hepyva. Ha mario mele ou rakae como fiscal mate laranjeira pe 1927 pe rakae kaa rekao ha hae ou opytaite arupi, ha ituja rirema osejey oho.

Nande guaranipe heise upepegua tujavoi, tekoha petei ava retã teevoi, ha reserva heise petei rembyre kuemitema nanderupytyha. Ha karai hei reservape kaaguyre aje, ha reservape nande naimea che atendehaicha nande guaranipe nande apo'í aje, porque nande ndahaei animal naimehagua petei reservape aje, nande jarekoara petei territorio tekoha tuicha aje, pela nandeve principal aje. Ha reservango petei animal oikohante, oukatu kaaguy rembyre mbae umiala reserva aje. Nandeve ogarantia nanderekoha kaaguy, campo, nu, pohá oiha, y oiha, umiala nande principal aje, nande rekohape oiva umiala nande riqueza.

Primeiro Cerrito pe area onezermaca haguama, 1991 me ha 1989 pe onicia ouakue onapresenta hae petei capitãorã rakae ko Cerritope Adolfo Martins, ha hae oguereko tuichaiterei conhecimento porque hae nativo apegua Cerritope ha entre Laguna Piru, oguereko rakae petei família tuichaiterei ape. Ha capitao carlo upe tiempo haeja capitao rakae, ndaikuaa mboy ano guivepa, ha haela ogueru akue oapresenta ha hei opyta hagua petei tekoha ruvicharã.

Haupe Adolfo Martins ou onemongueta chendive ha che apresenta hikuai umi gente kuerape apyta hagua tekoha ruicharã, ha enterevoveva família che aceita apyta hagua. Upe tiempope noroimeiri nem 50 família apenas 17 ou 20 familiare roikova Cerritope ha upei ou funai ojapo hagua petei ata ajeconose hagua como capitao tekoha Cerritope. Che hae segundo liderança asumi akue 1991 pe ha primeiro atu hae Adolfo Martins, che aike akue dia 06 de janeiro de 1991 me.

Ha 1991 pe voi onezemarkar akue territorio Cerrito, petei parte de 1950 hectariarã ha chemandua pora onezemarka roguare oi akue upet tiempo doutor Elinho re haela principal akue funaipe coordenador geral amambaigui ocomanda entero regio re. Ha upeguive che aju acomanda ate 2020 pee, che aike akue 1991 ate 2020 pee.

Ha 1991 me onezemarka petei parte Cerrito tuichakuejave oi haicha onembojao 1950 opyta como territorio indigena homologada, ha 1375 hectaria opyta akue gueteri pai pope, ha upea pai onegocia moa umi governadoria kuera ndive umi INCRA kuera ndive, ha pai kuera rae oguereko interesse ovende ha onegociase rakae governo do estado ndive. Ha che arekoma voiakue petei conhecimento pe quatro cementerio opyta akue okape fora da demarcação che arekoma oi akue petei jequerimento akue funaipe, mbaerepa pe quatro cementerio opyta akue okape ha mbaerepa funai nozemarkai rakae pe cementerio oiha guive. Ha upea causa ore roju

jevy kuri rojequeri pe hembire opyta akue, upeala koaga roime koape 2001 me roike akue koape jevy ko Cerrito Toma'í kuepe.

Che anenandupa rirema ou haekuera Cerritope ha haekuera onemombeu moopa onacera rakae, pe karai joke hae Laguna Pirupe rakae família kuera onacepa, ha joke hae cerrrito pegua tuja soke ifamilia kuerama Laguna Piru pema onacepa rakae. Umiala che aikuaala familiava upei oiakue Demicio Laguna Piru pegua, Carlinho, Rufino, Ari, Papito Samaniego. Ha papito rakae onace Laguna Pirupe itua ha isy kuera upepegua memete ha heta ai rakae igente kuera ojeserputa Laguna Pirupe. Ha umiala che aikuaava, ha papito oikove gueteri ha joke onehundima koaga oi tayrare mante. Ha upei ou rakae caseiro 1947 pe ha kuerala onemombae rakae yvy Laguna Pirure, ha hapicha kuera karai okyhyje pa chugui rakae oporojukagui yvyrehe hape.

Ha upemaramo umi ava oimene okyhyjegui osemba rakae por pressao rupi, ha che ndaikuaari mbae tiempopepa uperoguaré porto lindo onezamarca avei rakae yvy ha upei ohendu maramo porto lindo ha sassororã ojezarmacaramo isarambipa hikuai upegui, ha caseiro atu opyta ha ohoaguive hae ndohejavei ou upepe, haekuera ou onemombae ha upeichape ombotuicha yvy oho.

Yma ndaipori akue livisa tanto Cerrito pe ha Laguna Piru, yma ndahaei koaga guaicha vaile, upetimpo pe ojejapo chicha, ojejapo mita karai, ojejapo petei vya puku 2 ou 3 dias ojejapo arguno rogape oguachire, ojeroky upeichahape gente onekombiza, itonse arvese Laguna Piru pegua ou paite Cerrito pe ha Cerrito pegua onekombiza jave ohopaite avei Laguna Piru pe. Ha upeicha rakae convivencia nandereko ipy upeicha oiko rakae.

Oi heta outro próprio karai kuera ha paraguajo rakae oguereko rakae apuamimi ijyvy kuera, arguno oguereko 5 ou 10 alquere ha che umia ndaikuaari mbaeichapa onemboja rakae Laguna Pirure, umi chaguala caseiro kuera omuna rakae oheja oukapa umi ikosa kuera tapykuery ha upeicha hae oamplia ijyvy oho. Ha upepela umi ava omorava ohecha umicha ojapo okyhyje opyta osemba hikuai oho, urtimoite ose rakae Laguna Pirugui umi papito umiavo rakae.

Tradução para o português

“Aqui na aldeia Cerrito ainda existe muitas plantas medicinais, animais, água, mina, nascentes, frutas nativas como Guavira. Cerrito é o lugar de plantas medicinais, porque existe uma preservação muito grande de matas aqui. Atualmente, as pessoas não conhecem mais as

plantas medicinais, os pais não ensinam mais os seus filhos; as famílias deixam de ensinar os seus saberes e conhecimentos aos seus filhos. Percebo que as famílias são muito dependentes dos remédios industrializados hoje em dia, as pessoas só procuram os remédios nos postos de saúde. Achem que só ali têm remédios para as doenças, mas não é verdade.

Temos bastante remédios que existem nas matas, onde fica nosso posto de saúde natural; o lugar onde podemos encontrar muitos remédios caseiros para curar todos os tipos de doenças. Os nossos doutores são os rezadores, eles são os principais que sabem os manejos, de como preparar os remédios caseiros para curar as doenças. Os nossos doutores são os rezadores, eles são os principais que sabem os manejos, de como preparar os remédios caseiros para curar as doenças.

Cerrito era conhecido em 1921 com o tamanho da área de 22.450 hectares historicamente, em 1991 diminuiu bastante somente foi demarcado total da área 1950 e o restante da área ficou para as fazendas dividirem entre elas. Em 1921 o meu pai e minha mãe e meus avós, e outros moradores já habitavam há séculos aqui na Cerrito. E o Mario Mele chegou em 1927 aqui em Cerrito e se passou por dono do território, não sei exatamente de qual lugar ele veio, só sabemos que ele veio aqui como fiscal geral da Mate Laranjeira, também não sabemos quem era o patrão dele. Como aqui é fronteira também vieram os paraguaios com a caravana e fizeram barracas e ficaram trabalhando com os indígenas transportando madeira, transportando ervas, assim eles trabalharam. Logo que ele chegou considerou o território como se fosse uma terra devoluta (terra sem dono), a partir daí ele se considerou como dono do território do Cerrito. Ao longo dos anos, ele começou arrumar extensas brigas com outros fazendeiros vizinhos sobre a terra, e ele brigavam por mais território. Por cauda disso, ele foi perdendo o território do Cerrito para outros fazendeiros, às vezes ele vendia ou doava a terra. Aqui no fundo com sessenta alqueires já me lembro, eu já tinha oito ou nove anos e o meu pai atravessava a região para ir trabalhar na empreitada nas fazendas. Naquele tempo, nós já andávamos com o nosso pai, essas fazendas o Mario Mele doava para os outros a troco de favores e essas pessoas colocavam nomes diferentes nas fazendas, foi assim que o Cerrito foi diminuindo.

Em 1921 os meus pais e meus avós entre outros moradores começaram a discutir e a se movimentar, assim ouvi a história dos meus pais, eles contaram para mim. Esse finado Toma'i era da etnia guarani, portanto a aldeia Cerrito é da etnia guarani e território guarani. Esse Toma'i era considerado o maior e principal líder indígena da região, onde existia indígenas na região de Iguatemi, Eldorado, Morumbi, Mundo Novo, Japorã, Itaquirai, Naviraí e Amambai. Portanto,

os brancos o consideravam como principal líder indígena dessas regiões. Às vezes os patrícios, quando eram expulsos das fazendas por algum motivo, traziam para o senhor Toma'í para tomar algumas providências sobre essa pessoa, ele sempre os recebia e as pessoas faziam suas barracas por ali perto para morar sobre comando do senhor Toma'í. Essa liderança morava entre divisa da Laguna Piru e Cerrito, portanto, esses territórios são lugares legítimos dos indígenas. E na Laguna Piru existia também indígenas e havia bastante famílias, as pessoas quando faleciam eram enterradas aqui na Cerrito, os pais e os avós não saíam após a morte de seus entes queridos do seu lugar. Todas as pessoas que iam à óbito e sua maioria eram sepultadas aqui na Cerrito. Esse cemitério foi construído bem no centro da aldeia Cerrito, qualquer indígena da região como criança, jovens, adultos ou idosos que faleciam eram trazidos para o senhor Toma'í e ele providenciava o sepultamento dos patrícios indígenas no cemitério. Antigamente aconteciam assim na região, o senhor Toma'í era o principal líder naquela época, ele conviveu com os nossos pais e avós, as pessoas eram: Joke, Irineo Benites, Clemente, Korai, Pasu, Dicarlo, não me lembro de todos, mas essas pessoas eram moradores legítimos da aldeia Cerrito e foi assim que começou a história do Cerrito.

O início do Sarambi e das retiradas dos moradores da Laguna Piru começou na década de 1947. Isso aconteceu depois da chegada da família Caseiro, eles vieram para transportar madeiras e construíram muito serraria para fazer tábua, até hoje existem muitos sinais de serrarias antigas que foram construídas aqui na região. Esse senhor que se chamava como “casero”, pelo que eu saiba vieram da cidade Presidente Prudente – SP, de lá vieram para cá e se apossaram do território da Laguna Piru. Essas terras são território indígenas que pertencem aos indígenas, vou citar alguns nomes dos lugares tradicionais que os antigos me falaram que começa pelo Cerrito, e outros são: Laguna Piru, Ysygo, Tamborakue, Taruma, Semana Santakue, Yvau, Viuakue e assim atravessam e saem da região de Sakarõ (hoje é chamada de Iguatemi) os mais velhos chamavam de Sakarõ. Antigamente existia uma estrada velha que atravessava dentro da aldeia Cerrito e ia sentido de Sakarõ. As pessoas andavam a pé ou a cavalo porque naquele tempo não tínhamos carros. Uma lembrança que tive também e sobre os lugares espirituais que se realizavam cerimônias como jerokey, mita karai, oga pypsy, guachire, o termo oga pypsy nós guaranis o chamamos de “oga jekutu”. Portanto, eu já conhecia as pessoas mais velhas como o finado Tani, Felicai, essas pessoas eram moradores nativos daqui da aldeia Cerrito, e quando os conheci já eram muito idosos e não me lembro em que ano eles faleceram, pois ainda éramos crianças. Eles faleceram, mas os filhos ficaram e os netos também e assim continuavam morando aqui há gerações.

Em 1968 veio o senhor que se chamava Vailarin para morar e para administrar a fazenda do Mario Mele, ele tinha um perfil de campero e cuidava mais do gado. A mulher dele parecia bem estudada e ela começou a trabalhar como professora e todas as crianças das fazendas e as crianças indígenas começaram a estudar com ela. Eu comecei a estudar e ir à escola em 1977, antigamente se matriculavam aos sete anos e havia somente uma escola onde todas as crianças indígenas do Cerrito, e das fazendas vieram estudar, o nome da professora era Maria de Lurde Bailerini. Em 1977 iniciou a primeira escola na região do tomaikue e essa escola estava localizada na fazenda do senhor Mario Mele. Entre 1988 e 1989, iniciou-se um levantamento territorial, eu ouvia os meus pais falando que viriam um órgão chamado FUNAI, que cuidava dos indígenas para fazer reunião com a comunidade. Na época, nós já morávamos aqui na região do Cerrito toma'ikue, aqui mesmo eu nasci e cresci e daqui nós íamos na escola. A FUNAI juntou todos os indígenas que moravam ali para uma reunião que ia acontecer e dessa reunião a FUNAI veio com objetivo de demarcar a terra para os indígenas. Em 1986, depois do acontecido, e a vinda da FUNAI, os padres entraram em contato com o senhor Mario Mele que se dizia dono da fazenda Cerrito, talvez eles quisessem relatar o que estava acontecendo. Na época eu já escutava que eles falavam aos nosso pais e eles trabalhavam na fazenda roçando os pasto, entre outras coisas. Um dia esse o senhor Mario Mele mandou chamar na casa dele todos empregados da fazenda, inclusive os indígenas que trabalhavam com ele. Ali ele reuniu todos empregados e como ele falava um pouco de guarani eu entedia o que ele falou para os nossos pais, e disse que ele e a sua esposa iam embora da fazenda Cerrito para realizar um tratamento de uma doença, e iria ele e a esposa. 'E nós não temos filhos para deixar essa fazenda e para cuidar de vocês disse Mario Mele, não temos famílias além de nós, somos apenas eu e minha esposa, estamos sozinhos aqui. Também não temos nem um filho adotado para deixar essa fazenda. Só quero vocês não achem ruim de eu sair e deixar vocês', disse Mario Mele. E o senhor Mario Mele disse para os meus pais para ficarem tranquilos e despreocupado que ninguém iriam expulsá-los dos seus lugares. E Mario disse que viriam um padre para comandar a fazenda chamado de padre Ernesto, ele foi o primeiro que comandou a fazenda Cerrito em 1986. Em 1991, já sob os comandos dos padres, a FUNAI demarcou aldeia Cerrito, somente 1950 hectares, depois dessa demarcação da área, as equipes da FUNAI e os antropólogos realizaram outros levantamentos e perícias sobre os cemitérios que tinham ficado fora da demarcação. Os peritos apontaram que quatro cemitérios ficaram de fora da demarcação do território e que esse cemitério deveria estar incluso, mas não aconteceu. Esse tekoha Cerrito são legítimos da etnia guarani, aqui as pessoas não vieram de fora, nem de outros lugares, os

indígenas não invadiram essa terra e a população da aldeia nunca sofreu despejo. Após a aldeia Cerrito ter sido demarcada e homologada em uma área de 1950 hectares apareceram outras famílias vindas de outras aldeias e pedindo permissão para morar aqui na aldeia. Às vezes as famílias daqui da aldeia se casavam com as famílias de outras aldeias, foi assim que aconteceu e as pessoas se mudavam de lugar.

E todos vocês minhas famílias fazem parte de cerritenio são nativos da aldeia Cerrito, eu também sou, vocês não vieram de outro lugar para cá porque vocês já são daqui. Aqui vocês nasceram, cresceram e se formaram e construíram suas próprias famílias, do mesmo modo dos nossos antepassados. Os nossos antepassados são os nossos avós e os filhos continuam as gerações. O meu pai e minha já faleceram, agora vocês são os meus filhos e fiquei como avô da família e o dia que eu morrer vocês irão ficar como pais principais da sua família e será avô também, assim sucessivamente. O nosso lugar ficou meio diferente depois que os padres entraram, os padres deslocaram a nossa família do nosso lugar onde nós morávamos primeiro para outro espaço, só que ele não levou as famílias para fora do Cerrito, mas sim no mesmo território só mudaram de lugar. Os padres fizeram assim porque já sabiam que a FUNAI iria demarcar a terra, ele juntou as famílias nas margens do rio Pirajuí, e a partir dali a

FUNAI realizou a demarcação da terra para os indígenas. Eles já tinham pensado em tudo, e eles continuaram usando parte do território onde não havia os indígenas, mas na verdade ele nos mudou do nosso lugar tradicional. Antes não havia desmatamento em nem nenhum lugar, foram os padres que desmataram as floretas para fazer campos, plantar capim para os gados e foram os padres que desmataram quase tudo. Em 1986 os padres chegaram aqui e continuaram com os desmatamentos até 1990, naquele trouxeram grandes números de maquinários pesados para realizar as destocagem nas matas. E o Mario Mele não fazia a destocagem só apenas trabalhavam no corte de ervas e retiravam as madeiras que davam lucro como: angico, peroba, madeira marfim, madeira de cedro, essas madeiras que tinha valor ele vendia. Esse Mario Mele chegou em 1927 e veio como fiscal à procura de ervas, mas ficou morando por aqui e ele saiu já depois de velho.

Para nós guaranis significa que é a nossa terra, nosso território dos antepassados e a reserva significa um espaço pequeno que sobra para nós. Para os brancos, a reserva significa um pequeno espaço de preservação de algumas coisas, a meu ver, e para meu entendimento, é falta de respeito para conosco. Nós indígenas não somos animais para viver em reserva, precisamos de nossos territórios para sobreviver. A reserva significa o lugar dos animais para que possam viver ou um pedaço de uma mata. As coisas que garantem o nosso tekoha são as

matas, os campos, onde existem muito remédios, os rios, esses são essenciais, são as riquezas para nós. A aldeia Cerrito foi demarcada no início de 1991, e no ano de 1989 veio o senhor Adolfo Martins que se apresentou e falou que seria o primeiro capitão da terra indígena Cerrito, que fora escolhido pelo senhor Capitão Carlos Vilharva da aldeia Porto Lindo. O motivo que ele foi escolhido é porque ele é nativo da aldeia Cerrito e conhecia muito bem esse território e possuía grandes conhecimentos sobre as áreas. O senhor Adolfo Martins conduziu cargo de capitão nos 1989 a 1990, após esse período ele não queria mais continuar como capitão da aldeia, não sei direito o motivo da desistência dele, ou talvez tenha dado desânimo para continuar. Naquela época, eu estava com dezesseis anos e eu trabalhava aqui nas fazendas: roçava e fazia “asero”. Eu tinha turma entre dez e quinze pessoas que trabalhavam comigo e eu não ficava parado, sempre trabalhando nas fazendas, mas a minha casa ficava no Cerrito eu sou do Cerrito e Adolfo Martins me procurou e conversou comigo e perguntou se eu aceitaria ficar no cargo de liderança na aldeia porque ele já estava saindo do cargo. Depois de uma reunião com as famílias que moravam aqui, a Mairia aceitou para eu ficar como capitão da aldeia, naquele período havia apenas dezessete famílias na aldeia Cerrito, e logo que fui escolhido vieram a equipe da FUNAI para fazer “atas” para o meu reconhecimento como capitão. Eu assumi a função de capitania no dia seis de janeiro de 1991 e como segundo capitão da aldeia Cerrito e senhor Adolfo Martins foi o primeiro. E já no ano de 1991 houve a demarcação do território da aldeia Cerrito com uma pequena de 1950 hectares. Durante o processo de demarcação conheci a pessoa o Doutor Elinho ele era coordenador geral da FUNAI. Ele comandava toda a nossa região de Amambai. Fiquei na função de liderança de 1991 a 2020.

Em 1991 uma parte da área do Cerrito com 1950 hectares, foi demarcada e homologada, e a área de 1.375 hectares que tinha ficado nas mãos dos padres, portanto, eles queriam fazer negócios com as governadorias do INCRA, eles tiveram interesse de negociar com Estado o nosso território. Eu já tivera, anteriormente, o conhecimento sobre os quatros cemitério que tinham ficado de fora da demarcação e sobre um requerimento na FUNAI que os registravam. Nele estava escrito o porquê a FUNAI não demarcou esse quatros cemitério que ficaram de fora e o porquê não os estavam incluindo no processo de demarcação. E por causa disso nós voltamos para a nossa terra tradicional que ficou de fora do processo de demarcação, não obstante, é nessa área que estamos morando até hoje, na área Cerrito Tomaikue que retomamos e ocupamos a nossa terra no ano de 2001. Quando eu era jovem, vi as famílias do senhor Roque chegando aqui na Cerrito para morar e eles contaram sobre o lugar de onde vieram e onde nasceram, eles vieram da Laguna Piru. O senhor Roque era nativo da aldeia Cerrito, mas saiu

desde pequeno para morar na Laguna Piru e construiu famílias dentro desse território. Os filhos do senhor Roque nasceram na Laguna Piru, portanto, os filhos são da Laguna Piru. Outras famílias que conheci são a Delmicio, a de Carlinho, a de Rufino, a do Ari e a do Papito Samaniego. Papito Samaniego, pelo que eu saiba, nasceu na Laguna Piru e construiu muitas famílias nesse território e algumas foram sepultadas na Laguna Piru. Essas famílias eu cheguei a conhecer, pois o senhor Papito Samaniego ainda está vivo, mas o senhor Roque já faleceu e só ficaram os filhos dele. Em 1947 veio o senhor caseiro na região da Laguna Piru que se apossou do território, e os pequenos proprietários que já existiam nessa região eram pressionados e ainda havia muitas brigas por terra com o senhor caseiro, havia muita desavença, ameaça e morte entres os karai (brancos). Penso que os indígenas que habitavam a Laguna Piru sofreram muitas pressões, medos, ameaças e mortes que ocorriam entre os brancos e com os indígenas. Não sei direito em que época que aldeia Porto Lindo e a aldeia Sassoro foram demarcadas. Os indígenas da Laguna Piru souberam disso, ou ouviram que aldeia Porto Lindo e aldeia Sassoro estavam sendo demarcadas e as famílias decidiram sair sob pressões e por causas das ameaças dos grileiros de terras que estavam ocorrendo em seu território. Quando os indígenas saíram de seus territórios tradicionais, o senhor não permitiu ninguém mais entrar e foi assim que ele foi ampliando e construindo cercas, apropriando-se das terras indígenas.

Antigamente, não existia divisa entre Laguna Piru e Cerrito a relação entre as famílias desses dois tekohas era muito boa. As festas como baile não eram iguais às de hoje, naquele tempo se fazia chicha, batismo de crianças, essas cerimônias duravam dois ou três dias na casa de alguém. Havia muitas danças como: guachire e jeroky, e todos eram convidados para essas festas que aconteciam tanto na Laguna Piru quanto no Cerrito. Assim, os nossos antepassados viviam antigamente aqui na nossa região. Havia muitos não indígenas e paraguaios moradores aos redores, alguém possuía cinco ou dez alqueires de terra, eu não sei como essas pessoas chegaram na Laguna Piru. Esses pequenos proprietários foram pressionados a abandonar suas terras pelo então o senhor “Caseiro”, havia muitas disputas de terra entre os fazendeiros e acontecia até morte na disputa de terra. Os indígenas viram esses acontecimentos, de brigas e mortes entre os brancos, e foi por isso que ficaram com medo, preocupados, pressionados e até mesmo ameaçados caso não saíssem daquele território. Pelo visto, foi a família do senhor Papito Samaniego que saiu por último do território da Laguna Piru.”



Painel fotográfico 1– Elmo Benites, meu pai, coletando ervas medicinais na mata em Cerrito.
Fonte: Trabalho de campo do autor.

TERCEIRO CAPÍTULO

CARTOGRAFIAS EM FOTOGRAFIAS

... A verdade é que nunca se pode simplesmente “voltar”, ir para casa ou qualquer outro lugar. Quando você chega “lá”, o lugar terá prosseguido assim como você terá mudado” [mas] “o que se pode fazer é encontrar os outros, alcançar onde a história do outro chegou “agora”, mas onde esse “agora” (mais rigorosamente, esse “aqui e agora” [...]) é ele próprio constituído por nada mais do que - precisamente - aquele encontro (mais uma vez).

(Doreen Massey, 2008, p.183-184).

Durante o nosso trabalho de campo tive um acompanhamento especial do meu colega de trabalho da escola, o professor Diekson Vilharva e do meu irmão mais novo Edinho Benites, eu fiquei muito feliz. Assim como agradeço muito pela disposição do meu pai, do meu amigo e do meu irmão mais novo em me ajudar na construção desta pesquisa, sobretudo, na escolha das imagens, de capturas de pedaços do nosso lugar que pudessem ajudar na reconstrução das memórias do povo Guarani, sobre seu tekoha Laguna Piru. Cada imagem me permitiu aprender, principalmente, imaginar e estar mais próximo dos meus antepassados, dos nossos valores culturais e de tudo aquilo que compõem o universo do mundo guarani.

Em campo pude reconstruí, com meus parentes e interlocutores, os lugares dos nossos antepassados. Todas essas as imagens a seguir correspondem às partes de Cerrito e de Laguna Piru. Cada imagem é um pedaço da imensidão do que compreendia o nosso imenso, e sem fronteiras, tekoha guasu. Cada clique e cada seleção das imagens me permitiu perceber que “o tekoha é uma reinvenção cotidiana movida por práticas cotidianas de resistências e pela esperança do retorno”, como escreveu a minha orientadora Juliana Grasiéli Bueno Mota (2015) durante o seu doutorado.

Lugar onde morou o senhor Tomá'i



Imagem 18 - Fonte: Trabalho de campo do autor, 2021. Lugar onde morou o senhor Tomá'i



Imagem 19 - Fonte: Trabalho de campo do autor, 2021. Lugar onde morou o senhor Tomá'i

As imagens apresentam um lugar histórico e simbólico para a comunidade da aldeia Cerrito e para as famílias que moraram na Laguna Piru. Como mostra as imagens, existe uma árvore bem grande e plantação de banana neste espaço que foi o senhor Toma'í que plantou onde ele morava. Esse espaço, antigamente, fazia divisa entre a aldeia Cerrito e Laguna Piru, antes da chegada dos karai (não indígenas) em nossos tekohas e durante muitos anos o senhor Toma'í morou neste lugar até falecer. Esse lugar tem muita história para comunidade e toda vez que as pessoas passam por esse espaço se lembram do senhor Toma'í que ali morava.

Vimos que esse espaço não foi destruído até o momento, ainda não foram gradeadas, porém esse lugar, hoje em dia, pertence à fazenda Caseiro, tomada pela plantação de soja, milho, ramos e pela plantação de cana-de-açúcar.

As famílias que conversamos relatam que não existia cercas que limitavam o território entre a aldeia Cerrito e a aldeia Laguna Piru. Esse lugar fica bem perto da estrada de chão que dá acesso aos municípios de Eldorado e Iguatemi. Para a comunidade é considerada uma estrada muito antiga que as pessoas usavam para se deslocar até a cidade.

O meu pai Elmo Benites e o Alexandre disseram que depois da chegada dos não indígenas, esse espaço se transformou numa vila por alguns anos, porém hoje já não existe mais. Quando chegou a fazenda Caseiro trouxeram algumas famílias para trabalhar na sua fazenda e essas pessoas se alojavam neste local; depois de algum tempo apareceram também os paraguaios e várias famílias de outras regiões para trabalhar, bem como de Cerrito e de Laguna Piru. A vinda dessas pessoas eram para trabalhar no corte de erva e para derrubar as matas. Este lugar pertencia ao senhor Toma'í, ali ele possuía roça e existia casa de reza e, nos tempos de outrora, sempre aconteciam batismo de crianças. Os indígenas afirmaram que o senhor Toma'í era muito respeitado pelos indígenas, além de ser rezador era considerado um de seus líderes. O senhor Toma'í, através de suas rezas, batizava as crianças, as roças e curava as pessoas de doenças, inclusive era e ele mesmo fazia os remédios para as pessoas que deles necessitavam.

As imagens a seguir mostrarão o lugar onde foi a primeira morada da família do proprietário da fazenda Caseiro, que vieram da cidade Presidente Prudente-SP. Esse lugar fica entre a divisa Cerrito e de Laguna Piru e está localizado dentro da aldeia Cerrito, à qual ainda não foi demarcada porque ficou de fora do processo de demarcação.

Primeira morada da fazenda Caseiro



Imagem 20 - Fonte: Trabalho de campo do autor, 2021. Primeira morada da fazenda Caseiro



Imagem 21 - Fonte: Trabalho de campo do autor, 2021. Primeira morada da fazenda Caseiro

Nas imagens tentamos mostrar algumas marcas de plantação de flores que ficaram para trás, pedaços de tábuas que antigamente eram comuns e uma construção de casa de madeira.

O fazendeiro morou neste lugar há muitos anos e depois se mudou para um pouco mais distante desse local. Construíram a sede da fazenda para seus familiares em Laguna Piru, ela continua por lá até hoje. Os indígenas relatam que neste local, além da família Caseiro, moravam, aos redores, as famílias dos empregados da fazenda que trabalhavam para as famílias dos Caseiros.

Acampamento da igreja católica



Imagem 22 - Fonte: Trabalho de campo do autor, 2021. Acampamento da igreja católica



Imagem 23 - Fonte: Trabalho de campo do autor, 2021. Acampamento da igreja católica

Este é um acampamento de uma igreja católica de Eldorado – MS, que está localizado em cima do território tradicional indígena de Laguna Piru. Este espaço era considerado pelos indígenas como a principal morada das famílias de Laguna Piru, onde as famílias moravam, construía suas roças e onde aconteciam as grandes festas, rezas, batismos e guaxirés. As imagens permitiram que as pessoas pudessem se lembrar do tempo da alegria, tempo em que os indígenas eram livres.

Neste local existia uma estrada velha bem antiga que atravessava no meio da mata, que aparece na imagem, nessa mata tinha uma estrada que permitia chegar até a cidade, o que hoje é cidade, antigamente não era. Atualmente, a estrada não existe mais e as famílias relatam que bem ali existe um cemitério indígena bem antigo, as pessoas quando faleciam eram sepultadas nesse cemitério. Este lugar foi habitado por várias gerações pelos indígenas guaranis, considerado também um centro de encontros de famílias entre as aldeias Cerrito e Laguna Piru.

Nas imagens a serem apresentadas logo a seguir, permitirá visualizar o rio que dá nome ao tekoha Laguna Piru. Como relatam os guaranis, foram os próprios indígenas que o batizaram com esse nome. Atualmente, existe uma ponte de concreto bem em cima desse local, onde está localizado o acampamento da igreja católica.

Córrego Laguna Piru



Imagem 24 - Fonte: Trabalho de campo do autor, 2021. Córrego Laguna Piru



Imagem 25 - Fonte: Trabalho de campo do autor, 2021. Córrego Laguna Piru

Esse córrego, nos dias de escassez de chuva, fica bem seco e somente no tempo chuvoso ele aumenta o seu nível da água. Conforme mostram as imagens acima, existe uma explícita falta de cuidado com sua preservação, inclusive por parte do poder público. Era um córrego símbolo do tekoha Laguna Piru, famílias o utilizavam para lavar roupas, tomar banhos, pegar comida para cozinhar; as crianças o utilizavam para brincar, entre outras coisas.

Atualmente, nesse lugar existe pouca mata ciliar, já que ela foi desmatada pelos não indígenas, isso implicou em uma grande mudança na paisagem. Quando estamos nesse lugar, mesmo com tantas transformações, é possível, de algum modo, reviver o tempo do antigos; em suas margens viviam muitas famílias. Apesar das grandes transformações da paisagem, do curso de água desse córrego, nos períodos de cheia é possível vislumbrar o aparecimento de peixes. Nas margens dessas águas existem ainda muitas minas e nascentes.

Fazendas no território da Laguna Piru

Fazenda Celina



Imagem 26 - Fonte: Trabalho de campo do autor, 2021. Fazenda Celina



Imagem 27 - Fonte: Trabalho de campo do autor, 2021. Fazenda Celina

A fazenda Celina fica a uma distância de quatro quilômetros da rodovia BR- 163, localizadas entre os municípios de Eldorado e de Itaquirai. Segundo os indígenas, toda essa área atualmente está ocupada por essas fazendas que antes pertenciam aos indígenas. Antigamente, existia uma imensa e linda floresta fechada, não havia desmatamento. A divisa dessa fazenda chega até o córrego do Morumbi, conforme a cartografia 4 feita por mim, que está no final deste capítulo.

Toda essa área da fazenda já era habitada há gerações pelos indígenas da Laguna Piru. Nos dias de hoje, existe ainda uma pequena preservação de matas às margens do córrego Morumbi. Isso mostra o restante do desmatamento pelos não indígenas após a expulsão dos indígenas dessas áreas. Os indígenas que são da Laguna Piru, que têm seu umbigo plantado ali, relatam que não existia divisa, nem cercas. Em outros tempos, nesses lugares só existia um grande tekoha que se chamava Laguna Piru.

Fazenda Beleza Pura



Imagem 28 - Fonte: Trabalho de campo do autor, 2021. Fazenda Beleza Pura



Imagem 29 - Fonte: Trabalho de campo do autor, 2021. Fazenda Beleza Pura

Essas imagens mostram duas fazendas que também se apropriaram do tekoha Laguna Piru. Atualmente, essa fazenda foi tomada pela plantação de cana-de-açúcar, pela empresa USACUCAR, que foi implantada nessa área. As fotografias mostram uma estrada abandonada que dava acesso, há muitos anos, a fazenda Beleza Pura, que faz divisa com a fazenda Jangada. Na época presente, essa estrada foi fechada pela fazenda ou pela usina e toda essa área está com monocultivo de plantação de cana-de-açúcar. O rio da Laguna Piru atravessa no meio dessas fazendas, segue seu curso e adentra na fazenda jangada.

Fazenda Jangada



Imagem 30 - Fonte: Trabalho de campo do autor, 2021. Fazenda Jangada

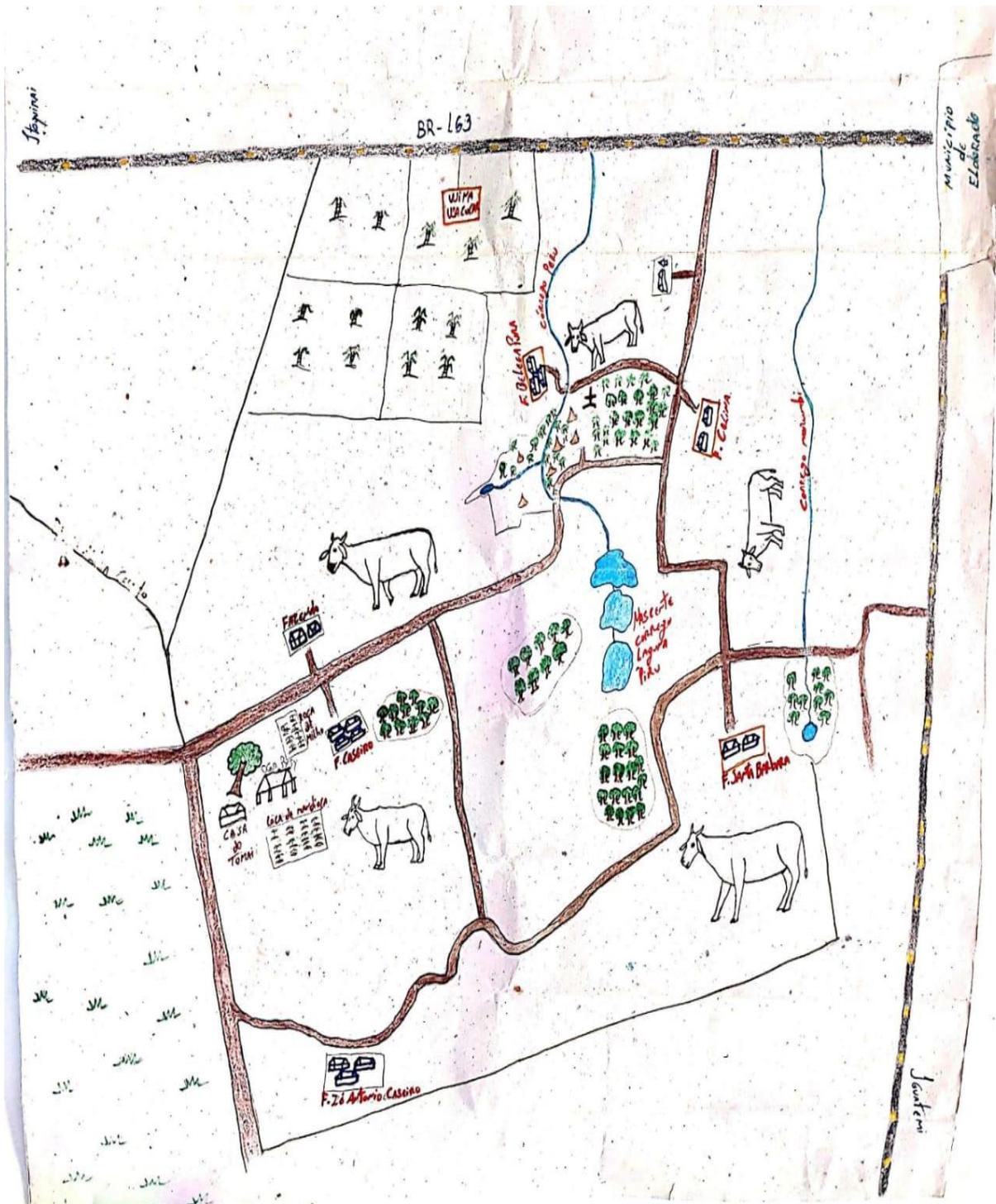


Imagem 31 - Fonte: Trabalho de campo do autor, 2021. Fazenda Jangada

Essa é a fazenda Jangada que está localizada há dois quilômetros da rodovia BR-163, entre os municípios de Eldorado e Itaquiraí. As fazendas como a Jangada, a Celina e a Beleza

Pura têm estradas de chão que dão acesso à aldeia Cerrito. Essa área tem atividade de pescaria e é uma paisagem triste do agronegócio. Todas essas fazendas estão sobrepostas ao tekoha Laguna Piru.

A seguir apresentarei duas cartografias a fim de elucidar esse processo de transformação ocorrido em nossos territórios. A cartografia 5 representará o que é possível encontrar no tekoha Laguna Piru, agora transformado em fazenda, o que implicou em uma mudança tanto no modo de vida do povo guarani quanto na sua paisagem. A cartografia 5 ainda representará a área da aldeia Cerrito e de Laguna Piru, a área pintada de cor verde corresponderá a área não demarcada da aldeia Cerrito. As fazendas que se apropriaram do território tradicional Laguna Piru são as fazendas Caseiro, a fazenda Beleza Pura, a fazenda Santa Barbara, a fazenda Celina, a fazenda Jangada, a fazenda Guarujá, a fazenda Vale Verde e a fazenda Zé Antonio Caseiro, onde também está localizado um acampamento da Igreja Católica Romana e Usina Usacucar/PR. Nas cartografias abaixo é importante observar duas nascentes que pertencem a aldeia Laguna Piru, onde está plantado o umbigo dos guarani que nasceram e viveram em Laguna Piru.



Cartografia 5 – Transformações no tekoha.
Fonte: Elaborado pelo autor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do trabalho de campo, na condição de pesquisador indígena, durante toda a minha vida fui aprendendo a importância de Laguna Piru para os meus parentes, amigos e para as pessoas que viveram, ou tiveram familiares que viveram em Laguna Piru. Pude compreender a importância desse tekoha para a vida do povo Guarani.

Apesar da transfiguração da paisagem, que transformou os modos de vida guarani, é possível lembrar, talvez até um sentimento de reviver, o tempo dos antigos, lembrar de pessoas importantes da nossa história, como o grande ñanderu e liderança Toma'í. Um dos momentos mais marcantes da conversa com meu pai foi escutar quando ele, ainda criança, começou a entender algumas coisas sobre o nosso território, sobre como Laguna Piru “já era silêncio”. Lembrou em nossas andanças de alguns tekohas que estavam no entorno de Laguna Piru: Ysypo, Taruma, Tamborakue, Viavakue, Semana Santa Kue, Yvau.

A cartografia anexada no final desse capítulo construí junto com meu pai, Elmo Benites. As memórias do meu pai são também atravessadas pelo silêncio, no sentido do desejo de saber mais e mais sobre o nosso lugar, sobretudo, sobre o desejo de que a nossa história e a nossa cultura, não fique perdida, não fique no silêncio.

No tempo dos antigos, os indígenas mantinham fortemente a sua cultura, a paisagem era também a representação de um tempo marcado pela alegria e fartura. Naquele tempo, as famílias não moravam muito perto umas das outras, cada membro da família do senhor Toma'í, e de outras famílias, construía suas casas com uma distância longa para poderem realizar suas atividades tranquilamente. Era uma vida marcada pela fartura de comida e de terra para fazer o tekoha nascer e renascer sempre quando necessário.

No roçado, cada membro da família plantava muita mandioca, muito milho, muita batata doce, abobora, amendoim etc. Cada um usava seus métodos de plantio para semear as sementes, a maioria das vezes eles conservam os alimentos que colheram e após algum tempo os replantavam, havia variedades cultivadas na roça; uma roça que alimentava o corpo e alma dos indígenas. Durante o período da colheita todos se ajudavam, o processo conhecido por puxirõ e cada vez mais raro em nossas comunidades.

Quero destacar aqui algo que me marcou muito. Segundo as entrevistas de Alexandre e Marilda Vera, o nosso avô Irineo Benites, hoje falecido, morava na Laguna Piru. Ele trabalhava

na roça, criava bastante porco e galinha caipira nesse lugar e sempre visitava os amigos próximos, tais como: Toma'í, Chaleu, Felica'í e demais famílias que moravam na aldeia Cerrito.

Logo após o seu casamento Irineu Benites se mudou para Cerrito, e foi ali que nasceu meu pai, Elmo Benites, atualmente uma liderança da aldeia Cerrito, e o professor João Benites, irmão de meu pai. À época, as famílias deixavam os seus lugares e se mudavam para outras aldeias, principalmente, para aldeia Cerrito. Era possível mudar, construir tekoha. Os karaí sempre perceberam o nosso lugar como “terra sem dono” e se apossaram do nosso tekoha. Como são poderosos e têm o papel para fazer valer o seu “direito” de proprietário, documentaram em cartório o nosso lugar de origem como se fossem deles.

Essa dissertação teve o objetivo de atuar/falar como uma resistência do povo Guarani, além de registrar boa parte do processo de esbulho dos meus parentes do nosso lugar, onde nosso umbigo está plantado. Cerrito e Laguna Piru, como tantos outros tekoha, foram usurpados pelos fazendeiros, e, no nosso caso, também pelos padres. Cada fazenda que foi “brotando” em nosso tekoha, mesmo expulsando os indígenas, nunca poderá apagar os nossos laços com os nossos antepassados, com o nosso lugar de origem. Assim, cada palavra que escrevi aqui, cada entrevista que pude fazer e transcrever, é para demonstrar, a partir de evidências científicas e sociais, de produção de resultados que resultaram na conclusão desta pesquisa, que o tekoha Laguna Piru é do povo Guarani e que, portanto, deve ser devolvido àqueles e àquelas que, de fato, são parte e origem daquele lugar. Já se passaram cinco séculos de colonização externa e internas, as frentes de expansão produziram muitos ciclos de etnocídio e os indígenas ainda vivem em meio aos flagelos proporcionados pelos karaí. Entre estes, esta pesquisa se dedicou ao caso do território tradicional da Laguna Piru, que ficou fora da demarcação correspondente ao período em que a aldeia Cerrito foi demarcada.

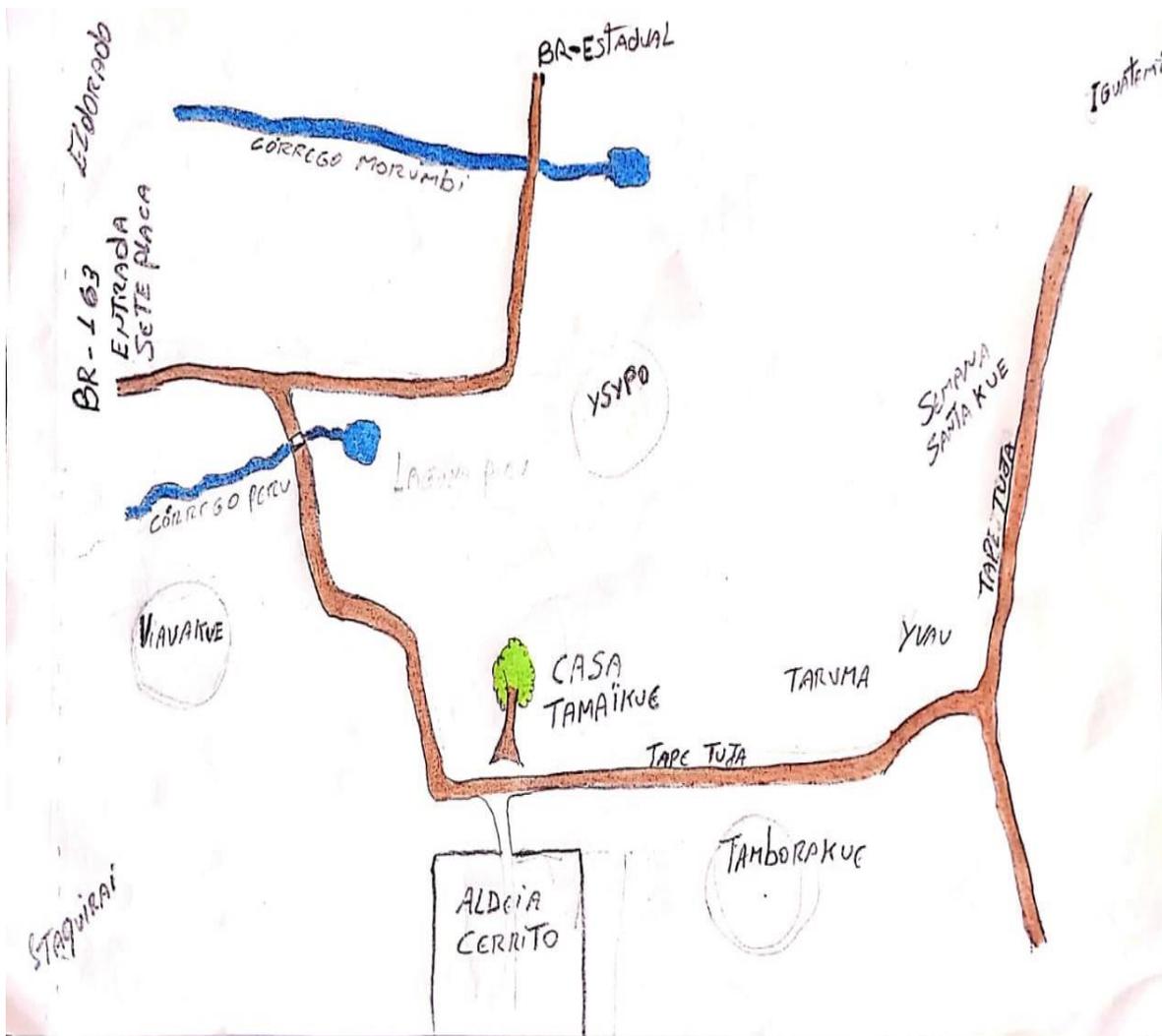
A comunidade indígena que se encontrava dentro da Laguna Piru fora removida pelas frentes não indígenas que ocuparam o território tradicional e que exploraram a mão de obra indígena no trabalho com a erva-mate. E, à medida que as terras foram sendo negociadas com novos compradores pelos herdeiros da Companhia Matte Laranjeira (1902-1952), os indígenas foram sendo removidos das aldeias tradicionais e confinados em pequenas áreas como confirmam as pesquisas acadêmicas.

A literatura histórica, associada aos relatos orais dos antigos moradores, mostra a precisão das lembranças guardadas e transmitidas de pai para filho, como é de se esperar nas sociedades cuja oralidade é a guardiã da história. Foi possível observar que estas memórias conservam o nome das famílias e dos antigos moradores, dos acidentes geográficos, que

conferem a legitimidade dos locais de ocupação tradicional, e dos nomes dos empreendimentos que incidiram sobre o território tradicional indígena da Laguna Piru. Não obstante, além do modo de vida que foi impactado com a chegada das frentes não indígenas de ocupação e as dificuldades de sustento decorrentes do esgotamento dos recursos naturais e da falta de oportunidades uma vez instaladas as fazendas.

As narrativas desta pesquisa ainda permitem verificar o manejo da memória para denunciar a lentidão no processo de demarcação, os nomes das pessoas que implantaram atividades econômicas no território indígena, ao longo dos anos, e sua relação com os indígenas, outrossim, da mobilização destas informações para ação política mais recente para a volta aos antigos territórios.

Durante a realização dessa pesquisa cheguei à conclusão de que as famílias da Laguna Piru, localizada no sul da aldeia Cerrito, no município de Eldorado, Mato Grosso do Sul, sofreram uma remoção de suas terras tradicionais. O senhor Zé Caseiro se apropriou das terras indígenas ilegalmente sobre Laguna Piru, não respeitou as famílias indígenas que já moravam há muito tempo no seu território tradicional. A região da Laguna Piru era tradicionalmente ocupada pelas famílias guarani ñandeva, as famílias relatam que os não indígenas exploravam a mão de obra indígena, pois era muito barata. Não menos importante, usou os indígenas para construir cercas, marcando a divisa, e eles foram responsáveis pelo desmatamento e por explorar as riquezas naturais da terra indígena Laguna Piru. As famílias foram pressionadas e ameaçadas a sair de suas terras ancestrais, os indígenas relatam que não resistiram pela saída, somente obedeceram a ordem dada pelo fazendeiro. Assim, uma palavra final seria a indicação da importância da memória e do seu registro na educação escolar indígena pelos professores indígenas, buscando auxiliar no diagnóstico dos desafios enfrentados pela comunidade, sobretudo, para o fortalecimento de sua identidade diacrítica como força de impulso de retomada do espaço que nunca foi perdido no campo da memória e que, por esta razão, pode ser recuperado no momento oportuno.



Cartografia 7. Tekoha Laguna Piru e seu entorno.

Fonte: Elaborado pelo autor em diálogo e parceria com meu pai Elmo Benites, 2022.

REFERÊNCIAS

- BENITES, Eliel. **A Busca do teko Araguyje** (jeito sagrado de ser) nas retomadas territoriais Guarani e Kaiowá. (Doutorado em Geografia). PPGG-UFGD, Dourados, 2021.
- BENITES, Eliel; PEREIRA, Levi Marques. Os conhecimentos dos guardiões dos modos de ser – teko jára, habitantes de patamares de existência tangíveis e intangíveis e a produção dos coletivos kaiowá e guarani. *Tellus*, Campo Grande, MS, ano 21, n. 44, p. 195-226, jan./abr. 2021.
- BRAND, Antonio Jacó. **O confinamento e o seu impacto sobre os Pãi / Kaiowá**. 1993. Dissertação (Mestrado em História) - PUCRS, Porto Alegre, 1993.
- BRAND, Antonio Jacó. **O impacto da perda da terra sobre a tradição kaiowá/guarani: os difíceis caminhos da palavra**. 1997. Tese (Doutorado em História) - PUC, Porto Alegre, 1997.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, [1994] 2012.
- CAVALCANTE, Thiago Leandro Vieira. **Colonialismo, Território e Territorialidade: a luta pela terra dos Guarani e Kaiowa em Mato Grosso do Sul**. Tese (Doutorado em História) – UNESP, Assis-SP, 2013.
- COLMAN, Rosa Sebastiana. **A Busca do Teko Araguyje (jeito sagrado de ser) nas retomadas territoriais Guarani e Kaiowá**. (Doutorado em Demografia). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015.
- LANDA, Beatriz dos Santos. **Os ñandeva/guarani e o uso do espaço na terra indígena Porto Lindo/Jakarey, município de Japorã/MS**. (Tese em Arqueologia). Faculdade de Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.
- MONTARDO, Deise Lucy Oliveira. **Através do Mbaraka: música, dança e xamamismo Guarani**. São Paulo: EDUSP, 2009.
- MOTA, Juliana Grasiéli Bueno. **Territórios e territorialidades Guarani e Kaiowá: da territorialização precária na Reserva Indígena de Dourados à multiterritorialidade**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – UFGD, 2011.
- MOTA, Juliana Grasiéli Bueno **Territórios, multiterritorialidades e memórias dos povos Guarani e Kaiowá: diferenças geográficas e as lutas pela Des-colonização na Reserva Indígena e nos acampamentos-tekoha - Dourados/MS**. (Tese em Geografia) – UNESP, Presidente Prudente, 2015.
- PEREIRA, Levi Marques. **Imagens Kaiowá do sistema social e seu entorno**. (Doutorado em Antropologia) – FFLCH, USP, São Paulo, 2004.

PEREIRA, Levi Marques. A atuação do órgão indigenista oficial brasileiro e a produção do cenário multiétnico da Reserva Indígena de Dourados, MS. **38º Encontro Anual da Anpocs**, 2014.

SOUZA SANTOS, Boaventura de. Descobrimento e encobrimentos. **Revista Crítica de Ciências Sociais**. N. 36, dez. de 1993, p.05-10.

POVOS INDÍGENAS DO BRASIL (ISA). Enciclopédia dos povos indígenas. Disponível em: **www.socioambiental.org.br**. Acesso em: 12 jan. de 2022.